







**Organização:**  
Apordoc – Associação pelo Documentário  
Videoteca Municipal de Lisboa

**Programação / Produção:**

António Loja Neves  
Fernando Carrilho  
Inês Sapeta Dias  
Madalena Miranda  
Nina Ramos  
Rita Forjaz

**Imprensa:** Marisa Cardoso

**Agradecimentos:**

Manoel de Oliveira  
Cinemateca Portuguesa / Museu do Cinema  
José de Matos-Cruz  
Luis Afonso  
José Manuel Costa  
Jorge Campos  
Jorge Silva Melo  
Rui Horta  
Pedro Lapa  
Luisa Ferreira  
Joana Vasconcelos  
Filipa César  
Modesto Navarro  
Henrique Amaro  
Nuno Rebelo  
Vitor Reia-Baptista  
Pedro Prista  
Gráfica Imprensa Municipal de Lisboa  
A todos os realizadores e produtores  
A todos os intervenientes nos debates

Apordoc - Associação pelo Documentário  
Rua dos Bacalhoiros, 125, 4º  
1100-068 Lisboa | Portugal  
Tel|Fax: 21 887 16 39  
TM: 93 870 16 90  
E-mail: apordoc@sapo.pt  
www.apordoc.ubi.pt

Videoteca Municipal de Lisboa  
Av. De Roma, 14 – P, 4º  
1000-265 Lisboa | Portugal  
Tel: 21 843 53 34  
Fax: 21 843 53 33  
TM: 93 870 16 90  
e-mail: panorama@videotecalisboa.org  
www.videotecalisboa.org



**ÍNDICE**

**Parte I – Que Panorama?**

- 010.* Duas ou Três Coisas sobre o Panorama | António Loja Neves  
*012.* A propósito do Panorama – três interrogações sobre o momento do documentário em Portugal | José Manuel Costa  
*014.* O documentário português à procura do seu tempo | Jorge Campos

**Parte II – Documentários Possíveis**

- 018.* A cara nua | Jorge Silva Melo  
*019.* Que panorama? | Rui Horta  
*020.* Heróis do efeito borboleta. Sem medo da esperança | Nuno Rebelo  
*022.* Postais de Portugal | Joana Vasconcelos  
*023.* Um Documentário para Duzentas e Trinta e Uma Capas de Discos | Henrique Amaro  
*024.* Inventariar instantes | Pedro Lapa  
*026.* Ringbahn | Filipa César  
*034.* As juventudes partidárias | Luís Afonso  
*035.* Três hipóteses para nos documentarmos | António Modesto Navarro  
*036.* Lisboa atrás | Pedro Prista  
*037.* Um Documentário sobre os Média em Portugal antes de haver Telenovelas | Vitor Reia-Baptista  
*038.* Luz para as abadias | Luísa Ferreira

**Parte III – Percursos no Documentário Português: Manoel de Oliveira**

- 050.* Porquê Oliveira? | António Cunha  
*051.* O Documentário | Manoel de Oliveira

**Parte IV – Panorama Mostra do Documentário Português**

- 056.* A Acabar  
*060.* Da Terra  
*064.* Em Comum  
*071.* Da Memória  
*074.* Da Cidade  
*080.* A Fazer  
*087.* Retratos  
*095.* Detrás do Palco  
*101.* Detrás do Traço  
*104.* Do Sair  
*109.* Filmes sobre Filmes



O *Panorama* que aqui se apresenta, pela primeira vez, nasceu do facto de sentirmos cada vez mais acentuada a falta de espaço de exibição e discussão para a produção nacional neste género cinematográfico. O que se anda a fazer nas escolas de cinema, nas pequenas e grandes produtoras, nos institucionais, no documentarismo experimental? Que possibilidades de exibição tem o novo documentário português? Será que este tem uma identidade própria, com fronteiras definidas? Qual é a paisagem que o recente documentário desenha, que temáticas aborda, que linguagens experimenta, e que futuro tem, no nosso país?

Partindo de uma série de questões, ali nasceu a vontade de juntar esforços, entre a Videoteca de Lisboa e a Apordoc.

Da parte da Videoteca, existia um percurso que era necessário continuar. A Videoteca organizava já a *Mostra de Curtas de Ficção* (destinada só a filmes produzidos em película) e a *Mostra de Vídeo Português* que comportava todos os géneros (ficção-vídeo, documentário, videoclip, video-arte). Ao abrir a *Mostra de Curtas* também aos formatos vídeo em 2005, esta instituição decidiu então compartimentar os géneros, sempre com o intuito de organizar eventos não competitivos e que possibilitassem a divulgação da totalidade (ou o máximo possível) da produção portuguesa desse ano.

Sendo assim, e decorrendo do seu Curso de Documentário, surgiu também no interior da Videoteca a necessidade e a vontade de criar um espaço que abarcasse a produção de documentário português dos últimos anos, e que tinha perdido um espaço privilegiado de divulgação que eram os *Encontros Internacionais de Cinema Documental na Malaposta*, onde se exibia de forma alargada o documentário português. Assim, a solução passou, naturalmente, pela conjugação de preocupações com a Apordoc, numa parceria que concilia vontades e saberes.

Pelo seu lado, na Apordoc, reflectia-se sobre o recente desenvolvimento da produção do documentário em Portugal, e os problemas de exibição que a este se aliavam.

O festival *DocLisboa*, festival internacional que engloba alguma desta produção, não podia incluir um número tão significativo de filmes portugueses, e tentou-se então, na ideia deste *Panorama*, encontrar formas de mostrar, analisar e debater os caminhos que percorrem estes filmes.

Esperamos que este *Panorama* seja, antes de mais, um local de encontro dos documentaristas nacionais entre si e com o público, abrindo espaço para a exibição de uma produção que urge unificar, incentivando quem filmou a continuar, criando hábitos novos, e mais críticos, de ver, de reflectir e de aprender o que pode ser o cinema documental.

Que Panorama?



## Duas ou Três Coisas sobre o Panorama

Um evento não necessita obrigatoriamente justificar-se. Tem o seu valor naquilo que propõe ao público e lhe dá a ver e nos objectivos a que se propõe. É nisso que reside tanto o seu valor quanto a justificação da sua existência. Mas porque se trata de documentário português, nos tempos que correm, vale a pena tecer umas palavras para falar do *Panorama* e da sua existência.

Primeiro, porque no seio da «comunidade» mais ou menos organizada dos documentaristas portugueses se vai tendo alguma discussão sobre como «proceder»: como investigar, como captar e como mostrar o que se está realizando neste campo específico da cinematografia nacional.

Segundo, porque a mostragem de uma grande parte do que se vai fazendo em Portugal neste particular permite bases para o debate mais sério e concentrado sobre a questão da evolução do documentário entre nós, seus eixos e dissimetrias, seus «desvios» e potencialidades.

Digamos que faltava espaço – e, portanto, faltava igualmente um espaço determinado – para que, apresentando uma grande parte da produção, ficasse exposto de maneira mais ordenada o desenho da nossa actividade, e assim fosse mais acessível vislumbrar o seu perfil actual.

O documentário atrai, hoje mais do que nunca, um sem número de criadores. Porque estará na moda, é certo, porque realmente os meios de produção se tornaram muito acessíveis, mas, sobretudo, porque na sociedade portuguesa há uma vontade flagrante de expressar ideias e de testemunhar que não deve ser desprezada, porquanto tem um imenso potencial e pode transformar-se num excelente ponto de partida para uma aventura que vale a pena ensaiar.

As televisões nacionais «esnobam» deste potencial, satisfazem-se do marasmo de reportagens temáticas que encomendam e apresentam por documentários, não arriscam, nem sequer sentem o que outras estações internacionais já testaram: o documentário tem público e os canais de televisão deviam tratá-lo com a importância que ele tem, programando-o inteligentemente, pertinentemente, e ganhando com isso.

Os circuitos de comercialização do cinema deram alguns passinhos tímidos, «pitorescos» ou simbólicos, mas ainda ninguém teve a ousadia de destinar uma sala à programação contínua de documentários. É é pena, poderia constituir uma aposta pioneira ganha.

Um tão aguardado circuito paralelo não está (ainda?) montado, vive de suspiros, de perspectivas teóricas e de expectativas há um ror de anos. Hoje em dia, com uma rede de cine-teatros que vai cobrindo o país e que se complementa magnificamente (sim... magnificamente, tendo em conta em especial as características dos nossos «produtos») com instalações bem apetrechadas das autarquias, falta ao «movimento» documentarista um instrumento próprio – uma agência formal, eficaz, que programe, sugira e coloque junto dos seus públicos, com critério e espírito inovador, os documentários portugueses – que distribua, seguindo princípios determinados e uma filosofia de desenvolvimento, os materiais de que já dispomos.

No meio deste panorama desconcertante extinguiu-se também aquele que era o derradeiro ponto de amostragem da produção nacional anual, que tinha sede nos Encontros Internacionais do Cinema Documental que se realizaram durante doze anos seguidos nas instalações do Centro Cultural da Malaposta. Aí, a produção portuguesa que se candidatasse tinha direito de pantalha e era programada. É claro que a tal condição, com o aumento de uma produção que se adivinhava crescente, se colocavam já os problemas com que depois se confrontou o festival Doc Lisboa, seu «herdeiro»: um projecto internacional teria que conter a representação nacional através quer do número quer da qualidade dos trabalhos.

Assim foi crescendo a necessidade de um local onde, de forma mais concentrada, se pudesse vistoriar a produção recente portuguesa de documentários. E termos, de uma assentada, lugar apropriado para se saber o que se faz neste momento – um pouco por todo o lado, em escolas, produtoras, instituições... – e onde seja dada a possibilidade de discutir essa produção – e também como se faz, como se trabalha o documentário entre nós e como poderia ser trabalhado. O melhor seria, julgámos, criando um ponto de encontro onde tal debate pudesse abranger grande parte dos criadores e dos seus públicos, trazer novamente para a ribalta algo que é querido ao conjunto dos documentaristas: o questionar cíclico dos seus rumos através da discussão de ideias.

É este o destino que queremos para o *Panorama*. Que seja uma mostra viva, exigente, mobilizadora, onde todos estejam à vontade mas igualmente com o desígnio de investir na palavra e na polémica, no olhar interessado e mobilizador, sejam público ou «malta» do documentário. Um sítio onde, ano a ano, se vá olhando e debatendo o que é e o que pode ser este olhar cinematográfico, o mais intenso que existe.

Um local onde, exigentes e solidários, público e criadores possam ir construindo a comunidade cinematográfica que faz falta em Portugal e que pode deixar-lhe, ao país, um legado invulgar: a memória colectiva de mil bocados feita, através de filmes que vão evoluindo porque se discute em torno deles.

Sem esquecer os alertas dos contributos importantes dos textos de José Manuel Costa e Jorge Campos que a seguir publicamos; tendo em linha de conta os tópicos interessantíssimos quanto díspares dos nossos convidados cujos testemunhos e sugestões também damos à estampa e que constituem boa achega para se perceber como nascem as ideias para um documentário, como se vão perseguindo temas durante tempos e tempos, como se criam sinergias, como se estrutura um percurso de criação...

Sobretudo, não deixando de ter em mente a reflexão que nos serve de signo, da lavra de Patrício Guzman: «Um país sem documentários é como uma família sem álbum de fotografia».

Que seja exigência comum que o «álbum» tenha qualidade e possa transformar-se, dentro de tempos, em memorável referencial.

*António Loja Neves*

# 1. Mais ano menos ano, o Panorama nasce quando se está a fechar uma década sobre os primeiros filmes do novo documentário português – o documentário de uma geração cujas obras de arranque foram surgindo na segunda metade dos anos noventa. Não foi pouco o que mudou nesta década. Por muito que o passado também se revele e por muito que se reivindicuem filiações, não creio (contrariamente a outros) que este tenha sido um espaço de continuidade em relação ao nosso cinema anterior, podendo aliás até ter sido um dos raros casos, depois do Cinema Novo e independentemente da maior ou menor força das obras, em que tal não aconteceu. Mas a mudança de meados da década de noventa não é sequer toda a mudança dos dez anos que decorreram desde então, e aqueles que arrancaram na altura vêem-se a filmar no meio de um *boom documental* que pode já ser outra coisa. O que é de facto esse *boom* e que consistência tem (se é que minimamente a tem)? Globalmente, o que está em causa é ainda uma “geração de cinema”? A pergunta não é retórica e não visa rigores classificativos. Faço-a por duas razões muito concretas. Por um lado, para separar qualitativamente as águas: numa grande parte destes títulos, o *menor trabalho* sobre a imagem e a falta de um olhar que assenta numa ideia sobre isso (sobre o espaço e o tempo das imagens) é de facto apenas isso – um menor trabalho. Encaixo nessa categoria a panóplia de “obras audiovisuais” que se só sustentam no seu assunto, ou aquelas que acreditam que a oportunidade de “estar lá” (seja onde for, com quem for) e de mimetizar uma suposta espontaneidade do olhar, é produtiva e “nova”. Mas há o outro lado desta moeda, que põe a exigência, também, do lado de quem vê: o “olhar” e o “trabalho da imagem” existem, e de que maneira, como exercício artístico em terrenos que já não são os *do cinema*. Nesse outro sentido, o documentário pode estar de novo a funcionar como charneira, já não por dentro do território do cinema (como várias vezes *foi*, no passado, mormente nas vanguardas dos anos vinte, ou nos inícios de sessenta, ou em algumas áreas do cinema moderno nas últimas décadas do século que terminou) mas entre o cinema e outras “artes das artes”, cuja natureza é distinta. Face à avalanche quantitativa precisamos tanto de uma coisa como da outra: por um lado, ser capazes de separar o cinema de um audiovisual apressado, senão apenas preguiçoso ou vazio; por outro, perceber onde é que há olhares fortes que pertencem a um terreno artístico outro, porventura inclassificável. O Panorama tem de servir para as duas.

## 2. *Boom documental* não significa necessariamente maior investimento na área, nem desenvolvimento dos meios e das condições de produção – e, comparado com esse *boom* (de criadores, de público...), o contexto de financiamento revela-se aliás bloqueado ou em regressão. Um dos temas em discussão no Panorama não pode deixar de ser a dificuldade de produzir hoje, em Portugal, alguns tipos de filmes que, justamente, mais transformaram o contexto do género nos anos noventa. Por um lado, a televisão persiste em não querer investir no “documentário de cinema” (uma categoria cuja referência continuo a defender, e que, pese embora a aparente contradição, interessa ao mundo televisivo precisamente na medida em que pode fugir às convenções dele e com isso funcionar como laboratório do seu futuro). Por outro, algumas instituições apoiantes que tiveram impacto conjuntural na década de noventa desapareceram (caso da Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses) e outras não lhe seguiram os passos – como, há uns anos, se esperava que viesse a acontecer. Finalmente, o investimento através do ICAM não cresceu em proporção com o crescimento dos criadores e do público nesta área, e os critérios de apoio encorajados pela regulamentação em curso (embora não tão impositivos como por vezes se sustenta...), padecem ainda de uma ideia de documentário-registo-de-património que é a negação mesma do lado mais inovador (e *criador de património*) que marcou a renovação total da área entre nós.

Tudo isto tem de ser dito, e há que tentar aliterá-lo. E contudo..., por outro lado ainda, também aqui há outra face da moeda. Agora que há uma comunidade dedicada ao documentário, julgo que mal iria esta se mais não visse do que este tipo de bloqueios e este tipo de limitações no *financiamento*. Se a porta aberta nos anos noventa está a ser usada, em boa medida, pelo lado da facilidade (o *momentum* do documentário, cruzado com as novas tecnologias, visto como oportunidade de produzir muito e depressa), é também porque algo o ameaça por outros lados. Esse “algo” pode ser endémico e ter aspectos específicos do contexto português, mas, indo só por aí, creio que seguiríamos falsa pista. Chegado a este ponto, volto a uma questão que me parece essencial para ler a situação presente: ao arrepio do que sucedeu durante quase toda a história do documentário em Portugal, agora, pela mão da geração-dos-anos-noventa, o paradigma documental, no nosso país, deixou de ser fundamentalmente distinto do que marca o género no contexto internacional. Nesse sentido, por muito que o contexto de financiamento se tenha estreitado, por muito que os mecanismos de apoio se tenham drasticamente reduzido, por muito que a diversidade de caminhos, em Portugal, seja muito mais pequena do que noutros países, há também que perguntar o que é que os novos autores, surgidos a cada dia, querem realmente filmar, há que saber se querem pegar nos desafios do documentário de cinema – da sua ambição, do seu *tempo* – como outros antes deles, e há que ver se, quando esta ambição ou essa capacidade não existem, isso não será justamente o elo português de uma questão hoje generalizada, e ligada, passe o paradoxo, ao êxito do documentário e à sua inédita padronização (convencionalização, industrialização...). Hoje, por uma vez, os problemas do documentário em Portugal são também os problemas do documentário *tout court*. E, esses, são muitos, são novos, e são muita outra coisa para além de problemas de financiamento.

# 3. Se há, nos últimos anos, algum fenómeno local que vale a pena olhar com mais atenção – e que, aliás, esse sim, traz ressonâncias óbvias da nossa própria história de cinema – é o caso dos filmes realizados no terreno documental por alguns autores *de ficção*. Na última meia década, entre 2000 e 2005, foram frequentes essas incursões, de Pedro Costa a Joaquim Sapinho (de *No Quarto da Vanda* a *Diários da Bósnia*), passando por muitos, muitos outros, de Oliveira a Fernando Lopes, de Jorge Silva Melo a João Mário Grilo, de João Botelho a Teresa Villaverde, e incluindo o caso *sui generis* (porque sem aparente retorno) de Joaquim Pinto. No caso dos dois citados em primeiro lugar, temos exemplos flagrantes de títulos que, mais do que levar-nos a sublinhar que estão para além das questões de género ou de fronteiras de género (o lado mais referido e de menos interessante análise) pediriam, isso sim, alguma atenção sobre as consequências que tiveram, ou estão a ter, nos *dois lados* da produção em Portugal, senão, à partida, nos seus autores. *Vanda* marcou o terreno do cinema (*tout court*), no seu retorno, em espiral, às origens, mas, antes disso, recentrou e libertou o cinema de Pedro Costa. *Bósnia* é um filme denso e secreto, em que o intervalo, ou desfasamento, entre rodagem e pós-produção foi usado como matéria-prima de um trabalho sobre as relações espaço-tempo que, por ter sido capaz de se transformar num novo *percurso* – e não, justamente, numa “reflexão” – tem uma densidade que está nos antípodas de grande parte dos documentários-memórias-de-guerra sobre o mesmo assunto ou assuntos afins. Nenhum dos outros documentários sobre as guerras dos Balcãs, ou sobre a memória dessas guerras, me deixou este rasto, ou teve para mim o efeito deste *trabalho do silêncio*.

José Manuel Costa

Se há discurso cujo entendimento exige a presença da historicidade esse discurso é o do documentário. Poderá contrapor-se assim ser para todo o discurso e é verdade. Mas, no caso do documentário é no confronto com a História, recolhendo subsídios de cada época, que nos é permitido desenhar um quadro dinâmico em função do qual é legítimo encará-lo como aquilo que é e sempre foi, ou seja, uma série de transformações. Nesse sentido, procurar identificá-lo é um jogo de permanente afirmação e negação, ocultação e descoberta que se joga no território do cinema, mas que acolhe, por efeito da transversalidade dos *media*, um sistema alargado e contraditório de possibilidades de interpelar criativamente o real. Referindo-se ao documentário do pós-guerra, Bazin admitia que a confiança do público no que via era condicionada por outros meios de comunicação social como a rádio, o livro e a imprensa. Antes dele, já Grierson se apercebera disso.

O documentário português — 10

Nessa medida, a interpelação do real, que é interpretação, manifestando-se pelo modo de dizer e pelo que é dito, resulta sempre de tecnologias, as quais, sendo indutoras de linguagens, delimitam igualmente o espaço a partir do qual se concretiza a relação com o público. Nos filmes de Michael Moore, por exemplo, há um dispositivo cinematográfico ao qual estão associados, tal como nos filmes de Tarantino, recursos e significantes de uma paleta muito alargada, das imagens de arquivo às imagens *in loco*, da música *pop* aos jogos de vídeo, do cinema de animação à reportagem televisiva, da comédia clássica à *agit-prop*. A sua eficácia resulta disso mesmo. Assentando numa estratégia de significação que acolhe múltiplos contributos provenientes da cultura de massas, *Roger and Me*, *Bowling for Columbine* ou *Farhenheit 9/11* tanto podem ser exibidos em sala quanto passam no pequeno ecrã ou circulam em DVD.

O documentário português — 10

O que me leva a mencionar Michael Moore é a notoriedade, não o gosto. Felizmente, não há unanimidade em torno dos seus filmes, como não há em torno dos filmes de Wiseman, Morris, Rouch, Broomfield, Varda ou Pelechian, como no passado não houve em torno da série *Why We Fight*, de Capra, ou nem houve nem há a propósito seja do que for, e mais: os problemas que agora os filmes de Moore nos levantam têm a idade do percurso institucional do documentário. O que hoje se discute não é, com efeito, muito diferente daquilo que os protagonistas do movimento documentarista britânico discutiram durante anos a fio e que, apesar das inúmeras declinações, pode resumir-se a uma reflexão em torno de três eixos: *arte/reportagem*, ou seja, o estatuto do documentário enquanto objecto estético e enquanto registo de acontecimentos; *verdade/ponto de vista*, que equaciona a questão perene da objectividade do documentário face à subjectividade dos seus métodos, discursos e modalidades; *instituição/formas*, que procura articular a produção de documentários com diferentes variáveis de ordem política, económica e social, num quadro de conhecimentos e expectativas por parte do público que, embora possa não ser imediatamente perceptível, tem implicações de ordem prática e de valor de uso.

O documentário português — 10

Nenhuma destas questões é estranha ao documentário português contemporâneo, sobretudo quando não parece excessivo admitir a emergência do embrião de um movimento documentarista em Portugal. Finalmente. Mas, no nosso caso temos um problema óbvio com a historicidade. Falta-nos a memória e o pensamento teórico que são património de outros países onde o movimento documentarista se foi afirmando ao longo de períodos mais ou menos alargados e em contacto com experiências tão diversas quanto o foram as vanguardas artísticas dos anos 20 e 30, o estilo de jornalismo cinematográfico de *March of Time*, o experimentalismo do pós-guerra, nomeadamente em França com o movimento dos 30, as aventuras do *direct cinema*, do *cinema-vérité* e do *free cinema*, para já não falar da complexa rede de relações entre o documentário e a televisão nos países anglo-saxónicos, de um modo geral, e nos Estados Unidos, em particular. Sem nada de comparável a estas experiências – e é bom não esquecer que tivemos meio século de ditadura e, já agora, as chamadas de atenção de António Ferro para a “lamentável qualidade do documentário português” do seu tempo – o que parece ter prevalecido foi uma tendência natural, dado o prestígio de alguns cineastas portugueses contemporâneos, para fazer uma leitura do documentário ajustada a critérios que basicamente presidem ao cinema de arte e ensaio e remetem para a política dos autores.

Se o entendimento for este, não há, realmente, muito a dizer. Filiado nas vanguardas artísticas o único exemplo, tardio e excepcional, é *Douro, Faina Fluvial*, de Manoel de Oliveira. Até *Belamino*, do qual Fernando Lopes diz lucidamente tratar-se de cinema indirecto, à excepção da reincidência de Oliveira com *O Pintor e a Cidade*, o *Pão* e *O Acto da Primavera*, pouco resta. Os cineastas que viriam a dar corpo ao Novo Cinema Português fizeram incursões no documentário, mas sem que isso tenha correspondido a uma opção de fundo. Há António Campos, notável a vários títulos, e a obra de António Reis e Margarida Cordeiro, curta, mas profundamente original. E logo após o 25 de Abril, fizeram-se muitos filmes militantes, interessantes como documentos, pontualmente mais do que isso.

O documentário português — 10

A História do documentário, porém, não se confina aos momentos excepcionais. É mais complexa e desconcertante. Henri Langlois, por exemplo, via no movimento documentarista britânico uma exemplar escola de cinema. Em determinados aspectos tê-lo-á sido. Mas, segundo John Grierson, o movimento, tal como ele o concebeu, resultou de uma ideia que não surgiu do interior do mundo do cinema, mas da Faculdade de Ciências Políticas da Universidade de Chicago, no início dos anos 20. Essa ideia, indissociável da propaganda num contexto de expansão dos meios de comunicação social, viria a conhecer na abordagem cinematográfica um permanente movimento pendular no sentido de encontrar um equilíbrio entre a dimensão estética e a urgência retórica de afirmar aquilo que se supunha ser necessário informar. O pêndulo, diga-se em abono da verdade, quase sempre esteve desalinhado a favor de uma produção que procurou mais responder aos sinais dos tempos, buscando uma eficácia imediata, do que ascender ao plano da Arte, o que também aconteceu. Edgar Anstey, colaborador próximo de Grierson e um dos autores de *Housing Problems* (1935), filme habitualmente apontado como o ponto de viragem para a deriva mais jornalística do movimento, refere-se a essa ambivalência nos seguintes termos:

O documentário português — 10

“Suponho poder dizer que Grierson era basicamente um professor, um educador (...), ainda que fosse simultaneamente algo esquizofrénico quanto à separação do propósito social do documentário de uma qualquer declaração apaixonada sobre arte, palavra que ele nunca nos permitia pronunciar. Mas, por outro lado, se algum de nós fizesse alguma coisa que pudesse ser encarada fora do contexto artístico (...) fazia desabar toda a sua ira sobre o visado porque acreditava, como eu acredito, que apenas se pode comunicar através da arte<sup>1</sup>”.

Creio que todo o documentarista entende o dilema de Grierson. O documentário existe no presente e para transformar o presente. Essa é, porventura, a sua principal função. Não surpreende, por isso, que toda a História do século XX possa ser contada através do documentário, sendo que os seus episódios mais estimulantes são aqueles que convocam a imagem como um símbolo que remete para algo fora de si requerendo, nessa medida, uma organização cujo enunciado é prioritariamente visual. Também não surpreende que em épocas de crise de valores, como aquela em que vivemos, quando as indústrias da consciência apostam tudo na evasão, o documentário ressurja, no plano simbólico, como imperativo do regresso ao real. Mas, historicamente, quando situações deste tipo ocorrem, as opções narrativas são muito diversificadas e, como tal, objecto de frequentes e acesas controvérsias. Nos Estados Unidos, por exemplo, impôs-se um tipo de filme associado ao cinema independente que não hesita em utilizar os dispositivos da televisão e se perfila não só como arma política, mas também como campo discursivo de carácter transversal.

O documentário português — 11

O documentário português contemporâneo, apesar de circunscrito a um espaço de circulação ainda reduzido, nem por isso deixa de participar neste debate globalizado. Convive com Michael Moore, conhece José Luis Guerin, aprende com Nicolas Philibert e descobre Ross McElwee. Tem, por outro lado, um punhado de jovens realizadores com filmes interessantes e muitos outros a reclamarem uma oportunidade. Há os encontros de Serpa, a Apordoc e o Doc Lisboa, bem como um conjunto relevante de protagonistas como Pedro Sena Nunes, Catarina Mourão, Catarina Alves Costa, Pedro Costa, Graça Castanheira, Saguenail, Regina Guimarães, Margarida Cardoso, Diana Andringa, Pierre-Marie Goulet, Serge Tréfaut e outros mais. E se os motivos que deram origem a este movimento carecem de estudo mais aprofundado, é consensual a importância do trabalho de Manuel Costa e Silva e de José Manuel Costa, o papel dos Encontros Amascultura, o financiamento à produção de documentários por parte do Estado via Ministério da Cultura e o efeito da *Odisseia nas Imagens* (Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura), que abriu espaço ao documentário nas escolas do norte do país. Mais recentemente, outras iniciativas no campo da formação começaram a ganhar o seu espaço, como sejam os Cursos de Documentário da Videoteca de Lisboa e o Ciclo de Fotografia e Cinema Documental *Imagens do Real Imaginado*, do Instituto Politécnico do Porto.

Tematicamente, a produção portuguesa recente é muito diversificada, destacando-se nomeadamente a tentativa de recuperação da memória de episódios relacionados com a guerra colonial e a perseguição política no tempo da ditadura. Há, também, uma tendência que aposta na divulgação de vultos importantes da cultura portuguesa e um grande número de abordagens, feitas de diferentes perspectivas, sobre matérias relacionadas com o quotidiano. Por vezes, prevalece um certo tom pedagógico, outras a procura de uma maior liberdade poética. Contudo, salvo raras excepções, como acontece com Pedro Costa, talvez falte ainda algo da urgência radical que permita responder de forma igualmente radical aos desafios do presente. Talvez falte ainda agressividade ao corpo-a-corpo com o real.

O documentário português — 11

Concluo chamando a atenção para dois aspectos sobre os quais me parece importante reflectir. Em primeiro lugar, se o documentário é sempre um produto da sua época e, portanto, contingente e variável, deve simplesmente rejeitar qualquer tentativa de tutela administrativa do gosto. Pelo contrário, como sempre aconteceu na sua melhor tradição, tem de assumir riscos e explorar criativamente todos os meios disponíveis de modo a elucidar o presente e, assim, travar o combate pelo futuro. Uma vez os resultados serão melhores, outras, piores. Paciência. Em segundo lugar, é urgente dar maior visibilidade ao documentário português. Os circuitos alternativos foram sempre uma forma de divulgação. Seria interessante pensar numa rede que se fosse alargando progressivamente, bem como em edições em DVD. Mas, o grande palco terá obviamente de ser a televisão e em particular o seu serviço público. Sobre esta matéria, que é tão importante para o documentário quanto para a redefinição estratégica e legitimação do serviço público, está quase tudo por fazer. Por isso, aguardando melhor oportunidade para discutir o assunto, por aqui me calo, até porque acabou o espaço que me foi concedido, mas não sem antes me congratular por esta iniciativa da Apordoc e da Videoteca de Lisboa, cuja seriedade e sentido de missão são uma garantia de futuro para o documentário português.

O documentário português — 11

Porto, 18 de Novembro de 2005

*Jorge Campos*

---

1. Sussex, Elisabeth – *The Rise and Fall of British Documentary (the Story of the Film Movement Founded by John Grierson)*, University of California Press, Berkeley, Los Angeles, London, 1975, 96

Documentários  
Possíveis



## A cara nua



Aquilo de que eu gosto é de ver caras, não de ver corações, tenho vergonha das vísceras, gosto de ver caras opacas, presentes, silenciosas, caras sem maquilhagem, caras que se prestam a ser filmadas, enrugadas, sem rugas, caras que olham e vozes que falam, aquilo de que eu gosto no documentário é conseguir vislumbrar caras, estar perto de quem não conheço, das caras que nunca conhecerei, que apenas naqueles segundos se metem pela minha vida adentro, caras.

Mesmo naqueles documentários que vão atrás e nos enchem de documentos de época, é nas caras que me fixo, caras de circunstância, de cerimónia oficial, caras esquecidas, é disso que gosto e posso passar horas inteiras, dias, a olhar. É passo.

É quando penso num documentário – e penso muitas vezes – penso no silêncio das caras, na pausa, na respiração da pessoa e, como, na montagem, tenho que respeitar não apenas a informação veiculada, mas o tempo, a voz, a hesitação, essa imprescrutável presença da memória na cara, no rosto, nas mãos que entram e saem do enquadramento, mãos bailarinas sempre, caras secretas como as árvores.

Falo do que gosto de filmar, a cara de Glicínia Quartin, o seu sorriso, a cara de Álvaro Lapa e o seu segredo: mas são as caras o que guardo dos filmes que mais me comoveram, os Rouch de antes-da-doutrina, as caras de *Moi*, *Un Noir*, as caras dos soldados em treino de Wiseman, as caras da gente que avança, das operárias dos Lumière filmadas, cautelosamente, de longe.

É a cara filmada no documentário que pode rasgar essa cara formatada, cara sorridente das televisões com os seus pós-anti-brilhos e as suas próteses dentárias, essa superfície lisa que vomita informações, dita a moda e me atrofia.

Queima-me o rosto de Jaime no filme de António Reis, queimam-me os passantes de Vertov, ardem-me os olhos de quem vejo.

É diria Gastão Cruz é “outro nome” o deste rosto, outro rosto o que rasga o écran. É o documentário pode rasgar a tela, sim, fazendo as caras avançar até mim.

É toda a ficção tem sempre um documentário subjacente – e aquilo que mais vejo no *Quando o Rio se Enfurece* de Kazan é o documentário que ele e a montadora vão fazendo sobre a doença de Montgomery Clift, o seu olhar incerto, os olhos a piscar antes do corte, a cara, a cara da dor.

É quase sempre a cara da dor a que o documentário me oferece, a cara de quem procura a expressão, a lembrança, o passado. Ou o entusiasmo, o inexplicável entusiasmo dos camponeses na *Lei da Terra* do Grupo Zero.

Por isso, agora, no refluxo de tantas coisas, eis que me prendo ao sorriso da Glicínia Quartin no filme que, com ela, o ano passado fiz: é como quando Lautréamont lança o seu “je vous salue, vieil océan”, um desafio, uma aposta, um amor.

Filmar é filmar caras ( não necessariamente em grande plano).

É às vezes quase não as vemos, passam pela tela, naquele espasmo que Bacon cantou.

Novembro 2005

*Jorge Silva Melo*

## Que panorama?



“Do alto do monte avistam-se todos os lugares” (poema Zen). Em pequeno, com os meus irmãos, coríamos para ver quem primeiro lá chegava. Descobrir o horizonte é tão natural como qualquer reflexo vital. Passados tantos anos ainda o procuro e, talvez por isso, vim encontrá-lo fora da cidade – depurado e libertador, indispensável ao meu equilíbrio, à minha homeostase. Nas grandes metrópoles onde até então tinha vivido, esse horizonte há muito que era vertical, pois o homem tinha conquistado a paisagem. É injusto ter de levantar a cabeça para ver o céu.

Ninguém diz: “vou de férias para aquele quarto” ou “para a frente daquela parede” (passamos a vida a pintar paredes com a cor dos nossos sonhos). O mote da nossa fuga é sempre o “longe daqui”, uma qualquer praia ou o alto da tal montanha.

O homem, ponto no espaço, é o texto que se inscreve no horizonte, desenho imperfeito em folha de papel branco. Cultura *versus* Natura.

Num mundo de cidades, onde desde há muito o urbanismo desapareceu, a onnipotência da construção sobrepôs-se aos sentidos, o homem teve de ajustar-se. Diziam os mestres Zen que “nós somos o que comemos”, Peter Gabriel diz que nós somos o que vemos. Eu diria que nós podemos também ser aquilo que imaginamos.

Hoje, *Panorama*, é ver e sentir nas entrelinhas, é manter a percepção selectiva e os sentidos despertos. Por isso, a arte é um contraponto, o questionar do “mainstream” e dos discursos uniformizados; David frente a um Golias que num primeiro impacto não lhe dá tréguas.

Nesta miríade de informações, num mundo que é um rizoma inexoravelmente fragmentado, o discurso do “panorama” torna-se individual e contrário a qualquer moral unificadora.

Contra o bilhete-postal contrapõe o olhar da descoberta. Face ao turismo emocional e ao “mainstream” dos media contrapõe o discurso da diferença e da visão pessoal.

É que hoje todos correm ao mesmo tempo para o mesmo monte e para a mesma vista. A massificação dos sentidos é a mesma da visita organizada; benvindos ao pacote de férias mental!

A alternativa é o discurso do detalhe, opção tão dolorosa como solitária, mas plena de surpresas e fascínio: a dúvida enquanto método.

Numa sociedade de terceira vaga, em que os serviços e a informação geram universos de enorme complexidade, quem decide por nós são os próprios sistemas globais e os interlocutores de mercado mais fortes. A capacidade de decisão individual está na proporção da capacidade de distanciamento de cada um.

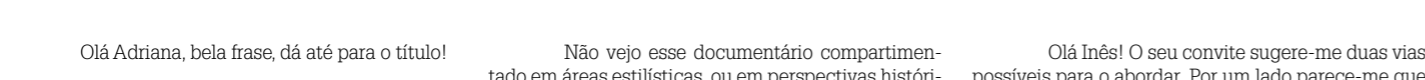
Os sentidos estão adormecidos, o limiar da excitação é enorme, o mundo é um enorme “blockbuster”.

A arte, ao quebrar com territórios informais, vai direito a dispositivos que estimulam a sensibilidade e a sofisticação da experiência perceptiva. Potenciar o detalhe num mundo de “fast food”, de “sightseing” e de subordinação aos média, é em si um “statement” político e, no fundo, o que a arte sempre foi, o outro olhar sobre o mundo, a pedra no sapato, um olhar reactivo e que nos faz reflectir.

*Rui Horta*



## Heróis do efeito borboleta. Sem medo da esperança<sup>(1)</sup>



Olá Adriana, bela frase, dá até para o título!

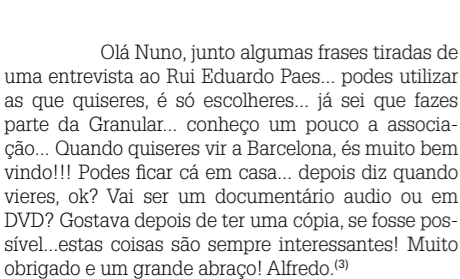
Olá Inês, estou a trabalhar nisto, sim, ainda não sei como vai ser o resultado mas penso em breve poder enviar-lhe algumas ideias. O texto será quase como um documentário de si próprio. Verá... Só espero receber frases que solicitei por e-mail a várias pessoas, tendo recebido até agora apenas duas ou três. O adiar do prazo deu muito jeito! Até breve! Não hesite em enviar-me emails. Têm em mim um efeito de gasolina, fazem-me andar pra frente! Obrigado. Nuno.

Estou em Viena e resolvi aproveitar os momentos livres que vou ter durante esta semana para começar a pôr em palavras as ideias fragmentadas que me começam a surgir para este texto. Ora bem, texto para um catálogo, acerca de um documentário, urgente pois claro, sobre a prática de músicas experimentais em Portugal. Tal como vejo este texto, fragmentário, assim veria o documentário: uma concatenação de ideias várias, contrastando modos de estar, uma visão caleidoscópica de diversidades e de contextos.

Esta é a grande época das contradições no reino da organização dos sons. A música nunca como hoje esteve tão presente nas nossas vidas e, também por isso, nunca como hoje foi tão desprezada.<sup>(2)</sup>

Não creio que a música tenha a obrigação de transmitir alguma discursividade ou narração, mas sim estímulos de desejo; vejo em qualquer processo criativo uma formidável produção de desejo...<sup>(3)</sup>

Caro Nuno, vou tentar responder ao teu apelo, depois de um textozinho ou outro que ainda tenho em falta... parece que não acaba! Quando é que tens um tempinho para tocarmos algures... ou mesmo só para nós? Eu posso ir com a guitarra, com o sax ou com os dois. Um abraço, Rui.<sup>(4)</sup>



Olá Nuno, junto algumas frases tiradas de uma entrevista ao Rui Eduardo Paes... podes utilizar as que quiseres, é só escolheres... já sei que fazes parte da Granular... conheço um pouco a associação... Quando quiseres vir a Barcelona, és muito bem vindo!!! Podes ficar cá em casa... depois diz quando vieres, ok? Vai ser um documentário audio ou em DVD? Gostava depois de ter uma cópia, se fosse possível...estas coisas são sempre interessantes! Muito obrigado e um grande abraço! Alfredo.<sup>(3)</sup>

Não vejo esse documentário compartimentado em áreas estilísticas, ou em perspectivas históricas daquilo que já se fez e do que se faz, não o vejo concebido como instrumento pedagógico, embora em última análise sempre o seja. Vejo gente, músicos e outros artistas com quem nós músicos nos cruzamos, vejo contextos, desde salas de espectáculos institucionais a espaços alternativos ou pequenos clubes, desde espectáculos de dança a espaços arquitectónicos ocupados para efeitos performáticos, vejo estes locais quer em Portugal quer em qualquer sítio da esfera, desde que quem lá esteja seja um de nós em acção.

Não será o erro o momento musical mais próximo do desejo de nos surpreendernos a nós próprios? O erro, como possibilidade musical, tem de ser concebido como um sistema simbólico formal, capaz de trazer novas possibilidades à improvisação. Da mesma maneira que a acumulação de actos simples pode gerar complexidade, o erro tem que gerar o erro.<sup>(5)</sup>

Não me preocupo tanto em saber se a música é emocional, mas sim com o fluxo que nela existe, os estímulos que é capaz de criar, a sua tensão interna.<sup>(3)</sup>

Olá Inês! O seu convite sugere-me duas vias possíveis para o abordar. Por um lado parece-me que me convida a escrever um texto muito concreto, sobre o documentário que eu gostaria de ver feito. A isto, a resposta é muito simples e o texto não será difícil de escrever: gostaria de ver feito um documentário sobre a música experimental portuguesa actual – pela simples razão da sua urgência, porque seria um instrumento precioso para a afirmação dessa mesma música e sem dúvida porque o material musical e performático que nele constasse constituiria uma boa surpresa para muita, mas muita gente. Por outro lado parece-me que o convite vai numa direcção mais poética, num sentido de uma reflexão mais vaga e desprendida. Isto seria um texto mais livre, mais artístico talvez, mas mais difícil porque exigiria uma grande disponibilidade e entrega para desbravar, em mim mesmo, caminhos possíveis para esse texto, que neste momento ainda não conheço... Estou pronto a escrever o texto sobre a primeira hipótese, que acha?

O improvisador tem de ser um pouco como o Lucky Luke: mais rápido que a própria sombra...<sup>(5)</sup>

Continuo a pensar que a improvisação deve transcender o simples acto musical.<sup>(3)</sup>

De todas as formas de improvisação, a que mais me seduz, a que verdadeiramente me eleva intelectualmente, a estados excepcionalmente misteriosos e apaixonantes, é a improvisação total.<sup>(6)</sup>

Desde já, e porque estou aqui em Viena, penso na música que fiz para este espectáculo da Vera que aqui vamos apresentar. E como essa abordagem me fez avançar para um território guitarrístico que até aí nunca tinha explorado.

...a intenção é sempre a de ampliar as possibilidades instrumentais, trabalhar não só dentro do instrumento mas também na sua periferia. Talvez possa parecer paradoxal, mas à medida que aumento as possibilidades vou reduzindo a informação. Muitas vezes o gesto é o mesmo, o que difere é o contexto.<sup>(3)</sup>



O problema com que me debato é a ausência de um olhar externo. Eu estou dentro da coisa, conheço sobretudo os que comigo se têm cruzado neste ou naquele contexto. Penso se não deveria começar por mandar um e-mail aos músicos desta área que conheço, pedindo-lhes frases que possa incluir neste texto e assim talvez fugir a este meu olhar, que parte do meu umbigo e se atravessa constantemente no caminho.

Tenho, como objectivo, elevar a minha escrita musical ao grau atingido nas improvisações e organizar as improvisações com a racionalidade, estilo e clareza, das minhas composições.<sup>(6)</sup>

Caríssimo, deixa-me pensar mais uns dias neste assunto, que acho muito interessante. Em todo o caso, aí está um projecto que poderíamos discutir com mais calma e, quem sabe, levantá-lo do chão, como diria o nosso Nobel. Grd abraço, Jorge.<sup>(6)</sup>

Sempre estive interessado nas obras que brilham pela sobriedade dos meios utilizados... Encontro força e até elegância na sobriedade, não só na música como em qualquer produção artística. Acho que a obra não deve submeter-se aos meios de produção, conservando assim todo o seu poder de sugestão e evitando qualquer tipo de especulação que possa afastá-la da intenção original. Talvez seja uma maneira de não cair no fascínio, no fundo bastante ingénuo, que hoje existe pela tecnologia e de privilegiar uma certa independência.<sup>(3)</sup>

*Nuno Rebelo*

*Contribuíram para este texto:*

<sup>(1)</sup> *Adriana Sá*

<sup>(2)</sup> *José Miguel Pinto*

<sup>(3)</sup> *Alfredo Costa Monteiro*

<sup>(4)</sup> *Rui Horta Santos*

<sup>(5)</sup> *Vitor Rua*

<sup>(6)</sup> *Jorge P. Pires*

<sup>(7)</sup> *Inês Sapeta Dias*

Postais de Portugal

Do Convento de Mafra, aos Jerónimos (Lisboa), passando pelo Portugal dos Pequeninos (Coimbra) e a Praia da Rocha (Algarve), 8 a 10 mulheres tricotam em conjunto, viajando de Norte a Sul do país, em cenários que se vão alternando, em retratos e vivência de um país.

É um convite a entrar no postal, viver o postal e criar dentro do postal.

O tricot então produzido aleatoriamente no decorrer das sessões será assemblado numa última sessão no atelier onde se dará finalmente forma a uma escultura da série “Valquíria”.

Afinal, trata-se de um filme sobre Portugal ou sobre a construção de uma obra de arte?

Joana Vasconcelos



PORTUGAL



Um Documentário para Duzentas e Trinta e Uma Capas de Discos



Durante este ano, num trabalho sugerido pela FNAC, participei numa escolha de discos que pretendia sugerir em livro um retrato fiel da música urbana em Portugal.

Ao lado do jornalista Jorge Mourinha e do antropólogo Pedro Félix, chegámos ao final da compilação com um número nada redondo – **duzentos e trinta e um discos**. O trajecto começa em 1961 com o primeiro single do Zeca do Rock e vai até ao final de 2004 com a edição do disco “perdido” dos M’as Foice. O processo de produção deste projecto voltou a despertar-me a ideia do assustador desconhecimento público que existe em relação ao passado musical do país. O escasso número de elementos específicos ao tema faz com que a cada investida a décadas anteriores se sobreponha a sensação de estarmos a pisar um mundo por descobrir.

O convite para participar na primeira edição do Panorama chegou em boa altura; **a urgência em fixar movimentos passados é, cada dia que passa, maior**. O que somos passa inevitavelmente pela música que foi gravada, pelos discos editados, pelos encontros e desencontros e, porque não, pelas capas que envolvem esses discos. A criação de um arquivo nacional de som é um objectivo fundamental, mas, perante a sua inexistência, outras formas de documentação terão de ser activadas.

A ideia para este documentário baseia-se numa odisseia gráfica. A capa de um disco como ponto de partida para novas histórias sobre a música urbana em Portugal nos últimos quarenta anos.



Sem querer uma **história sistemática ou ensaísta**, este documentário procura factos, episódios, quer legitimar a existência de participantes desta realidade temporal. **Quem são? Será que a pátria é a nossa língua? Será que a música em Portugal descreve a realidade nacional? Quem somos? Para onde vamos?**

São nestas questões que o documentário se concentra. Um pouco ao contrário do que a actualidade torna prioritário, interessa conhecer o passado para poder privilegiar o futuro.

Uma imensidão de temas desperta factos e opiniões a necessitar de serem documentados e fixados na memória colectiva.

O panfletismo, a emigração, os músicos, a Língua, os gráficos, as cenas locais, a edição independente, a internacionalização, os fotógrafos, os media, o sucesso, os grupos de baile, o punk, o 25 de Abril, a indústria, a crise, a Expo’98, ....

Ao observar as 231 capas de discos que o tal livro sugere, outras imagens e novas palavras ganham urgência em ser captadas e gravadas para as **mostrar hoje, agora**.

Lisboa, Novembro de 2005  
Henrique Amaro



## Inventariar instantes

### Documentários possíveis

### O todo à flor da pele

### A imagem como mais-valia

### Instantes do quotidiano

### Fixar derivas

### Pedro Lapa

### Chiado, Novembro de 2005

A minha relação com o documentário chega através da arte contemporânea e de um conjunto de práticas que se cruzam com ele. Tenho visto a ideia de realidade ser trabalhada por muitos artistas que se aproximam nos seus seus vídeos (sobretudo) da noção de documentário, não existindo já muitas vezes diferenciação entre objecto artístico e objecto documental: surgem vídeos para apresentar nas salas de exposições que são simultaneamente as duas coisas.

Lembro-me quando, há uns anos, propus a artista britânica Gillian Wearing fazer uma peça nova para apresentar aqui no museu e a ideia dela foi fazer uma espécie de *tableau vivant* sobre duas noites na rua principal da sua cidade. Ela é de Birmingham, decidiu filmar Broad Street e construiu uma peça que consistia em fazer uma projecção de seis vídeos dispostos nas paredes de uma sala como se fossem pinturas, com quadros de tamanhos diferentes. A câmara era muito *voyeurista*, e olhava o que se ia passando: no princípio da noite as pessoas que chegavam até começarem a beber, e o final da noite quando se instalava o caos completo. A lógica de construção deste objecto era uma lógica documental, apesar de se saltar neste caso concreto para um contexto artístico.

Outra hipótese ainda neste registo bastante narrativo seria fazer qualquer coisa sobre a vida dos pré-adolescentes. Hoje todo o contexto cultural da adolescência se estende, começando antes do próprio prazo da adolescência. Ou seja, os padrões culturais da adolescência são dominantes e afectam modelos vivenciais e camadas etárias muito diferentes. Concretamente as crianças na casa dos 10, 11, não mais de 12 anos pertencem a uma fase já muito tomada por esses padrões. Começa inclusive a existir um mercado específico, por exemplo com as discotecas que funcionam à tarde e começam a ser muito recorrentes. O que é que as crianças fazem nessas discotecas, para além daquilo que é dito? ... Vão para lá dançar naturalmente, imitar esses tais modelos, e beber sumos de laranja... Mas há álcool e charros a circular, portanto, o que se passa, como funciona isto?... Como é que os pais os vão buscar ao fim da tarde?

**Ideias para documentários por ver**  
**Entre a narração e a descrição: a curiosidade e o desejo de fixar**

Não sou um especialista, não conheço muito do que foi feito ao nível do documentário e portanto muitas das minhas curiosidades acabam por ser um pouco redundantes e provavelmente muitas até já foram feitas. Mas vou arriscar...

São essencialmente os aspectos quotidianos que me interessam. O que me reporta não para uma dimensão estritamente narrativa, mas sim para um objecto descritivo sobre determinadas acções do quotidiano.

Lembro-me ainda de outra hipótese que se baseia em curiosidades sobre uma série de situações que não conheço bem, e sobre as quais tenho imensa vontade de saber mais. Talvez começasse por aí.

### Hipótese I: a vida no intervalo

### O documentário e a História da Arte

### Instantes inventariados

### A imagem fotográfica e os seus perigos

### Instantes do quotidiano

### Fixar derivas

### Pedro Lapa

### Chiado, Novembro de 2005

### \* Testemunho recolhido por Inês Sapeta Dias

No outro dia estava a alugar uma casa quando me apareceram três raparigas interessadas dizendo que iam estar lá muito pouco tempo. *Mas... alugam-me a casa para ficarem pouco tempo?* Dizem-me que sim, só ficariam eventualmente aos fins-de-semana. E então explicaram-me que duas eram empregadas domésticas internas, e havia uma terceira que trabalhava num centro comercial. Achei muito curioso: o que é que as motivaria a alugar uma casa? Neste tipo de vida, que não é novo no caso das empregadas internas, sendo bastante mais recente no caso dos trabalhos por turnos do centro comercial, como é que as pessoas se organizam? E quanto tempo tem essa vida? Será que pensam em dar um salto para outro tipo de vida (normalmente anseiam-no), porque é que não o dão, que tipo de vida é esse que anseiam...

### Hipótese II: a pré-adolescência

Outra hipótese ainda neste registo bastante narrativo seria fazer qualquer coisa sobre a vida dos pré-adolescentes. Hoje todo o contexto cultural da adolescência se estende, começando antes do próprio prazo da adolescência. Ou seja, os padrões culturais da adolescência são dominantes e afectam modelos vivenciais e camadas etárias muito diferentes. Concretamente as crianças na casa dos 10, 11, não mais de 12 anos pertencem a uma fase já muito tomada por esses padrões. Começa inclusive a existir um mercado específico, por exemplo com as discotecas que funcionam à tarde e começam a ser muito recorrentes. O que é que as crianças fazem nessas discotecas, para além daquilo que é dito? ... Vão para lá dançar naturalmente, imitar esses tais modelos, e beber sumos de laranja... Mas há álcool e charros a circular, portanto, o que se passa, como funciona isto?... Como é que os pais os vão buscar ao fim da tarde?

**Ideias para documentários por ver**  
**Entre a narração e a descrição: a curiosidade e o desejo de fixar**

Não sou um especialista, não conheço muito do que foi feito ao nível do documentário e portanto muitas das minhas curiosidades acabam por ser um pouco redundantes e provavelmente muitas até já foram feitas. Mas vou arriscar...

São essencialmente os aspectos quotidianos que me interessam. O que me reporta não para uma dimensão estritamente narrativa, mas sim para um objecto descritivo sobre determinadas acções do quotidiano.

Lembro-me ainda de outra hipótese que se baseia em curiosidades sobre uma série de situações que não conheço bem, e sobre as quais tenho imensa vontade de saber mais. Talvez começasse por aí.

### Hipótese I: a vida no intervalo

### O documentário e a História da Arte

### Instantes inventariados

### A imagem fotográfica e os seus perigos

### Instantes do quotidiano

### Fixar derivas

### Pedro Lapa

### Chiado, Novembro de 2005

### \* Testemunho recolhido por Inês Sapeta Dias

### 024

Um outro lado que me interessa, talvez mais especialmente porque próximo das áreas com que trabalho é, como referi há pouco, a possibilidade de fixação de pequenos instantes. Uma espécie de inventário de muitos pequenos gestos que não tem de estar codificado com uma ordem prévia muito definida mas que oferece a possibilidade de encontrar nesses pequenos gestos a sua relação com a História da Arte.

Como é que uma pessoa que está sentada num café à espera de alguém mexe no copo que tem na mão, ou que elementos estão visíveis atrás de si?... Como é que uma pessoa que está num avião não sei quantas horas olha e se confronta com os outros olhares?... Como é que uma pessoa espera um autocarro, na paragem?... Como é que estes pequenos momentos, que são nucleares na nossa vida quotidiana, podem ser filmados, como é que podem ser interrogados e nessa interrogação serem devolvidos e criticados relativamente à própria História da Arte. Seria muito interessante encontrar nesses pequenos gestos a herança de uma certa tradição plástica e visual, e os mesmos denotarem ideologicamente um determinado funcionamento que condicionou também todo esse entendimento plástico e estético.

**“Como os objectos se desenham a si próprios sem a ajuda do lápis”**  
**A imagem fotográfica e os seus perigos**

### Instantes do quotidiano

### Fixar derivas

### Pedro Lapa

### Chiado, Novembro de 2005

### \* Testemunho recolhido por Inês Sapeta Dias

Não existe uma imagem neutra. Qualquer imagem é uma escolha. Tudo é escolha no enquadramento. Por detrás do gesto de filmar está obviamente uma intencionalidade. Os documentários possíveis que referi, as hipóteses mais narrativas são, digamos, mais estereotipadas, e podem porventura ser relacionadas com uma “postura realista” do documentário que nesta ideia mais descritiva tento desconstruir. Uma imagem como a dos olhares das pessoas dentro de um avião, pode encontrar-se com uma história estética dos olhares ou das expressões do rosto, e nesse encontro tornar-se claro como desde sempre a construção da realidade esteve a operar. Interessa-me desconstruir a ideia de realidade dada *a priori*.

## Inventariar instantes

### O todo à flor da pele

### A imagem como mais-valia

### Instantes do quotidiano

### Fixar derivas

**Instantes do quotidiano**  
**Fixar derivas**

### Pedro Lapa

### Chiado, Novembro de 2005

Um problema que se começa a propagar, e que me toca muito directamente no meu trabalho é o da esteticização. Algo que de certa forma se relaciona com o que dizia, concretamente em relação ao lugar onde se coloca quem constrói.

Se retiro do acto de estar a fotografar ou a filmar uma certa abstracção... ou seja, se valorizo a função do objecto fotografado como imagem e vejo esta na sua materialidade (colocando focos de iluminação, criando sombras) o que estou a fazer é a exorbitar a imagem para um domínio que tende a esvaziá-la de densidades. É o problema da esteticização da política, da miséria, etc... retirar da imagem uma espécie de mais-valia e torná-la um aspecto literalmente económico. É o acto de exorbitar a importância de um signficante, é usá-lo corrigido para o tornar plástica e esteticamente atractivo, afastando-o das malhas do real que o constituem. Assiste-se a uma forma extremamente hipócrita de lidar com as imagens. Promete-se e desliza-se sobre essa promessa. Esta é uma característica muito comum na publicidade actual, dos sistemas económicos dominantes e da sua estratégia de alargamento de mercado: prometer e depois recusar, e deixar as coisas hipocritamente correrem de outra maneira. As imagens estão sempre a ser jogadas, como uma espécie de mais-valia. Tornam-se uma espécie de pequeno animal amestrado. Os elementos ficcionais, ou valores puramente estéticos e descritivos, fazem sempre parte do documentário cinematográfico, contudo esses elementos são muitas vezes enfatizados excessivamente. E essa ênfatização retira a meu ver possibilidades discursivas e críticas.

### Instantes do quotidiano

### Fixar derivas

### Pedro Lapa

### Chiado, Novembro de 2005

### \* Testemunho recolhido por Inês Sapeta Dias

A Sharon Lockhart tem trabalhado exactamente esta questão, permanecendo em comunidades por vezes mais de 3 anos. O documentarista, ou a artista neste caso, ganha um conhecimento vivencial profundo, enquanto a pessoa que chega de fora e faz não sei quantas perguntas banais, ou chega com um guião definido, capta apenas uma primeira construção. Sob essa primeira camada imediata (também importante) começam a surgir as dúvidas que vêm permitir a criação de um objecto mais dinâmico, formado por novos e inesperados elementos. E é esse o lado mais interessante que um documentário pode ter, esse trabalho e construção com os referentes.

### Instantes do quotidiano

Imagine-se um miúdo que chega à escola. Comprou uma pastilha elástica, tem a pastilha na boca. Começa a olhar para os cromos que tem na mão, está sentado, não sabe se os outros estão a brincar ou não... ao olhar para isto, o que podemos tirar desta imagem? De um miúdo sentado num pátio a comer pastilha eslástica e a olhar... o que é aquilo para o qual ele olha, que cromo é aquele, se é *manga*, o que é que aquela imagem tem a ver com ele, se há uma passagem entre duas culturas ou mais, como é que ele está vestido... as coisas começam assim a ganhar espessura, uma dimensão infinita, que um bom enquadramento pode expandir infinitamente criando uma série de malhas.

### Quase retratos, mas não exactamente.

### A noção de retrato aponta para uma imagem clara mas muito estática.

### E aqui o que proponho é uma visão mais dinâmica.

### O plano pode ser fixo, sim... é sempre uma imagem-tempo (a noção de Deleuze), e é o tempo que começa a dar substância à imagem.

### Há um habitar do enquadramento. Esse habitar começa a ganhar peso, identidade, neutralidade num tempo objectivo... percebicionado subjectivamente, mas objectivo.

Remete para a impossibilidade de uma imagem concluída, um imagem única. Ao permitir a abertura a infindáveis elementos, como no exemplo do miúdo no pátio de uma escola em que referi uma série de aspectos indiciários, índices de cariz sociológico, cultural. É essa amálgama de universos que me parece desvincular-se da ideia de retrato *tout court*, no sentido realista do termo do sec.XIX, apresentando-se como uma coisa mais dinâmica, mais fluida, mais inconstante. Uma coisa que nunca chegaria a ser esse retrato fechado último, mas que se estaria sempre, sempre a desviar.

### Hipótese I: a vida no intervalo

### O documentário e a História da Arte

### Instantes inventariados

### A imagem fotográfica e os seus perigos

### Instantes do quotidiano

### Fixar derivas

### Pedro Lapa

### Chiado, Novembro de 2005

### \* Testemunho recolhido por Inês Sapeta Dias

Para além da curiosidade que move as outras três hipóteses, que poderiam ser muitas mais, lembro-me de muitas mais, maldosas e tudo... interessa-me mais sob o ponto de vista plástico a última hipótese que apresentei: como se constitui uma imagem? Como se consegue construir uma imagem do quotidiano, e como se pode observar o processo pelo qual ela vai ganhando peso ao cruzar-se indefinidamente com outras imagens? Como consegue ela comentar e lançar uma outra luz sobre as restantes imagens, no seio da História da Arte, confinadas em determinado entendimento, em determinado quadro ideológico. Como pode esta pequena imagem desconstruir todo esse quadro?

### Instantes do quotidiano

### Fixar derivas

Imagine-se um miúdo que chega à escola. Comprou uma pastilha elástica, tem a pastilha na boca. Começa a olhar para os cromos que tem na mão, está sentado, não sabe se os outros estão a brincar ou não... ao olhar para isto, o que podemos tirar desta imagem? De um miúdo sentado num pátio a comer pastilha eslástica e a olhar... o que é aquilo para o qual ele olha, que cromo é aquele, se é *manga*, o que é que aquela imagem tem a ver com ele, se há uma passagem entre duas culturas ou mais, como é que ele está vestido... as coisas começam assim a ganhar espessura, uma dimensão infinita, que um bom enquadramento pode expandir infinitamente criando uma série de malhas.

### Quase retratos, mas não exactamente.

### A noção de retrato aponta para uma imagem clara mas muito estática.

### E aqui o que proponho é uma visão mais dinâmica.

O plano pode ser fixo, sim... é sempre uma imagem-tempo (a noção de Deleuze), e é o tempo que começa a dar substância à imagem.

### Há um habitar do enquadramento. Esse habitar começa a ganhar peso, identidade, neutralidade num tempo objectivo... percebcionado subjectivamente, mas objectivo.

Remete para a impossibilidade de uma imagem concluída, um imagem única. Ao permitir a abertura a infindáveis elementos, como no exemplo do miúdo no pátio de uma escola em que referi uma série de aspectos indiciários, índices de cariz sociológico, cultural. É essa amálgama de universos que me parece desvincular-se da ideia de retrato *tout court*, no sentido realista do termo do sec.XIX, apresentando-se como uma coisa mais dinâmica, mais fluida, mais inconstante. Uma coisa que nunca chegaria a ser esse retrato fechado último, mas que se estaria sempre, sempre a desviar.

Remete para a impossibilidade de uma imagem concluída, um imagem única. Ao permitir a abertura a infindáveis elementos, como no exemplo do miúdo no pátio de uma escola em que referi uma série de aspectos indiciários, índices de cariz sociológico, cultural. É essa amálgama de universos que me parece desvincular-se da ideia de retrato *tout court*, no sentido realista do termo do sec.XIX, apresentando-se como uma coisa mais dinâmica, mais fluida, mais inconstante. Uma coisa que nunca chegaria a ser esse retrato fechado último, mas que se estaria sempre, sempre a desviar.

### Instantes do quotidiano

### Fixar derivas

### Pedro Lapa

### Chiado, Novembro de 2005

### \* Testemunho recolhido por Inês Sapeta Dias

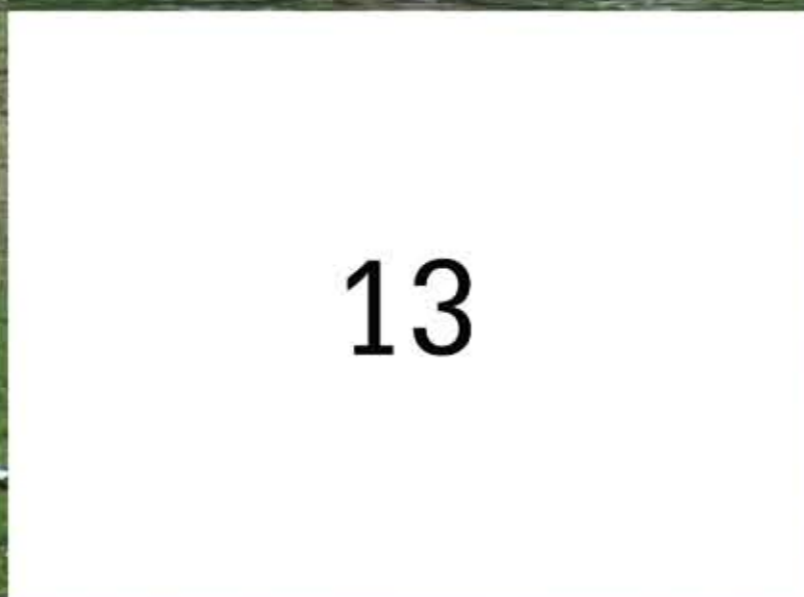


# RINGBAHN

de Filipa César

Video DVD-PAL, Cor, Som, 61 min.  
Ringbahn foi apresentado no Museu de Serralves,  
de 21 de Outubro de 2005 a 15 de Janeiro de 2006.









53



## As juventudes partidárias

Como se organizam, como funciona o recrutamento, que actividades têm para lá dos comícios e acções de campanha. Falar com ex-membros e ouvir o que os levou a aderir, o que aprenderam e de que forma cresceram lá dentro. Saber o que fazem e pensam hoje, perceber como a passagem pela juventude do partido lhes abriu, ou não, portas para o mercado de trabalho. Fazer o mesmo trabalho com actuais membros, dos mais jovens aos mais veteranos e auscultar as suas motivações. Que livros lêem, que músicas ouvem, que desportos preferem, que actividades extra-política os atraem. Até que ponto há um padrão político-cultural nas diversas juventudes partidárias?

Luis Afonso

## Três hipóteses para nos documentarmos

Saudando a Mostra gostaria de deixar três sugestões de reflexão e de trabalho.

Estão ainda bem presentes, na minha memória, as imagens do comboio da linha do Sabor a subir do Pocinho até Moncorvo e a percorrer aquelas paisagens sagradas das montanhas do ferro de Moncorvo e, depois, de Mogadouro a Duas Igrejas, com paragem final nas terras de Miranda do Douro.

O crime da destruição das dinâmicas interiores dessas vias férreas essenciais, desta, do Sabor, da linha do Tua até Bragança e da linha da Régua até Chaves, pertencem à “história” banal e triste de governos PS e PSD e à acção negativa de autarcas da região sem princípios nem dignidade, que venderam essas e outras áreas essenciais por pouco mais que uma mão cheia de nada e outra de coisa nenhuma.

Lembro isso, recordando também as noites e dias de resistência das populações locais ao encerramento das linhas, e tenho bem presentes as estações fechadas e os edifícios destruídos, alguns belíssimos. Daria um bom documentário, este tema, que nos mostrasse também o vazio actual das aldeias e vilas que estas e outras decisões políticas provocaram.

Outra matéria interessante seria um documentário sobre Lisboa da década de 1980/90; a paralisia autárquica, as decisões casuísticas, os buracos nas ruas, a ausência de projecto global ou parcelar que fosse, para qualquer área da cidade; e, depois, mostrar como foram importantes e decisivas as obras levadas a cabo desde 1990, o eixo Norte-Sul, a renovação e a abertura de vias essenciais a Lisboa e à Área Metropolitana, a CRIL e a CREL que nasceram de propostas contidas nesses documentos fundamentais que foram e são o Plano Estratégico e o Plano Director Municipal da coligação de esquerda de boa memória. O que eram as zonas imensas de barracas e o que foram a construção de casas e as inovadoras políticas de educação, de ambiente, de desenvolvimento desportivo, de resposta aos problemas sociais e às ambições legítimas do povo da cidade, davam um trabalho interessante para memória e confronto do que agora aparece comprometido num túnel desnecessário e em negócios como a destruição da Feira Popular e a venda e a troca espúrias destes terrenos de Entrecampos e do Parque Mayer, tão prejudiciais para Lisboa.

Mas o documentário maior que gostaria de propor, a quem tenha paixão pela cidade e pelo país, tem a ver com a descoberta de caminhos de desenvolvimento, de luta e construção da felicidade que merecemos. Seria um documentário sobre a falta de ética e de dignidade de quem promete mundos e fundos em campanhas eleitorais e depois faz o contrário disso, quando se apanha no poder. Diz-se que voltamos de novo, também nas artes, à política e à intervenção que denuncia o estado de coisas a que chegámos. Pudera! Só se fôssemos completamente cegos é que não perceberíamos o pântano ignóbil em que nos querem meter, com ataques a direitos civilizacionais, numa regressão ao estado mais atrasado e bacoco de sempre. Então, o que poderíamos propor era um trabalho documentado sobre o tempo que perdemos, o capital humano que é ignorado e destruído, nesta política sem réstea de dignidade e de sonho, face à Europa e ao mundo.

Falamos de investigação, de procura de sinais humanos de sobrevivência e de luta. Como se resiste numa fábrica das que nos restam, como se proíbem os direitos elementares aos trabalhadores numa empresa, como os sinais e as evidências se aproximam a passos largos de outros tempos. A memória é também isso, ir à procura do essencial da vida dos humanos, para então percebermos melhor por que se retiram objectivos estratégicos e meios financeiros ao desenvolvimento económico e social, como se retiram mais ainda dotações essenciais para o apoio à criação e à vida cultural em todo o país.

Falo apenas de ideias de trabalho para quem anda neste mundo e olha a realidade e o sonho com uma câmara onde se misturam anseios e projectos com a vontade imensa de transfigurar o dia-a-dia, elevando-o a níveis de imaginação, de superação e de novas descobertas do pouco e do muito que somos e do que fazemos.

António Modesto Navarro

# Lisboa atrás

(um documentário que gostaria de ver feito)

# Lisboa atrás

Não sei se este projecto antigo não fica melhor por fazer. Sei que tudo nele é memória íntima de encantamentos e assim tem ficado como em recolhimento.

O rio sempre foi o eixo da cidade que vivi. O eixo físico mais nítido, o eixo dos contrastes todos que me equilibravam a cidade difícil. Acordei muitas manhãs com as sirenes lentas de navios nos seus nevoeiros e com avisos de temporal na maresia da barra. Nas manhãs de Verão, liso, azul e parado ao sol o rio era já a praia. Nos dias escuros e chuvosos, cheio de rebocadores a forçar ondas contra a espuma, era um mar alto metido pela cidade dentro.

Durante a semana, era de lá, do rio também, que se ouviam as cadências mecânicas do trabalho, a ginástica dos guindastes, o martelar de ferros, a sirene do almoço. Um dia, à noite, no meio das sombras deste mundo fabril, vi sair do bojo de um navio um cortejo sinistro de urnas. Era a guerra colonial a desembarcar ali os seus mortos e havia homens no escuro a guardar o silêncio e o segredo.

O rio era a chave de Lisboa, a margem limpi-da e real que dava o sentido das ruas, das portas e das encostas, ouvia-se, respirava-se, e era ele quem regia a luz da cidade.

Só muito mais tarde conheci eu um outro rio – o do peixe e das peixeiras. Foi uma madrugada, junto à muralha do Cais do Sodré, à procura de um bom motivo urbano e popular que servisse aos trabalhos de Ciências Sociais na Faculdade.

A chegada ao lugar fazia-se pelas traseiras da estação dos comboios e era uma agitação imensa de gente, arrastas, motores e gritarias, no meio de uma escuridão encharcada, com algumas lâmpadas a baloiçar ao vento e à chuva.

Aquela hora era noite ainda, a cidade dormia, mas ali jogava-se o destino da fome em lances apressados e combatidos. A pressa marcava tudo, desde a descarga do peixe na muralha, a corrida com as tecas empilhadas arrastadas por um gancho sobre rodízios de ferro, os gritos de gente a chamar gente por todo o lado e o círculo fechado em redor da mulher que vendia em leilão o peixe que um homem lhe entregara.

A venda era ilegal, mas ostensiva. A praça, com as suas “pedras”, bancas, talões e fiscais era mesmo ao lado num barracão. Ali era o grande teatro da necessidade, da pobreza e da vida, tudo apinhado sobre um pontão entre barcos e ondas, no meio de uma bravura gritada e alerta, de vozes roucas e gestos largos.

Os peixes, meio mutilados, sangrando frescos ainda no luxo das suas formas bizarras, tinham esgares de asfixia e um olhar atento de morte a vingar. Lembravam as caras aos gritos das mulheres que os vendiam. Implacáveis e fixos, marcavam, a cada minuto na frescura que perdiam, o destino das vidas humanas que traziam reféns das suas, num duelo sem ressentimentos nem remorsos onde gente e peixes chegavam a parecer indistintos.

Depois, a cada dia, à chegada da luz, um outro mundo tomava o lugar daquele, e fazia-o com uma naturalidade inocente e alheia à grande cena de “teatro da crueldade” que ali acontecera.

À hora de arrumar sacos e trouxas, de fazer contas com os homens e com os “arrastas”, de saber da fadiga, de ajeitar os lenços na cabeça, os xailes grossos, os aventais de oleado, falei muitas vezes com estas mulheres sobre a vida delas, a ribeira e o lugar da cidade donde vinham. Por vezes a exaustão deixava-as a falar a fio sobre tudo como se falassem sozinhas em voz alta para si próprias. Um dia deram-me um peixe “se não tivesses fome não andavas aqui!”

Extinto o lugar ao nascer de cada dia todas tinham os seus caminhos, mas eu atrasava-me no meio da corrente parda de gente que ali ao lado saía dos comboios e ficava lento entre o cansaço e a vertigem, cheio de escamas na roupa e a cheirar a peixe, com os pés muito frios.

Tudo isto se repetiu um sem conto de vezes, até que foi posto fim inadiável a toda e qualquer descarga, venda ou trânsito de pescado na “ribeira”. Nessa altura já só pequenos botes e saveiros que andavam a arrastar pelas muralhas das docas ali tinham porto. O resto ficara confinado aos armazéns de gelo, ou tinha mudado para outras margens do rio ou ido para a Docapesca.

A data ainda andou incerta, acabou por calhar a 9 de Setembro de 1980. Andei por lá nessa manhã sem objectivo definido a não ser acompanhar, assistir, fotografar, ouvir. Não lamentei o fim, que é parte de tudo, mas teria lamentado não ter assistido a ele. O facto de ser Verão tirou a dimensão dramática que o escuro do fim da noite e o mau tempo traziam durante o Inverno, mas impressionou-me ver tudo acontecer naquele dia como noutro qualquer. Só no fim, pelo meio de umas demoras a arrumar caixas e sacos, julguei ver um estranho vácuo nalguns olhares. Foi assim. Acabou-se a “ribeira”.

Nunca havia chegado tão perto do rio, que tanto tempo me fora afinal só encantos e imagens, e agora queria entender, sem saber onde equilibrar nisso o que era testemunho, exercício, análise, narrativa ou registo. Acabei por misturar tudo e tirar de dentro disso alguns trabalhos para cadeiras, acertos e desacertos pessoais, escritos e ditos ocasionais, memórias, projectos letárgicos, duas cassetes áudio e 204 diapositivos.

O rio entretanto ganhou sentidos estranhos que eu não sei acolher nas minhas perplexidades. Como pode haver um rio em Lisboa sem vida portuária, naval, marítima, e como pode haver isso tudo sem a miséria que nenhum pitoresco consegue remir? Vivi mal a passagem deste rio à fantasia gaiteira de “zona ribeirinha”. Os lazeres não fazem vida aos sítios mas escondem isso bem.

Fui embora, mas fiquei atento e ainda à procurar deste rio onde o encontrasse. Uma vez só, num cacilheiro à noite, o rio voltou mas foi pungente. Há pouco tempo quis explicar o que era para mim a ausência do rio e fiz toda a margem por dentro e por fora a pé e a falar. Corri um perigo. Agora volto a pensar no rio como lugar, e o projecto de transfigurar em documentário os diapositivos e as cassetes reaparece, mas não estarei eu a defender-me nisso de outro encantamento?

Para já, tudo não passa deste texto.

Pedro Prista.

# Um Documentário sobre os Média em Portugal Antes de Haver Telenovelas

# Um Documentário sobre os Média em Portugal Antes de Haver Telenovelas

# Um Documentário sobre os Média em Portugal Antes de Haver Telenovelas

# Um Documentário sobre os Média em Portugal Antes de Haver Telenovelas

Quando comecei a trabalhar em cinema e televisão em 1974, como «free-lancer» ainda na Suécia, apanhei quase de imediato com um baptismo de fogo extraordinariamente inesperado e inesquecível, ao me ser incumbida a tarefa de vir a Portugal fazer duas reportagens sobre a nova realidade portuguesa, pós 25 de Abril, uma para a série de programas documentais e de grande reportagem «Dokument Utifrån» com entrevistas, manifestações, pinturas murais e outras atracções da época, que ainda hoje mostro, só por vezes e não sem alguma vergonha, aos meus alunos como um bom exemplo de como não se devem fazer reportagens de carácter documental – especialmente se se tem 20 anos em plena vertigem revolucionária, e outra para a série de programas educativos «TRU» sobre o novo quotidiano urbano e rural de alguns jovens em idade escolar daqueles tempos, que me fez desde logo dividir amores jornalísticos e ficcionais entre cinema e televisão. É que, embora estas reportagens fossem filmadas em 16 milímetros e a cores (em película positiva reversível, o que era uma grande inovação para a época), requerendo, portanto, alguns cuidados de iluminação, composição de imagem e, no nosso caso, de gravação sincronizada de som (com o pesado «Nagra» a deslocar o ombro do operador enquanto eu ia fazendo autênticos exercícios de malabarismo instável com uma vasta parafernália de microfones, blocos de notas e algum reflector menos maleável), que colocavam as situações de filmagem numa esfera muito mais próxima do cinema do que da televisão, o que é um facto é que foram concebidas, escritas, planificadas, produzidas e reproduzidas como matérias televisivas que eram, pela natureza do meio a que se destinavam. Esta dicotomia acompanhou-me desde então ao longo de todos estes anos e ainda hoje é ela que dita este meu desejo de poder rever, em documentário ideal, essa imagem do homem mediático português antes da era da telenovela. Passo a explicar.

Como é óbvio, não voltei à Suécia com as reportagens, enviei-as com a equipa e fiquei por cá a tomar banhos de revolução e passados poucos dias já estava a trabalhar com equipas portuguesas que ainda produziam, quais resistentes ao tempo e ao modo, os últimos exemplares de «jornais de actualidades cinematográficas» que passavam nos cinemas, de semana a semana, por fim já só de 15 em 15 dias e até de mês a mês, antes dos filmes de longa-metragem. Este tipo de «jornais» resistiu ainda durante 3 anos, morrendo aos poucos e soltando o seu último suspiro em 1977 (longe estava ainda o do Buñuel), mais ou menos ao mesmo tempo em que a telenovela fazia a sua entrada triunfal, hegemónica e culturalmente neo colonizadora, no panorama mediático português.

Primeiro ainda se pensou que pudesse ser sol de pouca dura, tipo última novidade para o menino e para a menina vinda lá do Brasil. No entanto, a telenovela veio para ficar e para modificar determinantemente os mais consolidados hábitos de consumo mediático dos vários sectores da população portuguesa. Nas regiões do Norte e do Sul de Portugal, tão diferenciadas política, religiosa e culturalmente, bem como nas regiões rurais e urbanas, que ainda hoje se caracterizam por acentuadas assimetrias da mais variada ordem social, económica e cultural, os diferentes estratos das populações respectivas adoptariam o hábito crescente de interromper visivelmente as suas tarefas e actividades para não perderem qualquer momento dos cerca de 45 minutos diários que durava cada episódio.

Um dos primeiros sinais denotando uma certa modificação de comportamentos dos portugueses foi dado pela alteração progressiva das horas de início das sessões de cinema em algumas das principais salas de Lisboa. A telenovela catapultava a televisão para uma crescente ocupação dos momentos livres em redor da hora de jantar dos dias úteis, pelo que as salas de cinema procuraram responder com modificações eventualmente adequadas nos horários de exibição, mas também com alguma reestruturação de programação que levou à eliminação quase completa dos casos de programação introdutória, tais como curtas metragens, documentários e os já referidos «jornais de actualidades cinematográficas» que ainda pontuavam pelos cinemas portugueses<sup>(1)</sup>, assim como se verificou também uma acentuada redução dos blocos de publicidade inseridos nas sessões cinematográficas<sup>(2)</sup>, a par de um certa tendência para a eliminação dos intervalos das mesmas. Registaram-se mesmo alguns exemplos inovadores nesta matéria, como o caso do cinema Quarteto de Lisboa, que sendo um conjunto polivalente de quatro salas oferecendo cada uma várias sessões a partir da hora do almoço e até depois da meia-noite, apresentando em quase todas as sessões filmes com reputação de qualidade, decidiu colocar no átrio de entrada e café um televisor onde os espectadores poderiam «comer qualquer coisa» e seguir o episódio do dia da *Gabriela*, ou pelo menos excertos do mesmo, durante algum intervalo ligeiramente mais alargado entre as diferentes sessões que terminavam e se iniciavam perto das 20h30, rondando a hora de jantar. Curiosamente, estreava na mesma altura em dois cinemas de prestígio de Lisboa, o São Jorge e o Vox, o filme “NETWORK”, realizado por Sidney Lumet, que fez grande sucesso, recebendo quatro Óscares, e cujo argumento, de Paddy Chayefsky, denunciava, segundo a crítica de José de Matos-Cruz:

“... a televisão como meio impressionante de manipulação popular...” debruçando-se “... sobre a engrenagem cobiçosa e corrupta de concorrência entre as diversas cadeias de TV...”<sup>(3)</sup>

Um outro aspecto verdadeiramente revolucionário para o contexto mediático português da altura foi a realização de uma enorme, diversificada e muito bem concertada campanha publicitária em torno do evento, que se desenvolveu em vários meios e canais de comunicação, preparando a estreia e acompanhando o período de sustentação que se lhe seguiu, constituindo uma estratégia de «marketing» até então totalmente inaudita para o lançamento de produtos televisivos, conjugando não só um conjunto de trechos multimidiáticos utilizando linguagens fílmicas e os mecanismos específicos de montagem em que estas se suportam, como também um conjunto de elementos significantes de atracção, oriundos dos suportes literários e autorais em que a telenovela *Gabriela* teve a sua génese.

Enfim, o resto da história já se conhece, o Parlamento parou para ver a Gabriela trepar ao telhado e o «homo-mediaticum» português nunca mais foi o mesmo. Mas, pessoalmente, acho que tudo isto daria um grande documentário.

Vitor Reia-Baptista

(Universidade do Algarve)

<sup>[1]</sup> Tal era o caso, em 1977, de pelo menos dois desses jornais: O JORNAL CINEMATOGRAFICO NACIONAL da Unidade de Produção nº1 do I.P.C., em Lisboa e distribuído pela empresa Distribuidores Reunidos e o JORNAL CINEMATOGRAFICO INSULAR da Madeira e Açores, distribuído pela Doperfilme. Aliás, algumas destas mudanças podem ser detectadas analisando o fluxo de produção de curtas-metragens entre 1974 e 1980 tal como nos é apresentado por Matos-Cruz, J. em Anos de Abril – Cinema Português da Revolução, Instituto Português de Cinema, Lisboa.

<sup>[2]</sup> A publicidade cinematográfica já vinha sofrendo uma redução acentuada desde o 25 de Abril de 1974 em função de outros problemas conjunturais ao nível da procura e da oferta produtiva, quer de ordem económica, quer de ordem político-laboral.

<sup>[3]</sup> Em Diário Popular, 17/5/77, pg. 26.



## Luz para as abadias

Cartografia da Figueira da Foz do Mondego.  
Encontrei a Maria do Mar, o Rio, o Areal, a Serra, o Mar,  
a Cidade, as Pessoas, as Abadias.

*Luísa Ferreira, 2002.*











Percursos no documentário português:  
Manoel de Oliveira

## Porquê Oliveira?

A mostra do documentário português que nasce este ano por iniciativa da Videoteca Municipal e da AporDoc, tem por base – e por objectivo – o urgente desejo de escancarar uma janela sobre o panorama do documentário português. E ao fitarmos com seriedade a base e o objectivo que lhe fecundaram a semente, considerámos que esta primeira edição do Panorama não poderia deixar de ser enquadrada por alguns dos documentários realizados pelo mais importante cineasta português que, há 75 anos, filmava no Porto um documentário de vanguarda que não ficou atrás dos mais vanguardistas da época (e da história do cinema) como Vertov, Ruttmann ou Vigo.

Consta que, na época, a generalidade dos portugueses (público, críticos e cineastas) desdenhou da obra de Oliveira...! Mas 75 anos depois, será que é possível falar seriamente de cinema português, e de documentário português, sem falar de Oliveira ou, pelo menos, sem ter dele ou nele uma referência?

Por considerarmos que a resposta é óbvia, a nossa opção radica nessa evidência. Não com o intento (ou a tentação) de insinuar uma homenagem ao autor que a história do cinema já guarda como o mais importante cineasta português. Mas sim por que um Panorama sobre o documentário português não seria verdadeiro se não começasse por Oliveira. Além de ser evidentemente uma honra e um privilégio poder proporcionar a projecção, no magnífico auditório do Fórum Lisboa, de quatro grandes filmes de Oliveira que, muitos dos jovens que se aproximam agora do documentário, provavelmente nunca viram projectados em cinema. *Douro, Faina Fluvial* (1931), *O Pintor e a Cidade* (1956), *O Pão* (1959) *As Pinturas do meu irmão Júlio* (1965), são quatro documentários portugueses, definitivamente a não perder, pois enquadram, quanto a nós de excelsa forma, esta primeira edição do Panorama que fará desfilar perto de 100 documentários portugueses.

*António Cunha*

## O Documentário

O documentário é um género que vem sendo cada vez mais difícil de realizar e até mesmo de definir. De certa maneira esteve em moda – e até começou por ser a primeira expressão no aparecimento do cinema e a mais tipicamente cinematográfica – em especial no tempo do cinema mudo, enquanto ainda se procurava uma especificidade para a arte cinematográfica. Com o tempo todas essas formalidades têm mudado, tanto no cinema como na vida, sendo bem diversas hoje daquilo que eram ontem.

Num sentido absoluto o documentário seria como que um prolongamento das actualidades, isto é, todas as cenas deveriam ser filmadas sem as pessoas o saberem, pois se o soubessem as suas atitudes seriam, conscientemente ou inconscientemente alteradas, como fazem os actores, mas neste caso, em representação de si próprias. Como frequentemente isto acontece, para além doutras intervenções, poderíamos dizer que o documentário moderno perdera aquela pureza primitiva e é um composto misto de documentário e ficção.

A tendência de introduzir partes ficcionais é mais frequente em realizadores muito criativos, cuja imaginação se sobrepõe àquilo que vêem, é como “quem conta um conto acrescenta um ponto”, o realizador documentarista ou ficcionista tende ao mesmo, tanto mais quanto mais imaginativo.

Para ter uma ideia do que seja um documentário em sua total pureza, acontece que, mesmo face ao primeiro filme dos Lumière, *La Sortie des Usines Lumière*, teríamos de lhe perguntar se fora realizado na ignorância do pessoal que saía da fábrica ou se o prepararam antes para as filmagens. Esta é uma pergunta que me venho repetindo, sem qualquer resultado, uma vez que os Lumière já não estão por cá e assim fica a dúvida para sempre. Não obstante, não deixa de ser certo que o cinema nasceu com o documentário, projectado num ecrã, na noite de 28 de Dezembro de 1895. Assim o documentário não só é uma figura emblemática, como o primeiro bebé do cinema. Já *Le Jardinier et le Petit Espiègle* mais conhecido por *L'Arroseur Arrosé*, expressa pela primeira vez, muito claramente, o início da ficção.

*Manoel de Oliveira*

Novembro de 2005

## Douro, Faina Fluvial

35mm, PB, 21', 1931.

#### Sinopse:

As actividades que se desenrolam quotidianamente ao longo da margem direita do rio Douro, aquando da sua passagem pela cidade do Porto: a circulação, a carga e descarga dos barcos, o rio e a sua ambiência, a ponte, os bairros onde vive a população trabalhadora, que retira o seu alimento da labuta fluvial.

#### Ficha Técnica:

Realização: Manoel de Oliveira  
 Argumento: Manoel de Oliveira  
 Planif/Seq: Manoel de Oliveira  
 Montagem: Manoel de Oliveira  
 Op. de Som: Luíz V. Frazão  
 Dir. de Som: Fernando Vernalde, Eder V. Frazão  
 Música (versão sonora): Luís de Freitas Branco  
 Exteriores: Porto  
 Produção: Manoel de Oliveira  
 Data de Rodagem: 1929/Setembro 1931  
 Distribuição: Agência Cinematográfica H. da Costa, Sociedade Portuguesa de Actualidades Cinematográficas/SPAC  
 Ante-Estrea: Salão Central – V Congresso Internacional da Crítica, Lisboa.  
 Data da Ante-Estrea: 19 de Setembro de 1931  
 Estreia: Tivoli  
 Data da Estreia: 8 de Agosto de 1934



## O Pão

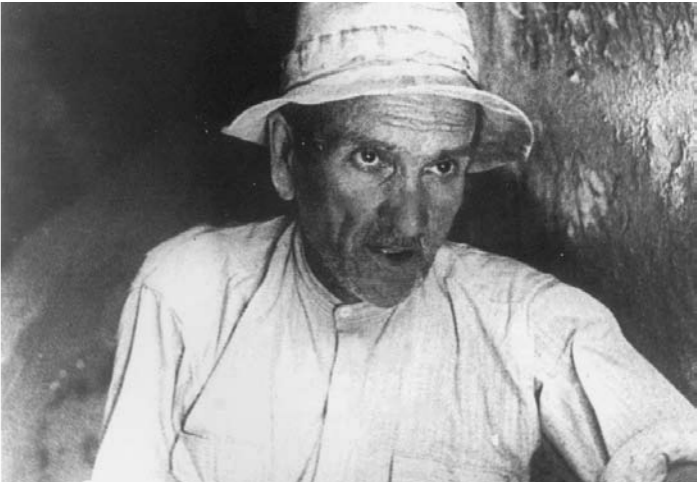
35mm, c, 59', 1959.

#### Sinopse:

O pão de cada dia obriga a um esforço constante, de que o homem sai dignificado...O ciclo da semente: fecundação, nascimento, recolha, transporte do grão, moagem industrial, panificação moderna; distribuição e consumo do pão; regresso da semente à terra. Um novo ciclo se inicia...

#### Ficha Técnica:

Realização: Manoel de Oliveira  
 Assistente de Realização: António Lopes Fernances, Sebastião de Almeida  
 Argumento: Manoel de Oliveira  
 Planif/Seq: Manoel de Oliveira  
 Fotografia: Manoel de Oliveira  
 Iluminação: Augusto Camilo (chefe)  
 Montagem: Manoel de Oliveira  
 Dir. de Som: Fernando Jorge  
 Op. de Som: António Ribeiro  
 Transcrição do magnético para óptico: Enrique Domingues  
 Produção: Manoel de Oliveira  
 Data de Rodagem: 1959  
 Lab. Imagem: Tobis Portuguesa, 1964: Tobis Portuguesa, Ulyssea  
 Filme  
 Reg. Som: Nacional Filmes  
 Patrocínio: Federação Nacional dos Industriais de Moagem/FNIM  
 Distribuição: Filmes Castello Lopes  
 Ante-Estrea: Salão do Pavilhão da Feira Industrial de Lisboa/FIL  
 Data da Ante-Estrea: Novembro de 1959  
 Estreia: Monumental  
 Data da Estreia: 19 de Abril de 1966



## O Pintor e a Cidade

35mm, c, 28', 1956.

#### Sinopse:

Os aspectos mais característicos da cidade do Porto (arquitectura, ambiente, vida quotidiana, passado, presente e futuro), em visão pelo prisma estético do pintor António Cruz. Assim, as imagens reais alternam com as impressões que o artista plástico vai registando, nas suas aguarelas. O pintor sai do «atelier» e percorre a cidade...

#### Ficha Técnica:

Realização: Manoel de Oliveira  
 Assistente de Realização: António Lopes Fernandes  
 Argumento: Manoel de Oliveira  
 Planif/Seq: Manoel de Oliveira  
 Montagem: Manoel de Oliveira  
 Fotografia: Manoel de Oliveira  
 Dir. de Som: Alfredo Pimentel, Joaquim Amaral  
 Sonoplastia/Mist: Heliodoro Pires  
 Música: Luís Borges  
 Motivos Tradicionais: Rebelo Bonito  
 Improvisações ao órgão: Ino Sanvini  
 Canções por: Orfeão do Porto, (dir) Virgílio Pereira, Madrigalistas  
 Exteriores: Porto  
 Produção: Manoel de Oliveira  
 Lab. de Imagem: Tobis Portuguesa  
 Distribuição: Doperfilme  
 Ante-Estrea: São Luiz  
 Data da Ante-Estrea: 26 de Novembro de 1956  
 Estreia: São Luiz, Alvalade  
 Data da Estreia: 27 de Novembro de 1956



## As Pinturas do meu irmão Júlio

16mm, c, 16', 1965.

#### Sinopse:

A nostalgia de um poeta – José Régio – ausente da terra natal, Vila do Conde, anima as imagens duma memória: as pinturas do seu irmão – Júlio Maria dos Reis Pereira, também poeta Saul Dias -, albergadas na velha casa onde nasceram. Assim desfilam em longa panorâmica, como na imaginação...

#### Ficha Técnica:

Realização: Manoel de Oliveira  
 Assistente de Realização: António Lopes Fernances  
 Texto / Poemas: José Régio  
 Planif/Seq: Manoel de Oliveira  
 Fotografia: Manoel de Oliveira  
 Montagem: Manoel de Oliveira  
 Dir. de Som: Abreu de Oliveira  
 Música: Carlos Paredes  
 Produção: Manoel de Oliveira  
 Exteriores: Vila do Conde  
 Lab. Imagem: Colour Film Services  
 Participação: José Régio



# PANORAMA

Mostra do Documentário  
Português



## Entre Duas Terras

DvCam, 94', 2004.

**Sinopse:**

Entre duas terras narra a história recente na Aldeia da Luz, uma pequena povoação condenada a desaparecer com a construção da barragem do Alqueva. Como indemnização à população, é erigida uma aldeia nova num outro terreno a escassos quilómetros. O filme revela o quotidiano da aldeia, marcado por uma forte tradição rural em simultâneo com as perspectivas de mudança. Entre as primeiras negociações e a edificação das casas novas, o filme dá a ver a forma como as autoridades e a população procuram reconstruir a identidade da aldeia. A situação da Aldeia da Luz é o espelho duma sociedade em plena mutação.

**Nota de intenções:**

Interessámo-nos pela povoação da Aldeia da Luz e pela edificação da nova localidade. Os lugares, a aldeia em vias de desaparecer, assim como a aldeia nova feita para a substituir, são, deste modo, os protagonistas do filme. Procurámos saber quais os impactos das mudanças na paisagem rural, do ponto de vista das relações humanas. Para representar a complexidade do processo, o filme é constituído como um mosaico. São confrontadas diferentes visões. As personagens, por entre a população e os funcionários encarregados da reinstalação da aldeia, são múltiplas. Durante as filmagens, apercebemo-nos de que no processo de transformação da Aldeia da Luz se desenham reflexos do mundo contemporâneo.

**Biofilmografia:**

**Muriel Jaquerod** nasceu em 1970 (tem nacionalidade suíça e francesa). Em 1997 fez um curso de cinema-vídeo na E.S.A.V., École Supérieure d'Arts Visuels de Genève. Em 1998 co-fundou Les Films de la Cigogne, estrutura de produção de documentários. Vive em Genève. É cineasta independente (realização, som, montagem) e professora convidada na área do cinema e vídeo na ESBA – Ecole Supérieure des Beaux Arts e HEAA – Haute École des Arts Appliquées, em Genebra. Realizou *Des maisons qui bougent* (doc, 1997).

**Eduardo Saraiva Pereira**, nascido em 1968, tem nacionalidade portuguesa. Estudou na Escola Superior de Teatro e Cinema (área de Imagem). Vive desde 1998 em Genebra, cidade onde co-fundou Les Films de la Cigogne onde produz e realiza documentários. Trabalha como cineasta independente. Estão ambos desde Outubro de 2005 em Lisboa, para a rodagem de *Pelo meio da cidade* (título provisório). Co-realizaram *Entre duas Terras* (doc, 2004 – Prix à la qualité, Créations Audiovisuels, Suíça; Prémio D.Quixote, Caminhos do Cinema Português; Prémio Cine-clubes, Doc Lisboa 2004).



**Ficha Técnica:**

Realização: Muriel Jaquerod, Eduardo Saraiva Pereira  
Guião: Muriel Jaquerod, Eduardo Saraiva Pereira  
Montagem: Teresa Villaverde, Andrée Davanture  
Imagem: Muriel Jaquerod, Eduardo Saraiva Pereira  
Som: Muriel Jaquerod, Eduardo Saraiva Pereira  
Misturas de som: Adrien Kessler  
Produção: Muriel Jaquerod, Eduardo Saraiva Pereira / Les Films de la Cigogne

**Contacto:**

Les filmes de la Cigogne  
Place Simon Goulart 4 CH  
1201 Genève (Suíça)  
tel: 0044 797 7780 952  
fax: 0044 227 332 069

**e-Mail:**

cigognefilms@bluewin.ch

## A minha aldeia já não mora aqui

DvCam, 60', 2005.

**Sinopse:**

“Eu nasci debaixo destas águas. Tinha 10 anos quando tudo aconteceu. Há muitas coisas que me lembro bem, outras que são mais confusas. As pessoas mudam de morada, constroem-se igrejas novas, padarias novas, casas novas, ruas novas mas aqui mudou tudo ao mesmo tempo para tentar parecer que não mudou nada”. Durante 6 anos filmámos muitas horas de imagens na velha Aldeia da Luz, condenada a desaparecer debaixo das águas da barragem do Alqueva. A partir deste material e de redacções em que as crianças da Aldeia recordam o que sentiram durante todo o processo de mudança, este documentário conta-nos em flash-back a estranha história da Luz.

**Biofilmografia:**

*Catarina Mourão* nasce em Lisboa em 1969. Licenciatura em Direito em 1992 na Faculdade de Direito de Lisboa. 1993-1995 Mestrado em Cinema e Televisão, na Universidade de Bristol, Inglaterra Master of Arts with Commendation com Bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação para a Ciência e Tecnologia Programa Praxis (escrita de tese). Em 1995 obtem um prémio de montagem no âmbito do Festival BAFTA, das escolas de cinema do Reino Unido. Desde essa data tem colaborado em vários projectos de documentário ao nível da pesquisa e seu desenvolvimento, até à realização, produção e montagem. Em Janeiro de 2000 funda com a realizadora Catarina Alves Costa a produtora de cinema Laranja Azul especializada na produção e realização de documentários. Filmografia 2004: *Malmequer, bem-me-quer ou o diário de uma encomenda*; 2002-2004: *Desassossego*; 2003: *Lisbonne, Grandir sous un ciel inconstant*, montagem do documentário *Espelho de África*, realizado por Miguel Vieira de Almeida; 1998: *A Dama de Chandor, O porto*; 1997: *Fora de Água*; 1996: *O medo*; 1993: *Mecca before I die*.

**Ficha Técnica:**

Realização: Catarina Mourão  
Guião: Catarina Mourão  
Montagem: Pedro Duarte  
Imagem: Catarina Alves Costa, Catarina Mourão, Paulo Menezes  
Som: Olivier Blanc, Catarina Mourão  
Produção: Catarina Alves Costa / Laranja Azul

**Contacto:**

Laranja Azul  
Rua Tenente Ferreira Durão, 19 – 4ºEsq.  
tel: 213 881 746  
fax: 213 881 746

**e-Mail:**

laranjazul@mail.telepac.pt

# A Acabar

Algures entre o registo forte que desvenda e a luta contra o apagamento, pela possibilidade que o cinema dá de registar e reproduzir, o documentário frequentemente procurou fixar o que está em extinção. Para que perdure.



## Morabeza

Beta, 90', 2004.

#### Sinopse:

Lisboa. A minha cidade. Dizem que está sempre em obras, uma espécie de estaleiro gigante. Acho que é verdade, sempre vi Lisboa em obras. E pensar que as mesmas mãos que lhe colocam os tijolos também abraçam as cordas de um violino. A simbiose absurda e a luta daqueles que por aqui querem mais. Um filme sobre música cabo verdiana e não só.

#### Biofilmografia:

**Constantino Martins** nasceu em 1974. Estudou Filosofia e leccionou no ensino secundário. *Morabeza* é a sua primeira obra. 2005 – *A Conversa dos Outros*



#### Ficha Técnica:

Realização: Constantino Martins  
Montagem: Constantino Martins, Rui Ascensão  
Som: Nuno Veiga

#### Contacto:

Constantino Martins

#### e-Mail:

videows@hotmail.com

## Morte Galinha

MiniDv, 8', 2005.

#### Sinopse:

Um hábito que tende a desaparecer: criar galinhas e matá-las a sangue frio. A câmara presencia os actos finais, a morte do animal e os passos necessários à sua conservação até chegar ao prato. As imagens são acompanhadas pelos comentários sobre a vantagem de criar animais em casa, a dor dos mesmos, a modernização do animal de aviário e suas consequências.

#### Biofilmografia:

Cresci numa aldeia onde havia sessão de cinema ao domingo à noite. Religiosamente acompanhava os filmes, quase todos de qualidade duvidosa. Atingindo a maioridade comecei a filmar as minhas viagens, dezenas de horas de paisagens, gentes e.. monotonia. O meu primeiro documentário, *Yug* foi editado em 2004, e retrata os Balcãs, de Sarajevo ao sul da Albânia. *Morte Galinha* é o segundo trabalho. Na forja está um documentário sobre o 11 de Setembro. Profissionalmente sou engenheiro mecânico e trabalho na área ambiental, fazendo gestão de resíduos.



#### Ficha Técnica:

Realização: João Miguel Vaz  
Guião: João Miguel Vaz  
Montagem: João Miguel Vaz  
Imagem: João Miguel Vaz  
Som: João Miguel Vaz  
Produção: João Miguel Vaz

#### Contacto:

João Miguel Vaz

#### e-Mail:

joaovaz71@portugalmail.pt

# Da Terra

Há uma palavra associada à ideia de procura e de conhecimento: origem. Existe uma relação fundamental entre a procura de uma identidade, do espaço fundador, e a de um tempo e de uma forma de vida que se foi distanciando. Por choque ou por saudade, é um movimento recorrente o da procura da terra.

## Micro Doc's Kingdom

MiniDv, 26', 2005.

#### Sinopse:

Vários olhares documentais sobre a cidade de Serpa, realizados pelos participantes da 1ªOficina do Olhar durante o Seminário Doc’s Kingdom 05.

*Senhor Malveira* de Teresa Costa, *Silo* de Rui Monteiro, *Arre!* de Carla Capeto, *Ceifa* de Marise Francisco, *O Canto No Olhar* de Paula Alves, *Tempo Srp* de Hitesh, *(SEM TITULO) N.1* de Vvoitek Ziemelski, *A Partida* de Tânia David.

#### Biofilmografia:

1ª Oficina do Olhar 2005: *Príncipe Real*, *Usina*, *Making of*.



#### Ficha Técnica:

Realização e Montagem: Teresa Costa, Rui Monteiro, Carla Capeto, Marise Francisco, Paula Alves, Hitesh, Vvoitek Ziemelski, Tânia David  
Produção: Nucivo

#### Contacto:

Nucivo  
Associação Estudantes Faculdade Letras – UL Alameda  
1600 – 124 Lisboa  
tel: 217 990 534

#### e-Mail:

nucivo@yahoo.com.br

## Fiat Lux

DvCam, 16', 2005.

#### Sinopse:

Num lugar perto de Tondela, uma pequena comunidade esperou 25 anos pela instalação da luz eléctrica. E cinco anos mais tarde a luz chegou.

#### Biofilmografia:

**Luís Alves de Matos** nasceu em 1962 em Lisboa. Completou o curso de Cinema na ESTC. 2004 – *A Praça* 2003 – *Fernanda Fragateiro* – *Lugares perfeitos 2002* – *Ana Hatherly* – *A mão inteligente*, *Lisboa Capital do Nada 2001* – *João Penalva* – *Personagem e Intérprete*, *Últimos Dias 1999* – *A Fazer o Mal 1997* – *Mário Eloy* – *O pintor em fuga*



#### Ficha Técnica:

Realização: Luís Alves de Matos  
Montagem: Luís Alves de Matos, Fernando Carrilho  
Imagem: Paulo Abreu  
Som: Ricardo Silva  
Produção: Amatar Filmes

#### Contacto:

Amatar Filmes

#### e-Mail:

amatarfilmes@clix.pt

## Cá Dentro

DvCam, 64', 2005.

#### Sinopse:

Por dentro, um olhar exterior sobre as singularidades de uma existência comunitária, remota e particular, no entanto cada vez mais vulnerável às transformações que a ida de pessoas de fora implica: o passado lembrado, o presente observado, celebrações colectivas, traços de solidão, a relação entre pessoas e natureza, o antigo e o novo. O filme consiste na articulação, não ordenada cronologicamente, de vários momentos, colocados em contraponto com a banda de som, sua voz e ampliação: a vida na fajã, em fragmentos evocativos, residuais, especificidades do olhar, de fora para dentro.

#### Biofilmografia:

**José Neves** licenciou-se em Planeamento Regional e Local, variante de Geografia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e concluiu o 3º ano do Curso de Cinema da Escola Superior de Teatro e Cinema, na área de montagem. 2004/2003 – *Fajã de Santo Cristo* 2000/01 – *Imagine* 1999 – *Jorge Molder*, *Por Aqui Quase Nunca Ninguém Passa*.



#### Ficha Técnica:

Realização: José Neves  
Guião: José Neves  
Montagem: Cláudia Bravo  
Imagem: Sandra Meleiro  
Som: António Pedro Figueiredo, Paulo Cerveira, Luis Carapeto  
Produção: David e Golias

#### Contacto:

David e Golias  
Largo Adelino Amaro da Costa, 8 – 3ªDir  
1100-006 Lisboa  
tel: 218 882 028

#### e-Mail:

davidfestivais@hotmail.com

## O Inimigo

MiniDv, 12', 2004.

#### Sinopse:

Tem muitos nomes que é como quem não tem nenhum. Espreita-se nas sombras, estremece-se. Uma viagem ao norte de Portugal, zona fronteiriça, Minho, Trás-os-Montes e Espanha. Procuram-se outras formas de ver a realidade, de lidar com o inominável.

#### Biofilmografia:

Iniciei o meu percurso no vídeo na faculdade de Belas Artes, foi na conclusão desse percurso académico que surgiu *O Inimigo*. Antecederam este projecto, algumas incursões na vídeo-arte, esta foi a primeira experiência no campo do documentário. Participei em várias mostras de vídeo, mas nunca antes numa externa à faculdade.



#### Ficha Técnica:

Realização: Bruno Caracol  
Guião: Bruno Caracol  
Montagem: Bruno Caracol  
Imagem: Bruno Caracol, Inês Barros  
Som: Bruno Caracol  
Produção: Bruno Caracol

#### Contacto:

Bruno Caracol

#### e-Mail:

brunocaracol@yahoo.com.br

## A Pele

MiniDv, 55', 2005.

#### Sinopse:

No séc. XXI, no centro da cidade da Marinha Grande, uma antiga fábrica abandonada alberga uma comunidade de toxicodependentes que ali nasce, vive e morre.

#### Nota de intenções:

Cruzamo-nos com eles diariamente. Vivem, paredes meias connosco, no centro da cidade. Mas o que sabemos das suas vidas? A Pele é a vontade de ir ao encontro da comunidade de toxicodependentes da Marinha Grande, sem juízo de valor ou análise crítica. É, tão só, o desejo de saber como vivem e porque vivem para a heroína.

#### Biofilmografia:

Nasceu em '66 em Leiria. Em '87 foi para Lisboa estudar Linguística. Em '90 mudou para a Escola Superior de Teatro e Cinema e tirou montagem. Em '94 começou a trabalhar como assistente de realização de, entre outros, Eric Barbier, Ruy Guerra e João Pedro Rodrigues. Em 2000 começou a colaborar com o Ministério dos Filmes, sendo assistente de realização de Marco Martins. Em 2002 começou a realizar publicidade para a mesma produtora. Em 2005 realizou o seu primeiro documentário, *A Pele*. Actualmente prepara o segundo documentário, *Amanhecer*, sobre crianças com síndrome de dawn. Ao longo destes anos fui escrevendo textos sobre música e cinema para vários órgãos de informação.



#### Ficha Técnica:

Realização: Álvaro Romão

Guião: Álvaro Romão

Montagem: Álvaro Romão

Imagem: Álvaro Romão

Som: Tiago Granja

Produção: Ana Patrícia Nobre, Álvaro Romão / Associação Novo

Olhar e F.A. Filmes

#### Contacto:

Associação Novo Olhar

Rua do Comércio, 5 – 2ºEsq.

2400-124 Leiria

tel: 244 833 268

fax: 244 837 957 / 244 837 957

#### e-Mail:

anaquintanilha@iol.pt

## Vila Morena

DvCam, 36', 2005.

#### Sinopse:

Existe um lugar, talvez o centro cultural mais escondido do mundo, talvez a sala de estar da Mira e Mané, talvez o local de conspiração de uma revolução, seguramente um bar. *Vila Morena* é a pequena história da utopia que encontrámos no Tejo Bar: a utopia da construção duma nova família, ou da destruição da ideia de família, a utopia de estar juntos ou de estar sozinhos, mas juntos. A utopia é, mesmo sabendo que a humanidade é podre, acreditar também na mudança, e imaginar uma república independente cada noite. Até onde podemos viver nesse mundo à parte, até onde é que a utopia realmente está para lá do horizonte? Até onde precisamos dela só para caminhar?

#### Nota de intenções:

O Tejo Bar é um espaço especial. Quando pensámos em documentar a vida deste pequeno bar, queríamos falar sobre as particularidades deste local, tão à parte num mundo onde o consumo é o mais importante que a convivência. Queríamos falar sobre esta grande família que são as pessoas que o frequentam levando os seus instrumentos e propondo-se a criar noites diferentes. Acabámos por perceber que todas estas pessoas procuram no Tejo Bar um ponto comum: a vontade de viver num mundo melhor. Foi a partir desta ideia que desenvolvemos o nosso documentário

#### Biofilmografia:

**Alice Rohrwacher** nasceu em Fiesole, Itália em 1980. Estuda disciplinas clássicas e argumento cinematográfico, mas na sua formação entra também a música e o teatro. Em Itália, frequenta aulas com escritores, realizadores e argumentistas internacio-nais. Trabalhou na rádio, enquanto autora de textos e radialista e no teatro, interpretando e trabalhando em dramaturgia. Filmografia: imagens para o Teatro Stabile di Torino no festival *Domande a Dio* (Torino, 2002/2003); Curta-metragem *Abito al mare*, produção outroad (Orvieto, 2001); documentário *Un piccolo spettacolo* com Pierpaolo Giratolo, produção outroad (2004) – ganhou o primeiro prémio no Romadocfest, secção internacional; curta-metragem *Jaqueline* (Torino, 2003); curta-metragem *Fuorifuoco* (Portugal, 2005); *Vila Morena*, com Alexandra Loureiro (Portugal, 2005).

**Alexandra Loureiro** nasceu em Coimbra, em 1970. Trabalha em produção de artes performativas, com experiências acumuladas em várias áreas. Filmografia: curta metragem *A Lista*, com produção da Restart (Março 2004); documentário *Vila Morena*, com Alice Rohrwacher, com produção da Videoteca Municipal de Lisboa (Julho, 2005); documentário *Maputo vs Dança*, em pós-produção; documentário *Nós e os Outros*, em curso – acompanhamento do projecto Encontros Imediatos, projectos de intercâmbio e criação artística, promovido por Alcantara.



#### Ficha Técnica:

Realização: Alice Rohrwacher e Alexandra Loureiro

Guião: Alice Rohrwacher e Alexandra Loureiro

Montagem: Alice Rohrwacher e Alexandra Loureiro

Imagem: Alice Rohrwacher e Alexandra Loureiro

Som: Alice Rohrwacher e Alexandra Loureiro

Produção: Catarina Saraiva / Videoteca Municipal de Lisboa

#### Contacto:

Catarina Saraiva

#### e-Mail:

catarina.sar@clix.pt

# Em Comum



Como é que um grupo partilha uma experiência colectiva, um estilo de vida ou uma crença? Como é que se forma uma comunidade? Como é que cada grupo comunga do que tem em comum e dispõe tais dinâmicas na sociedade?

## Rastas

DvCam, 56', 2005.

**Sinopse:**

Rastas, 56', 2005.

*Rastas* mostra o quotidiano de um grupo de pessoas que acredita e vive segundo a filosofia de Jáh Rastafari em Portugal. Mostra a realidade das lutas e adaptações ao sistema a que chamam “ Babilónia” daqueles que vivem em grandes centros urbanos. Mostra por outro lado uma família de músicos reggae, os One Love Family, que optaram por sair do sistema e viver como se vivia antigamente, plantando e colhendo o seu próprio alimento, sem produtos químicos. Têm um ritmo de vida muito pessoal que se sente tanto nas letras das suas composições musicais como na sua vida. A mãe desta família nasceu em Lisboa e o pai em Cabo Verde, tendo sido criado em Lisboa. Todos tocam e cantam, dos 7 aos 40 anos, formando uma banda e uma família apaixonante, com os seus dreadlocks pelas cinturas. Mostra ainda o desagrado e incompatibilidade de ideais com o ensinamento escolar ao qual são obrigados a submeter os seus filhos, uma vez que vai totalmente contra os valores aprendidos em casa.

Rastas, 56', 2005.

**Nota de intenções:**

A verdadeira intenção ao transformar os rastas que vivem em Portugal em personagens e protagonistas deste filme, foi querer mostrar uma filosofia e um modo de vida “anti violência”, num mundo cada vez mais caótico e que parece alimentar-se desta mesma violência. Uma família de músicos reggae é o símbolo máximo desta filosofia, optaram por retirar-se do sistema “babilónico” e viver do que a terra lhes dá.

Rastas, 56', 2005.

Rastas, 56', 2005.

Rastas, 56', 2005.

## C-Mail, quando o correio chega por mar

MiniDv, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

**Sinopse:**

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

À primeira vista, Terschelling é apenas mais uma pequena ilha do Norte da Holanda. Tem um afamado festival de Verão e areais invejáveis. Possui até uma reserva natural que é o sonho de qualquer omitólogo. Contudo, são os jutters que lhe dão uma identidade própria. Estes vorazes caçadores de despojos do mar palmilham diariamente cada centímetro de areia em busca das novidades trazidas pelos naufrágios ou tempestades. Com Johan Wolf, um ex-professor primário, tudo é diferente: colecciona apenas garrafas com mensagens. Tem o culto desta improvável comunicação.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

**Nota de intenções:**

Quando, no último trimestre de 2004, o jornalista João Lopes Marques trilhou a região da Frísia, no norte da Holanda, para a revista Volta ao Mundo, uma das suas entrevistadas falou-lhe de Han Wolf. Apaixonados pela história, seguimos para a pequena ilha desta romântica figura já em Dezembro, com uma única intenção em mente: absorver todas as nuances possíveis do fabuloso imaginário de quem se dedica a caçar mensagens em garrafas desde novo e fazê-las ganharem vida no ecrã.

**Biofilmografia:**

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

Fazem parte da filmografia de Neni Glock os seguintes filmes: *Rastas* (2003/2004, doc) – teve uma Menção Honrosa na XXXI Jornada de Cinema da Bahia, Brasil e participou nos Dias do Documentário promovido pela Atalanta Filmes e *A Fé de cada um*, que ganhou o prémio especial do júri na XXXII Jornada Internacional da Bahia, Brasil.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.



C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

**Ficha Técnica:**

Realização: Neni Glock

Guião: Neni Glock

Montagem: Neni Glock e André Bessa

Imagem: Neni Glock

Som: André Bessa

Produção: Berlindes e Tamarindo Filmes

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

**Contacto:**

Tamarindo Filmes

Estrada das Biscoiteiras, 20 – 6ºB

2795 – 038 Linda-a-Velha

tel: 914 758 564

fax: 214 142 913

**e-Mail:**

afbessa@netcabo.pt

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

C-Mail, quando o correio chega por mar, 10', 2005.

## A Ocasião

MiniDv, 50', 2005.

**Sinopse:**

A Ocasião, 50', 2005.

Colocar os óculos e alienar-se. Seguir as indicações: depois do túnel continuar em frente. Tirar uma fotografia para que a vida fique do tamanho natural. Será a ocasião de descobrirem até onde vos leva a ocasião. All Aboard!

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

**Nota de intenções:**

Neste filme procurámos sentir e mostrar-vos um fascínio pela capacidade do homem inventar, brincar e conseguir amar na relação com os seus objects. A ideia de o fazermos através de um jornal de anúncios pode revelar simplesmente o labirinto em que todos nós nos movemos na esperança de encontrar a energia que nos falta. E como se diz a certa altura no filme: “Deixemo-nos de teorias, e passemos a contemplar”.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

**Biofilmografia:**

A Ocasião, 50', 2005.

**Cláudia Alves** nasceu em Lisboa, em 1980. Licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Em 2005 realizou o curso de realização de documentário na Videoteca Municipal de Lisboa. 2005 – *A Ocasião*

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.



A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

A Ocasião, 50', 2005.

## Bandeira

DvCam, 70', 2005.

#### Sinopse:

Bandeira trabalha a memória do evento Euro 2004. Um ano depois, o que sentem as pessoas sobre esse evento que, na altura em que aconteceu, galvanizou o país.

#### Nota de intenções:

O permanente e o efémero nos mega espectáculos encenados pelo poder, a memória do EURO 2004, a reflexão como ponto de partida enquanto leitura do presente.

#### Biofilmografia:

Realiza vários video-clips de bandas portuguesas, spots tv para peças de teatro, filma peças de teatro. Aproximação aos Sitiados , vídeo-narrativo: prémio FPCL Lisboa 86. Faca-Água-Tv: vídeo-arte para as Festas da Cidade de Lisboa 93. Curta metragem *Tudo Bem ©2005. Pintar a Instável Claridade – sobre a pintura de Sofia Areal © 2005.*



#### Ficha Técnica:

Realização: Rui Filipe Torres  
Guião: Rui Filipe Torres  
Montagem: Rui Filipe Torres  
Imagem: Rui Filipe Torres  
Som: Nuno Chainho, José Leitão  
Assistente de Plateau: Catarina Lopes Alves  
Produção: Rui Filipe Torres / Ai mamã produções

#### Contacto:

Ai mamã produções

#### e-Mail:

maeprod@sapo.pt

## S. João – Rua 15

MiniDv, 35', 2005.

#### Sinopse:

A festa como momento privilegiado para observar uma rua.

#### Biofilmografia:

Licenciado em Geografia. Trabalha na área da fotografia e vídeo desde 1991. Realizou vídeos institucionais, videoclips, publicidade, documentários para televisão e de autor. Como autor interessa-se por temáticas que se cruzam entre a História e a Antropologia. Os trabalhos mais recentes, *Ventos de Largo, A água nunca nos deixa* e *Kado-Matsu* são incursões que têm por temática os elementos naturais.



#### Ficha Técnica:

Realização: António Barreira Saraiva  
Guião: António Barreira Saraiva  
Montagem: António Barreira Saraiva  
Imagem: António Barreira Saraiva  
Som: António Barreira Saraiva  
Produção: Teresa Palma Fernandes / Proformar

#### Contacto:

António Barreira Saraiva

#### e-Mail:

absaraiva@netcabo.pt

## Gosto de ti como és

DigiBE'TA, 57', 2005.

#### Sinopse:

Uma família de Lisboa. Um bairro antigo e uma Marcha Popular: a Marcha da Bica. Este documentário constrói-se na aproximação a este sítio e a estas pessoas. Do sentido local do acontecimento popular à dimensão universal do desejo de sucesso, das vivências em comunidade e da procura da glória por mais efémera ou transitória que seja. Ensaios, conversas em família, encontros à esquina até à chegada do momento preparado ao longo de três meses: a apresentação pública da Marcha e a sujeição à avaliação de um júri. A expectativa e a crença na vitória crescem até de manhã quando a notícia chega ao bairro.

#### Biofilmografia:

*Silvia Firmino*, 31 anos, portuguesa. Em 2001 completou os seus estudos em Linguística e Cinema na Universidade Nova de Lisboa. Actualmente, está a escrever a sua tese de mestrado em cinema documental. Realizou e produziu vários documentários de curta metragem e vídeo-instalações. *Gosto de ti como és* é a sua primeira obra.



#### Ficha Técnica:

Realização: Silvia Firmino  
Montagem: João Nicolau, Silvia Firmino  
Imagem: João Ribeiro  
Som: Olivier Blanc  
Produção: Laranja Azul, EGEAC

#### Contacto:

Laranja Azul  
Rua Tenente Ferreira Durão, 19 – 4ºEsq.  
tel: 213 881 746  
fax: 213 881 746

#### e-Mail:

laranjazul@mail.telepac.pt

## Skinheads – rebeldes com uma causa!

DvCam, 20', 2004.

#### Sinopse:

Racismo, violência, extremismo são designios vulgarmente associados à ideia de skin. Raúl tem 32 anos, trabalha, é skinhead. Não é racista, não promove nem procura a violência gratuita e não tem qualquer tipo de ideologia política extremista. Acompanhando alguns momentos da sua vida e com base no seu discurso, este documentário pretende passar a mensagem sobre o que é ser skinhead.

#### Biofilmografia:

Videografia de **Vítor Hugo Costa**: *Vejo-me* (2001); *Complexo de querer dizer* (2003); *Mãos, olhos, boca, nariz* (2004); *Skinheads – rebeldes com uma causa!* (2004); *Inert* (2005); *Trace contour* (2005); *Running* (2005)



#### Ficha Técnica:

Realização: Vítor Hugo Costa  
Guião: Vítor Hugo Costa  
Montagem: Nuno Mendes e Vítor Hugo Costa  
Imagem: Vítor Hugo Costa  
Som: Nuno Mendes  
Produção: Videoteca Municipal de Lisboa

#### Contacto:

Vítor Hugo Costa

#### e-Mail:

vitor.hc@gmail.com

## A fé de cada um

DvCam, 57', 2004.

### Sinopse:

Acompanham-se alguns personagens em peregrinação a pé ao Santuário de Fátima. Um deles é um “pagador de promessas”, figura lendária da Idade Média que cobrava uma taxa para pagar promessas de outras pessoas. Acompanha também os peregrinos habituais que normalmente movidos pela fé na Santa, se fazem à estrada todos os anos. Paralelamente acompanha a trajectória polémica de um padre católico, preso por duas vezes pela antiga polícia do regime de Salazar por ser considerado subversivo, quando alegava estar apenas a seguir o evangelho de Jesus Cristo. Era um opositor da Guerra Colonial e pregava a paz entre os soldados. O padre acredita que Fátima é um embuste da Igreja Católica, um campo de concentração da dor e do paganismo onde se apregoa o culto de uma imagem morta. Os caminhos que percorrem acabam no santuário onde explodem a fé e a denúncia.



### Biofilmografia:

*Rastas* (2003/2004, doc) – teve uma Menção Honrosa na XXXI Jornada de Cinema da Bahia, Brasil e participou nos Dias do Documentário promovido pela Atalanta Filmes e *A Fé de cada um*, prémio especial do júri na XXXII Jornada Internacional da Bahia, Brasil.

### Nota de Intenções:

A intenção deste filme é mostrar que existem várias opiniões e maneiras de interpretar e vivenciar um mesmo tema. O que é sagrado para uns pode ser profano para outros. A verdade está naquilo em que cada um acredita.

### Ficha Técnica:

Realização: Neni Glock  
Guião: Neni Glock  
Montagem: Neni Glock e André Bessa  
Imagem: Neni Glock  
Som: André Bessa  
Produção: Berlindes e Tamarindo Filmes

### Contacto:

Tamarindo Filmes  
Estrada das Biscoiteiras, 20-6º B  
2795 – 038 Linda-a-Velha  
tel: 914 758 564  
fax. 214 142 913

### e-Mail:

afbessa@netcabo.pt

# Da Memória



O documentário, como a memória, é também confronto entre passado e presente. Recuperar o lastro de experiências acumuladas é convocar para o colectivo o exacto espaço da interrogação onde se encontram o traço do passado e o traçar do presente.

## Antes e Depois do Adeus

HD, 53', 2004.

#### Sinopse:

O objectivo é fazer o paralelismo entre a realidade social e humana de quem viveu antes do 25 de Abril de 1974 e de quem viveu depois do 25 de Abril de 1974. Não se trata de falar da revolução mas de fazer um retrato social e humano de quem teve experiên-cias de vida tão diferentes ou, quem sabe em algumas situações... tão iguais. Para cumprir este objectivo é feito um paralelismo a dois níveis: um ao nível estético; outro ao nível de testemunhos. Para tentar abranger universos o mais distintos possível, vamos ao encontro de algumas pessoas conhecidas do grande público (de áreas tão diversas como música, política, estilismo) e de pessoas anónimas de áreas profissionais, escalões sociais e regiões bastante diferentes. O objectivo é também, através das suas histórias, fazer um retrato do meio em que se inserem.

#### Biofilmografia:

##### António José Casimiro Correia de Almeida

Nasceu em 1955. Estudou Realização na Universidade Maine (EUA) e leccionou na ETIC /EPI. *Tudo sobre a vida e obra de...*; *Mais um dia de noite*; *Festival da Canção da Eurovisão*; *Nasci adulta morrerei criança*; *Antes e Depois do Adeus*.



#### Ficha Técnica:

Realização: António José de Almeida  
Guião: Anabela Almeida  
Montagem: Pedro Clérigo  
Imagem: Jorge Afonso  
Som: Samuel Rebelo  
Produção: Panavideo

##### Contacto:

Panavideo  
Av. Infante D. Henrique, 332, Ed. 2, 1ªEsq.  
1800-224 Lisboa  
tel: 218 372 662

##### e-Mail:

panavideo@panavideo.pt

## Duas Histórias de Prisão

Betacam, 82', 2004.

#### Sinopse:

Na noite de 26 de Abril de 1974, abriram-se as portas da prisão de Caxias e os prisioneiros politicos foram libertos. Mais do que a mudança de Governo, as manifestações de jubilo popular ou os cravos vermelhos, a abertura das portas de Caxias marca, definitivamente, o fim do regime fascista. Duas mulheres, Diana Andringa e Maria José Campos, revivem neste filme os seus tempos de detenção em Caxias.

Mesmo não tendo sofrido as torturas e outras formas de violência a que a maioria das suas companheiras foi sujeita, ambas falam com grande emoção do isolamento e do chamado periodo de “regime normal” em que partilharam o espaço de uma cela com outras prisioneiras e aprenderam a viver a prisão.

#### Biofilmografia:

**Ginette Lavigne** nasceu e vive em Paris. Realizou diversos filmes como *Le Kugelhof* (1992), *Le fil Rouge* (1995), *Un repas de paix* (1995), *República, o Jornal do Piovo* (1998), *A Noite do Golpe de Estado* (2001), *Jour de Grève à Paris-Nord* (co-realizado com Jean-Louis Comolli, 2001). Foi assistente de realização, montadora e guionista de vários filmes de Jean-Louis Comoll.



#### Ficha Técnica:

Realização: Ginette Lavigne  
Guião: Ginette Lavigne  
Montagem: Ginette Lavigne  
Imagem: João Ribeiro  
Som: José Barahona  
Produção: Luís Correia / Lx Filmes

##### Contacto:

Lx Filmes  
Rua Vale Formoso, 114 – A, Armazém 23  
1950-285 Lisboa  
tel: 218 650 490  
fax: 218 650 499

##### e-Mail:

lxfilmes@hotmail.com

## Pró Memória - a arte da memória

MiniDv, 60', 2004.

#### Sinopse:

O Pró Memória é uma série de documentários de investigação que trata a relação das crianças com as tradições e culturas da sua região, tendo estas um papel crucial na concepção e realização de cada documentário. A Arte da Memória é o segundo episódio de uma série de três, e trata mais directamente, como o título indica, a questão da memória, do passado, de uma tradição e sua permanência. Foi desenvolvido em Ovar.

O projecto Pró Memória é ainda constituído pelos seguintes dois episódios:

- Sonotigadores de Tradições*, realizado em Mogadouro (Trás-os-Montes), 2003
- Os Povoadores do Tempo*, realizado em Vila Nova de Famalicão (Minho), 2005

## No Jardim do Mundo

Betacam, 65', 2004.

#### Sinopse:

Na imensa planície alentejana, sulcada por estradas novas e transtornada por grandes obras, homens e mulheres, antigos trabalhadores agrícolas, desfrutados pelos lavradores de antigamente, confidenciam o quanto a sua vida mudou. Lembram-se das condições de miséria às quais eram sujeitos antes do 25 de Abril. O trabalho que faziam nos campos, do nascer ao pôr do sol, não chegava para os alimentar. Só a fome, a poesia e o sol lhes pertenciam.

#### Nota de intenções:

Vivi toda a minha infância no Alentejo. Filha única, a minha melhor amiga era a dona Angélica, uma mulher de sessenta anos. Então só tinha uma vaga ideia do que tinha vivido aquela mulher. Não fazia ideia dos longos dias passados a trabalhar no campo, da estreita ligação à terra. Dona Angélica desenvol-vera uma cultura ligada às estações, aos plantios, à terra, pela qual senti de imediato carinho e respeito. Hoje, posso dizer que foram a força fora do comum e a beleza daquela vizinha que me levaram a fazer este filme. Como se vive hoje no Alentejo e como se encaram o passado e o futuro? Quais são as imagens e os sons dessas vivências? Qual é a beleza cinematográfica do Alentejo? Comecei então a pensar neste filme e na captação necessária duma memória viva.



#### Ficha Técnica:

Realização: Tiago Pereira e Raquel Castro  
Guião: Tiago Pereira e Raquel Castro  
Montagem: Tiago Pereira e Raquel Castro  
Imagem: Tiago Pereira e Raquel Castro  
Pós-produção som: Tiago Pereira  
Produção: Zero Igual a Dois – Produções e Formação Artística

##### Contacto:

Zero Igual a Dois

##### e-Mail:

zeroigualadois@hotmail.com



#### Ficha Técnica:

Realização: Maya Rosa  
Guião: Maya Rosa  
Montagem: Patrícia Saramago  
Imagem: Zoltan Hauville  
Som: Maya Rosa  
Produção: Luís Correia / Lx Filmes

##### Contacto:

Lx Filmes  
Rua Vale Formoso, 114-A, Armazém 23  
1950-285 Lisboa  
tel: 218 650 490  
fax: 218 650 499

##### e-Mail:

lxfilmes@hotmail.com

## O Jardim

DvCam, 13', 2004.

### Sinopse:

O documentário retrata a relação entre a apropriação do espaço e a memória. *O Jardim* é sobre um local repleto de histórias perdidas e memórias controversas: quem doou o jardim, qual o seu nome, qual o homem que a estátua evoca, em suma, as (in)certezas das pessoas que o frequentam.

### Biofilmografia:

Este é o primeiro filme dos dois realizadores.



### Ficha Técnica:

Realização: Bernardo Antunes, Gonçalo Palma  
Guião: Bernardo Antunes, Gonçalo Palma  
Montagem: Bernardo Antunes, Gonçalo Palma  
Imagem: Bernardo Antunes, Gonçalo Palma  
Som: Bernardo Antunes, Gonçalo Palma  
Produção: Videoteca Municipal de Lisboa

### Contacto:

Gonçalo Palma

### e-Mail:

goncalo\_palma@hotmail.com

## Príncipe Real

Mini-Dv, 12', 2005.

### Sinopse:

Feito no contexto da 1ª Oficina do Olhar, formação intensiva em vídeo documental, com orientação de Pedro Sena Nunes- 80 horas teórica-prática

### Biofilmografia:

1ª Oficina do Olhar 2005: *Príncipe Real*, *Usina*, *Making of*



### Ficha Técnica:

Realização: Maria Aurindo, Paula Alves, Sónia Ferreira, Tânia David  
Guião: AAVV  
Montagem: AAVV  
Imagem: AAVV  
Produção: Nucivo

### Contacto:

Nucivo  
Associação Estudantes Faculdade Letras - UL  
Alameda da Universidade  
1600-214 Lisboa  
tel: 217 990 534

### e-Mail:

nucivo@yahoo.com.br

# Da Cidade



Procurar compreender os espaços. Como é que eles disponibilizam as formas em que nos movimentamos. Quais os espaços de encontro que se criam, quais os de conflito, o que é partilharmos um espaço em comum? Filmar a cidade é também registar o que muitas vezes está próximo, como que diluído no nosso dia-a-dia.

## Lisboa Imaginada

DvCam, 22', 2005.

<b>Sinopse:</b>	<b>Biofilmografia:</b>
<p>A partir do percurso de uma visita guiada, este documentário mostra uma ideia de Lisboa construída para o olhar do turista. O guia turístico revela a cidade dirigindo a atenção do visitante para uma Lisboa idealizada para agradar.</p>	<p>Em 2005 <b>Marta Rosa</b> realizou o documentário <i>Memórias do teatro na rádio</i>.</p> <p><b>Maria Carita</b> nasceu a 2 de Fevereiro de 1979 em Lisboa. Está no quarto ano de Antropologia na Universidade Nova de Lisboa. Tirou o curso de Audiovisuais na Restart. Realizou o making of de <i>Antídoto</i> e de <i>Sopro</i> (peças da Companhia Rui Lopes Graça). Ganhou o primeiro prémio com <i>L.M.S.</i> no Video Run 2005.</p>
<b>Nota de intenções:</b>	<b>Ficha Técnica:</b>

Nos últimos anos, a cidade de Lisboa tem visto o número dos seus visitantes estrangeiros crescer. Este interesse crescente deve-se a vários factores: uma abertura e maior interesse de Portugal relativo ao turismo, a zona euro à qual Portugal pertence agora, a Expo98, as linhas aéreas lowbudget, entre outras. Os habitantes de Lisboa foram-se habituando a estes estranhos e adaptaram-se a esta lógica de estar na cidade. Quisemos explorar esta ideia de Lisboa construída para um novo olhar sobre a cidade; um olhar exterior mas com uma imagem à partida do que o espera aqui. O que é que estes visitantes procuram? Uma ideia de pitoresco, de tradicional, de típico? E que Lisboa é esta que eles levam para casa? Não sendo exactamente a nossa, como habitantes de Lisboa, não foi também a que escolhemos mostrar? A intenção é mostrar a forma como os turistas são conduzidos em Lisboa, a forma como se comportam perante a cidade e, no final, saber que imagens e ideias levam de Lisboa consigo.

## Feira da Ladra

MiniDv, 20', 2004.

<b>Sinopse:</b>	<b>Biofilmografia:</b>
<p>Nesta Feira da Ladra, feita de sombras humanas e de objectos perdidos no tempo, é possível encontrar pessoas dispostas a falar da vida. Pessoas anónimas que transformam este mercado aberto ao céu num verdadeiro espaço de reflexão sem limites.</p>	<p><b>Cláudia Silvestre</b> é licenciada em Jornalismo e realizou uma tese final de curso sobre documentaris-mo português na televisão. Tem feito trabalhos de montagem e assistência de montagem tanto de ficção como de documentário.</p> <p><b>Silvia H.</b> é licenciada em Comunicação Social, com especialização académica e profissionalização na área de cinema. Realizou os documentários <i>A Trieste le Anime</i> (2002), <i>Las Piedras lo Saben Todo</i> (2005) e uma curta/ficção <i>Antes de Adormecer</i> (2002)</p>
<b>Nota de intenções:</b>	<b>Ficha Técnica:</b>



Realização: Cláudia Silvestre e Sílvia H.  
Guião: Cláudia Silvestre e Sílvia H.  
Montagem: Cláudia Silvestre e Sílvia H.  
Imagem: Cláudia Silvestre e Sílvia H.  
Som: Cláudia Silvestre e Sílvia H.  
Produção: Videoteca Municipal de Lisboa

**Contacto:**

Cláudia Silvestre

**e-Mail:**

claudiasvsilvestre@gmail.com

## Cidade Só

DvCam, 22', 2004.

<b>Sinopse:</b>	<b>Biofilmografia:</b>
<p>Uma cidade. Uma casa. Uma janela. Uma mulher. Tudo tem o seu tempo. Até a solidão?</p>	<p><b>Ana Margarida Penedo</b>  2004 – <i>cIDADE só</i>  2003 – <i>BB.487 – Uma intervenção de conservação e restauro</i>  2001 – <i>Passos Reflectidos</i></p> <p><b>Cecília Dionísio</b>  2005 – <i>Quatro elementos</i> (vídeo-dança)  2004 – <i>cIDADE só, Duas meninas e uma esfinge</i>  2003– <i>A3, Cadáver Delicioso Lusitano</i> (vídeo-arte / experimental)</p>
<b>Nota de intenções:</b>	<b>Ficha Técnica:</b>

A principal finalidade deste trabalho é mostrar uma das grandes contradições da sociedade moderna, agravada pelo estilo de vida nas cidades: a solidão das pessoas idosas. Entendemos esta situação como contraditória, porque é devido a um processo "natural", e talvez por isso mesmo inevitável, que as pessoas envelhecem, deixando de lhes ser reconhecido um papel activo numa sociedade, na qual elas já foram jovens e na qual sempre viveram. Esta contradição agrava-se quando pensamos que a nossa sociedade proclama a ideia que o homem e a mulher são indivíduos autónomos que ocupam o seu lugar na sociedade, suportados pelas suas qualidades e qualificações pessoais. No entanto, no momento em que estas "qualidades" estão em risco, o lugar que ocupam na sociedade é-lhes retirado, sem que sejam promovidos outros tipos de actividades, interesses, motivações, etc. No filme, esta contradição é traduzida pelo contraste entre as movimentadas ruas de Lisboa e as imagens de uma casa em que o tempo se prolonga e a vida se vive noutros ritmos, noutros sons, noutros silêncios...

## A Praça

Beta SP, 52', 2004.

<b>Sinopse:</b>	<b>Biofilmografia:</b>
<p>Num bairro social da zona oriental de Lisboa (Chelas), uma praça sofre obras de requalificação que se estendem por três anos. Neste lugar pensado em cor de rosa, vive uma comunidade deprimida, concentrada no seu dia-a-dia, mas cada vez mais indiferente ao destino das intermináveis obras. O parque infantil e o mercado, que a população tanto deseja, não parecem estar previstos no plano. E os dias continuam...</p>	<p><b>Luís Alves de Matos</b> nasceu em 1962 em Lisboa. Completou o curso de Cinema na ESTC. 2005 – <i>Fiat Lux 2003 – Fernanda Fragateiro – Lugares perfeitos</i>  2002 – <i>Ana Hatherly – A mão inteligente, Lisboa Capital do Nada</i>  2001 – <i>João Penalva – Personagem e Intérprete, Últimos Dias 1999 – A Fazer o Mal 1997 – Mário Eloy – O pintor em fuga</i></p>
<b>Nota de intenções:</b>	<b>Ficha Técnica:</b>



Realização: Luís Alves de Matos  
Montagem: Telmo Churro, Luís Alves de Matos  
Imagem: Paulo Abreu, Miguel Sargento, Luís Alves de Matos, Leonor Areal  
Som: Paulo Abreu, Miguel Sargento, Luís Alves de Matos, Leonor Areal  
Produção: Amatar Filmes

**Contacto:**

Amatar Filmes

**e-Mail:**

amatarfilmes@clix.pt

## A Guerra dos Anjos

DvCam, 38', 2005.

#### Sinopse:

Era uma vez um bairro de Lisboa. Bairro que alguém um dia, incapaz de prever o futuro, baptizou com o nome de Anjos. O documentário trata a difícil coabitação entre os moradores e comerciantes por um lado, e os toxicodependentes por outro. Afinal, quem é o mau da fita?

#### Biofilmografia:

Produtora, realizadora, guionista. Formada em escrita de argumentos pela Universidade La Sorbonne em Paris e em Produção e Marketing Audiovisual pela Restart em Lisboa, **Ossanda Filipe Forge** exerce na Filme Couture a função de Produtora Executiva desde Setembro de 2004. No seu currículo destaca-se a escrita e produção da curta-metragem *Head Down*, filme seleccionado para o New York International Independent Film Festival (Abril, 2005). O argumento do *Head Down* valeu-lhe ainda uma qualificação no concurso de curtas-metragens “The British Short Screenplay Competition”. Realiza o seu primeiro documentário *A Guerra dos Anjos* em 2005.



#### Nota de intenções:

A ideia de realizar este documentário surgiu ao constatar que a minha freguesia se está a degradar do ponto de vista estético e humano. É a verdadeira decadência em todos os seus estados. Há que lutar contra a desgraça de uns, contra a negligência de outros. A minha arma é a minha DV.

#### Ficha Técnica:

Realização: Ossanda Liber  
Guião: Ossanda Liber  
Montagem: Maria Antunes e Gabriel Gomes  
Grafismo: Renata Guimarães  
Imagem: Maria Antunes  
Som: Sid e Luís Bento  
Produção: Ossanda Liber / Filme Couture

#### Contacto:

Filme Couture  
Rua Antero de Quental, 18-2º  
1150-043 Lisboa  
tel: 218 860 617  
fax: 218 860 617

#### e-Mail:

admin@filmecouture.com



## Palco Oriental

Mini Dv, 25', 2004.

#### Sinopse:

Entre os escombros e o futuro de uma Lisboa adiada, o Palco Oriental luta pela defesa da sua sala, agora ameaçada com uma ordem de despejo. A Igreja recebeu essas antigas cavalariças em 1999, através da doação feita por uma associação fantasma. Contra isto, João Jorge, director do Palco, apenas tem o testemunho do bairro, a memória de 25 anos de actividade teatral e a esperança de poder invocar a Usucapião para ter direito a usufruir do espaço onde sempre trabalhou.

#### Biofilmografia:

**Maria Firmino Antunes** tem o 2º ano de Ciências da Comunicação, na Universidade Autónoma de Lisboa e fez o Curso de Documentário, da Videoteca Municipal de Lisboa em 2004. Contam-se na filmografia os seguintes trabalhos: o documentário *Os poetas*; a filmagem, montagem e realização dos filmes sobre as peças de teatro: *Ar* (Chapitô), *A Parede* (Centro de Artes de Lisboa) ambos em 2003; *making of do disco Pulsar da banda Danças Ocultas*, lançado com o disco em 2004; *Palco Oriental*; *Mnemonic Odissey*, videoclip baseado na performance gráfica de Rui Antunes (2005); *Pintura e Performance*: realização do portfolio digital da Pintora Eva Stenitz (2005); *Afectos*: realização de um videoclip baseado numa das exposições da Pintora Manuela Pinheiro (2005); *Encontro de Autores*: Vídeo baseado num encontro de vários autores, com imagens de peças e uma conversa com a Pintora Manuela Pinheiro, em Março de 2005; *A Guerra dos Anjos* (filmagem e edição do filme de Ossanda Liber), 2005.

**Miguel Vasconcelos** conta com os seguintes trabalhos na sua filmografia: *Documento Boxe* (Doc, 2005; Melhor Curta Metragem Portuguesa no 13ºFestival Internacional de Curtas Metragens de Vila do Conde, Competição Internacional no DocLisboa 2005); *Abalar* (ficção, 2004, co-realizado com Fernando Carrilho e Joaquim Mendes; 1ºPrémio no Festival de Super 8; exibição no programa da :2 Onda Curta); *Palco Oriental* (Doc, 2004; Estreia no 8º Festival Gay e Lésbico de Lisboa; exibição na mostra de vídeo e performance Novas Periferias; Menção Honrosa no Festival de Vídeo de Corroios; exibição no Quintas Curtas mostra de curtas na ZDB, com organização da Filme Couture); *Room* (vídeo-instalação, 2004; exibição na mostra Quintas Curtas); *Andar na Linha* (vídeo-instalação, 2003; exibição no Quintas Curtas); *Paisagens Interiores* (vídeo-instalação, 2004; encomenda do Festival Museu Aberto, Monsaraz); *Uniforme* (experimental, 2004; Festival de Vídeo de Corroios); *Ida e Volta* (vídeo-concerto, 2003, música de Nuno Morão; Festival Hertzoscópio, Lugar Comum – Barcarena); *Triptico Obreiro* (vídeo-instalação, 2003; Festival Hertzoscópio, Lugar Comum – Barcarena)

#### Nota de Intenções:

*Palco Oriental* é um documentário realizado no âmbito do Curso de Documentário da Videoteca Municipal de Lisboa e é um compromisso entre sensibilidades. O filme conjuga o sentido poético de Maria Antunes, com o questionar social de Miguel Vasconcelos e a aprendizagem prática do curso. A uma certa distância de tudo isto fica o interesse por uma obra, que mostra a luta de uma sala de teatro por manter-se viva num antigo bairro operário que podia ser património arquitectónico mas é sobretudo uma área abandonada à espera da requalificação urbanística.



#### Ficha Técnica:

Realização: Maria Antunes, Miguel Vasconcelos  
Guião: Maria Antunes, Miguel Vasconcelos  
Montagem: Maria Antunes, Miguel Vasconcelos  
Imagem: Maria Antunes, Miguel Vasconcelos  
Som: Maria Antunes, Miguel Vasconcelos  
Produção: Videoteca Municipal de Lisboa

#### Contacto:

Teatro Não – Associação Cultural  
Rua de Macau, 14-1º  
1170-203 Lisboa  
tel: 218 140 291

#### e-Mail:

teatronao@gmail.com

## Pescadores de Vila Chã

MiniDv, 14', 2005.

#### Sinopse:

A vida dos pescadores de Vila Chã pelo olhar das suas companheiras de vida e profissão.

#### Biofilmografia:

**João Lisboa** realizou: a curta-metragem *Pedro e Mariana* (baseada na peça *O Amor de Fedra* de Sarah Kane, adaptada por Verónica Jerónimo); documentário *Cinco Menos Um* (os cinco sentidos “vistos” por um invisual); curta-metragem, *Toque de Sangue*; curta-metragem *De Ontem para Hoje*; documentário institucional na empresa futurvida; curta-metragem *Caravelas para o século XXI*; curta-metragem *Um Vendedor de Sonhos*; documentário, *Pescadores de Vila Chã*; documentário *Olhares Cinematográficos no Lugar de Gaia*.



#### Ficha Técnica:

Realização: João Lisboa  
 Guião: João Lisboa  
 Montagem: João Lisboa  
 Imagem: João Lisboa  
 Som: Jorge Almeida  
 Produção: Escola Superior Artística do Porto

#### Contacto:

João Lisboa

#### e-Mail:

joaolisboa@iol.pt

## Comunitários

MiniDv, 52', 2004.

#### Sinopse:

A pesca ainda é um mar de oportunidades, onde o trabalho é cada vez mais tranquilo e as viagens mais seguras. Portugal e Espanha são terras de pescadores, com ancestral e nem sempre pacífica partilha de recursos. Pelo menos desde o século XVII, as rotas de pescadores da Andaluzia e do Algarve cruzam-se na Foz do Guadiana. Mas só agora o mar é de todos, comunitário, como quer a União Europeia. Este documentário é um conjunto de entrevistas às entidades mais relevantes, nos lados português e espanhol, na actividade pesqueira na zona do estuário do Guadiana (associações de pescadores e armadores, gestores das lotas, responsáveis pela administração pública, universidades), considerando que há na zona uma intensa e histórica partilha de locais e recursos de pesca e a perspectiva futura de liberalização do acesso às águas.

#### Biofilmografia:

Este é o primeiro documentário realizado por **João Romão**, nascido em Vila Real de Santo António a 12 de Maio de 1968, licenciado em Economia e com mestrado em Economia e Gestão de Ciência e Tecnologia pelo ISEQ, da Universidade Técnica de Lisboa. Concluída a formação universitária, João Romão colaborou em vários estudos de consultoria económica, viria a integrar a redacção do semanário “Já” e a colaborar ocasionalmente em outros órgãos de informação (Diário Económico, Expresso, Vida Mundial, Economia Pura). Entre 1998 e 2003 exerceu funções de “Técnico Superior Principal” na área da economia na Câmara Municipal de Vila Real de Santo António e após esse período fundou a “Guadiconsult, consultoria empresarial e comunicação”, sociedade unipessoal que actualmente dirige e que produziu este documentário.



#### Ficha Técnica:

Realização: João Romão  
 Guião: João Romão  
 Montagem: Blindvision  
 Imagem: Blindvision  
 Som: Blindvision  
 Música: João Aguardela  
 Infografia: Luís Carlos Amaro, Margarida Ornelas  
 Produção: Guadiconsult

#### Contacto:

Guadiconsult, Consultoria Empresarial e Comunicação  
 Urbanização das Laranjeiras, lt 40  
 8900 Vila Real de Santo António

#### e-Mail:

jfromao@sapo.pt

# A Fazer



Quais os gestos do trabalho? Quais as acções, que profissões? Quem trabalha em quê? A actividade humana nas suas variáveis. Como é que o trabalho é visto por quem filma?

## Nocturnos: a outra face da lua

DvCam, 10', 2005.

<b>Sinopse:</b>	<b>Biofilmografia:</b>
<p>Visão do pedaço de tempo (sensivelmente entre as 03.00 e as 05.00 da manhã) em que algumas pessoas se encontram a trabalhar, nalguns casos por necessidade, noutros por opção.</p>	<p><b>Hugo da Nóbrega</b> é aluno na Restart onde está a finalizar um documentário intitulado <i>Estou</i> de qual é realizador, e duas curtas-metragens como director de produção e realizador. Foi actor num anúncio publicitário em 2002, assistente de produção de uma curta <i>A telefonista</i> em 2005, e realizou <i>O especial</i> uma curta-metragem com que participou no vídeo-run em 2005.</p>
<b>Nota de intenções:</b>	

<p>Pretende-se com o filme mostrar como trabalham as pessoas que têm horários não identificados com a normalidade das vivências, a existência destas pessoas e espaços de trabalho que permitem a outros divertirem-se, como é o caso do DJ, a loja no Bairro Alto que funciona fora de horas, ou os homens do lixo que garantem o normal funcionamento da cidade e o segurança do Oceanário que controla o edifício durante a noite.</p>	
<b>Ficha Técnica:</b>	
<p>Realização: Hugo da Nóbrega</p> <p>Guião: Hugo da Nóbrega, Cláudia Oliveira, João Zacarias e Mário Marinheiro</p> <p>Montagem: Mário Marinheiro</p> <p>Imagem: João Zacarias</p> <p>Som: Cláudia Oliveira</p> <p>Produção: Cláudia Oliveira e Hugo da Nóbrega / Restart</p>	
<b>Contacto:</b>	
<p>Restart</p> <p>Cais Português lote 2.11.01A, Parque das Nações</p> <p>1990-223 Lisboa</p> <p>tel: 218 923 574</p> <p>fax: 218 923 579</p>	
<b>e-Mail:</b>	
<p>m.valverde@restart.pt</p>	

<b>Na Rua</b>	
DvCam, 20', 2004.	
<b>Sinopse:</b>	
<p>Apesar da sua invisibilidade, sem eles a vida na cidade não seria possível. Um filme com a participação dos funcionários dos postos de limpeza da General Roçadas, Santa Clara e lavandaria da Dhrus da Câmara Municipal de Lisboa.</p>	
<b>Nota de intenções:</b>	
<p>Este documentário partiu da vontade de filmar a rotina das pessoas que trabalham no serviço de higiene urbana da Câmara Municipal de Lisboa. Se na rua é onde normalmente os vemos, aqui procurámos filmar o invisível: os espaços onde se reúnem antes e depois do trabalho.</p>	
<b>Biofilmografia:</b>	
<p><b>Nuno Miguel</b> realizou em 2002 <i>Metzaka, la noche que camina sobre la noche</i> (México/Portugal).</p> <p><b>Sara Morais</b> realizou em 2004 <i>O silêncio dos objectos</i> (FCSH/UNL) e <i>Conto</i> em 2005, (FCSH/UNL).</p>	
<b>Ficha Técnica:</b>	
<p>Realização: Nuno Miguel e Sara Morais</p> <p>Guião: Nuno Miguel e Sara Morais</p> <p>Montagem: Nuno Miguel e Sara Morais</p> <p>Imagem: Nuno Miguel e Sara Morais</p> <p>Som: Nuno Miguel e Sara Morais</p> <p>Produção: Videoteca Municipal de Lisboa</p>	
<b>Contacto:</b>	
<p>Sara Morais</p>	
<b>e-Mail:</b>	
<p>saramorais@clix.pt</p>	



<b>Ficha Técnica:</b>	
<p>Realização: Hugo da Nóbrega</p> <p>Guião: Hugo da Nóbrega, Cláudia Oliveira, João Zacarias e Mário Marinheiro</p> <p>Montagem: Mário Marinheiro</p> <p>Imagem: João Zacarias</p> <p>Som: Cláudia Oliveira</p> <p>Produção: Cláudia Oliveira e Hugo da Nóbrega / Restart</p>	
<b>Contacto:</b>	
<p>Restart</p> <p>Cais Português lote 2.11.01A, Parque das Nações</p> <p>1990-223 Lisboa</p> <p>tel: 218 923 574</p> <p>fax: 218 923 579</p>	
<b>e-Mail:</b>	
<p>m.valverde@restart.pt</p>	



<b>Ficha Técnica:</b>	
<p>Realização: Nuno Miguel e Sara Morais</p> <p>Guião: Nuno Miguel e Sara Morais</p> <p>Montagem: Nuno Miguel e Sara Morais</p> <p>Imagem: Nuno Miguel e Sara Morais</p> <p>Som: Nuno Miguel e Sara Morais</p> <p>Produção: Videoteca Municipal de Lisboa</p>	
<b>Contacto:</b>	
<p>Sara Morais</p>	
<b>e-Mail:</b>	
<p>saramorais@clix.pt</p>	

## O Sítio de Castelo Velho

DvCam, 53', 2005.

<b>Sinopse:</b>	<b>Biofilmografia:</b>
<p>A pedido do Instituto Português do Património Arquitectónico, uma equipa de filmagens acompanhou durante três anos a escavação arqueológica de Castelo Velho, em Freixo de Numão, na região do Alto Douro, dirigida por Susana Oliveira Jorge. Este é um filme que abre caminhos para o debate sobre o passado pré-histórico: teria sido este lugar com cerca de 5000 anos uma povoação fortificada, um local de ritual e culto? O que revelam os vestígios arqueológicos? E a arquitectura do lugar? Enquanto acompanhamos o quotidiano da escavação, o sítio vai revelando infinitas acções pelas quais o Homem pré-histórico transformou um “lugar natural” num “lugar construído”.</p>	<p>Filmografia de <b>Catarina Alves Costa</b> (n. 1967):</p> <p>1992 <i>Regresso à Terra</i>. 35 min. Produção: The Granada Centre for Visual Anthropology, Manchester. Prémio para o melhor filme de estudante Gottingen International Ethnographic Film Festival, Gottingen, Alemanha, 1994.</p> <p>1994 <i>Senhora Aparecida</i>. 55 min. Produção: SP Filmes, Lisboa. Apoio Financeiro: Instituto Português de Cinema (IPC) e RTP. Menção Honrosa do Festival Internacional de Documentário, Loures, 1995 1º Prémio do festival VII Rassegna Internazionale di Documentari Etnografici, em Nuoro, Sardenha, 1996. Prémio de Excelência da Society for Visual Anthropology American Antropological Association Film Festival, São Francisco, EUA, 1996 Prémio de Realização University of California Film Festival, 1997.</p> <p>1998 <i>Swagatam</i>. 55 min. Produção: SP Filmes. Apoio financeiro do IPACA e Comissão dos Descobrimentos. Prémio Planète du Bilan du Film Ethnographique, Museu do Homem, Paris, 1999.</p> <p>2001 <i>Mais Alma</i>. 56 min Apoio do ICAM, Fundação C. Gulbenkian e Instituto Português de Artes e Espectáculo. Prod. Laranja Azul</p> <p>2004 <i>O Arquitecto e a Cidade Velha</i>. 72 min. Produção Laranja Azul e Jour J (França).</p>

<b>Ficha Técnica:</b>	
<p>Realização: Catarina Alves Costa</p> <p>Montagem: Pedro Duarte</p> <p>Imagem: Catarina Alves Costa, Paulo Menezes</p> <p>Som: Armanda Carvalho, Olivier Blanc</p> <p>Produção: Laranja Azul</p>	
<b>Contacto:</b>	
<p>Laranja Azul</p> <p>Rua Tenente Ferreira Durão, 19-4ºEsq</p> <p>1350-310 Lisboa</p> <p>tel: 213 881 746</p> <p>fax: 213 881 746</p>	
<b>e-Mail:</b>	
<p>laranjazul@mail.telepac.pt</p>	

<b>Doutor Estranho Amor</b>	
DvCam, 74', 2005.	
<b>Sinopse:</b>	
<p>Este documentário mostra uma brigada de estudantes de medicina que faz prevenção da SIDA numa escola. Ao longo de 10 semanas acompanhamos os seus insucessos e conquistas junto de uma turma difícil, mas com personagens muito interessantes. Um filme que nos coloca inúmeras questões sobre como falar de sexualidade e que constitui um estudo de caso indispensável ao actual debate político sobre educação sexual.</p>	
<b>Biofilmografia:</b>	
<p><b>Leonor Areal</b> nasceu em Lisboa em 1961. Da sua filmografia fazem parte: <i>Doutor Estranho Amor</i> (2005), <i>Ópera Aberta</i> (2005), <i>A Guerra no Iraque</i> (2004), <i>O Coro</i> (2003), <i>Iluslada – A minha vida dava um filme</i> (2002), <i>Geração Feliz</i> (1999), <i>The End</i> (1999), <i>Gameboy</i> (1995), <i>Há drama na Escola</i> (1993 – Prémio nos V Encontros Internacionais de Cinema Documental Amascultura), <i>Da Terra à Pedra</i> (1991)</p>	
<b>Ficha Técnica:</b>	
<p>Realização: Leonor Areal</p> <p>Guião: Leonor Areal</p> <p>Montagem: Miguel Marques</p> <p>Imagem: Leonor Areal</p> <p>Produção: Leonor Areal /Videamus</p>	
<b>Contacto:</b>	
<p>Videamus</p> <p>Rua da Vinha, 33, t/c,</p> <p>1200-475 Lisboa</p> <p>tel: 213 431 862</p> <p>fax: 213 431 862</p>	
<b>e-Mail:</b>	
<p>videamus@clix.pt</p>	



<b>Ficha Técnica:</b>	
<p>Realização: Catarina Alves Costa</p> <p>Montagem: Pedro Duarte</p> <p>Imagem: Catarina Alves Costa, Paulo Menezes</p> <p>Som: Armanda Carvalho, Olivier Blanc</p> <p>Produção: Laranja Azul</p>	
<b>Contacto:</b>	
<p>Laranja Azul</p> <p>Rua Tenente Ferreira Durão, 19-4ºEsq</p> <p>1350-310 Lisboa</p> <p>tel: 213 881 746</p> <p>fax: 213 881 746</p>	
<b>e-Mail:</b>	
<p>laranjazul@mail.telepac.pt</p>	



<b>Ficha Técnica:</b>	
<p>Realização: Leonor Areal</p> <p>Guião: Leonor Areal</p> <p>Montagem: Miguel Marques</p> <p>Imagem: Leonor Areal</p> <p>Produção: Leonor Areal /Videamus</p>	
<b>Contacto:</b>	
<p>Videamus</p> <p>Rua da Vinha, 33, t/c,</p> <p>1200-475 Lisboa</p> <p>tel: 213 431 862</p> <p>fax: 213 431 862</p>	
<b>e-Mail:</b>	
<p>videamus@clix.pt</p>	

## À l'Écoute de son Corps

MiniDv, 10', 2004.

#### Sinopse:

Teresa Simas é uma bailarina do Ballet Gulbenkian que decidiu mudar de método de treino aos 25 anos de idade, em plena ascensão profissional.

#### Biofilmografia:

**Alex Bizineche Eisinger** nasceu na Roménia em 1984. Ingressou na ESTC em 2003. Em 2004 realizou o documentário À l'Écoute de son Corps – um retrato de Teresa Simas.



#### Ficha Técnica:

Realização: Alex Eiseinger  
 Guião: Paula Ferreira  
 Montagem: Paula Ferreira, Henrique Barroso, David Santos, Alex Eisinger  
 Imagem: Henrique Barroso  
 Som: Paula Ferreira  
 Produção: David Santos / ESTC

#### Contacto:

ESTC  
 Av. Marquês de Pombal, 22B  
 2700-571 Amadora  
 tel: 212 149 894  
 fax: 212 149 396

#### e-Mail:

festival@estc.ipl.pt

## O Sal da Terra e do Mar

DvCam, 26', 2004.

#### Sinopse:

*O Sal da Terra e do Mar* celebra aquela que foi uma das mais importantes actividades económicas da Figueira da Foz. Este filme lança um olhar reflexivo sobre um contexto económico, social e cultural que tem sido alvo de profundas transformações. Este documentário visa utilizar os olhos e a voz daqueles que protagonizam e continuam a dar vida à comunidade de salicultura da Figueira da Foz. O documentário mostra a dedicação destes homens e o sacrifício das suas vidas, abordando o passado e o presente de uma vida dedicada ao sal.

#### Biofilmografia:

**Luis Margalhau** realizou, para além de *O sal da Terra e do Mar*, os seguintes trabalhos: *A casa da Azenha Velha* (1997), *Peixe Miúdo* (2002), *Desocultar* (2003).



#### Ficha Técnica:

Realização: Luís Margalhau  
 Guião: Luís Margalhau/ Sónia Batista  
 Montagem: Luís Margalhau  
 Imagem: Luís Margalhau  
 Som: Cláudio Francisco  
 Música: Cláudio Mateus  
 Produção: 100 Imagens Produções Audiovisuais

#### Contacto:

100 Imagens Produções Audiovisuais  
 R. Manuel Cabete Júnior, 47  
 3090-480 Maiorca

#### e-Mail:

margaspreto@hotmail.com

## Mão-de-Obra

MiniDv, 23', 2005.

#### Sinopse:

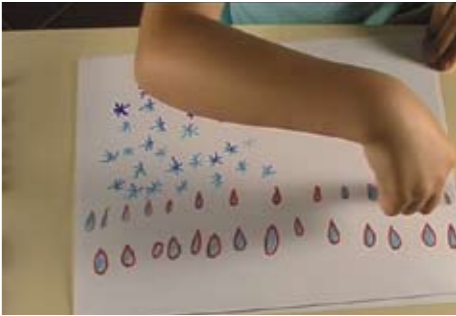
*Mão-de-Obra* observa os gestos e os traços de um grupo de pessoas, quando convidadas a trabalhar o papel e a tinta, depois de ouvirem uma música.

#### Nota de intenções:

Mão-de-obra surgiu como esboço no âmbito da disciplina de Projecto do 3º ano do curso de Som e Imagem da ESAD (Caldas da Rainha) e foi, mais tarde, realizado em Estágio nesse mesmo ano lectivo, 2004/2005. *Mão-de-Obra* resulta de uma vontade de ver e perceber como diferentes pessoas traduzem em imagens os mesmos sons. Assim, foram convidados a participar neste projecto uma criança, uma idosa, um cego, uma deficiente motora e uma artista plástica que tentaram responder ao apelo de produzir um trabalho manual, com tintas e papel, depois de ouvir uma música. O filme procurou focar os gestos inerentes a este processo e reproduzir os efeitos da música e das imagens nos espectadores.

#### Biofilmografia:

Mão de obra é o primeiro filme de **Ana Rita**



#### Ficha Técnica:

Realização: Ana Rita Ferreira  
 Guião: Ana Rita Ferreira  
 Montagem: Ana Rita Ferreira  
 Imagem: Ana Rita Ferreira  
 Som: Ana Rita Ferreira  
 Produção: Ana Rita Ferreira / Escola Superior de Artes e Design

#### Contacto:

Ana Rita Ferreira

#### e-Mail:

correiodarita@hotmail.com

## Contornos

MiniDv, 5', 2005.

#### Sinopse:

O trabalho sobre o vidro nasce pelo manusear cuidado dos materiais ardentes. *Contornos* é um documentário que retrata um modo de vida antigo, mas que ainda hoje preenche os espaços fabris de uma terra, Marinha Grande.

#### Nota de intenções:

Tendo crescido na Marinha Grande, a terra do vidro por excelência, não poderia deixar de documentar o que é ser vidreiro hoje. Aquilo que era um trabalho estritamente manual, tem, ao longo das últimas décadas, vindo a sofrer várias mutações graças à introdução de maquinaria junto dos meios fabris. Contudo, parece haver sítios em que o homem ainda resiste à máquina. *Contornos* é um pequeno documentário não sobre as pessoas, mas sobre o vidro que nasce a partir delas.

#### Biofilmografia:

**Rita Bonifácio** nasceu em Leiria em Outubro de 1983. Actualmente vive em Lisboa, onde tirou o curso de Ciências da Comunicação, vertente de Cinema, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, e está a estagiar na Cinemateca Portuguesa. A sua primeira curta-metragem, realizada em 2005, chama-se *Daydreaming* e teve o apoio financeiro do ICAM.



#### Ficha Técnica:

Realização: Rita Bonifácio  
 Guião: Rita Bonifácio  
 Montagem: Rita Bonifácio  
 Imagem: Rita Bonifácio  
 Som: Rita Bonifácio  
 Produção: Rita Bonifácio

#### Contacto:

Rita Bonifácio

#### e-Mail:

ritabonifacio@hotmail.com

## Destroços ou O Trabalho do Homem

Mini DV, 5', 2005.

### Sinopse:

Alguém se cansa de uma cidade e vai de férias para um pequeno paraíso, onde vai encontrar os destroços do inferno do qual pretende fugir. Baseado em textos de Herberto Helder.

### Biofilmografia:

Nasce em 1979 em Lisboa, onde sempre viveu se exceptuarmos 2001/2002, altura em que esteve em Tunis a estudar. Está neste momento a terminar o curso de Antropologia na Universidade Nova, onde faz também por opção livre cadeiras ligadas à área de Cinema. É no âmbito de uma dessas cadeiras, leccionada por José Manuel Costa, que faz a sua primeira experiência cinematográfica *Destroços ou O Trabalho do Homem*.

### Nota de Intenções:

Um homem cansa-se do seu pequeno inferno e foge para o seu pequeno paraíso. Ai descobre que o pequeno paraíso reservado ao bom cidadão não é senão um espelho do pequeno inferno e, nas paisagens rurais do campo, acaba por ter de confrontar-se com os destroços do belo trabalho do homem. Feito à base sobretudo de fotografias analógicas digitalizadas e a partir de textos adaptados de Herberto Helder e Teixeira de Pascoaes.

### Ficha Técnica:

Realização: Hugo Maia  
Guião: Hugo Maia  
Montagem: Hugo Maia  
Fotografias: Hugo Maia (excepto as duas fotos cor sépia)  
Imagem: Hugo Maia  
Som: Hugo Maia  
Produção: Hugo Maia

### Contacto:

Hugo Maia

### e-Mail:

hugomiguel@netcabo.pt



## Retratos



Que pessoa nos dá a conhecer determinado retrato? O que é que fica, de cada um, registado no retrato? Se um retrato é sempre uma leitura, um ponto de vista, uma construção, o acto de retratar será então acrescentar, redesenhar contornos?

## 1º Concerto

DvCam, 8', 2005.

#### Sinopse:

Acompanhamento dos primeiros passos de uma banda de covers de punk-rock. Sendo todos amadores e sem formação musical, a única coisa que os une é a devoção que sentem pela música. Amigos de longa data, deram recentemente o seu primeiro concerto.

#### Nota de intenções:

A escolha do tema deveu-se à amizade existente entre um dos elementos ligados ao documentário *1º Concerto* e outro da banda de covers filmada, a qual iria dar o seu primeiro concerto. Açou-se interessante saber quais são as perspectivas e as ambições de uma banda, momentos antes do seu primeiro concerto.

#### Biofilmografia:

Este é o primeiro filme de **António de Sousa**.



#### Ficha Técnica:

Realização: António de Sousa  
Guião: António de Sousa, Margarida Santos, Hugo Carmo, Raquel Silva, Francisco Conceição, Pedro Frazão  
Montagem: Francisco Conceição  
Imagem: Hugo Carmo, Raquel Silva  
Som: Pedro Frazão  
Produção: Margarida Santos / Restart

#### Contacto:

Restart  
Cais Portugêus lote 2.11.01A, Parque das Nações  
1990-223 Lisboa  
tel: 218 923 574  
fax: 218 923 579

#### e-Mail:

m.valverde@restart.pt

## Marrabentando – as histórias que a minha guitarra canta

Betacam Digital, 58', 2004.

#### Sinopse:

*Marrabentando* é um documentário sobre 3 velhos músicos moçambicanos, estrelas da Marrabenta, um estilo musical bem popular. As “Velhas Glórias” como são carinhosamente apelidados pelos seus fãs, vivem ainda na carismática capital moçambicana e sobrevivem cantando e tocando canções sobre as alegrias.

#### Biofilmografia:

**Karen Boswall** é realizadora e produtora. Da sua filmografia contam-se os seguintes filmes: *NICARAGUA: A question of Democracy?* (52', Super 8 positive, 1984); *Emily's Distress* (26', 8mm, 1985); *A crack in the house* (24', 16mm, 1986).



#### Ficha Técnica:

Realização: Karen Boswall  
Guião: Karen Boswall  
Montagem: Orlando Mesquita  
Imagem: Carlos Vieira e Emmanuel Leus  
Som: Gabriel Mondlane  
Produção: Francisco Villa Lobos / Contracosta

#### Contacto:

Contracosta  
Tv. Pereira, 16-A, porta-B  
1170-313 Lisboa  
tel: 218 860 393  
fax: 218 860 280 / 218 860 280

#### e-Mail:

geral@contracosta.pt

## Nos braços do meu xodô

DvCam, 15', 2004.

#### Sinopse:

O que podemos conhecer de um casal pela forma como dança? No forró, a mulher é como uma boneca nos braços de Deli.

#### Nota de intenções:

O que podemos conhecer de uma pessoa pela forma como dança? E num casal, a dança pode ser uma janela reveladora de intimidades, de elos, de (in)comunicações entre os dois? Com *Nos Braços do Meu Xodó*, propus-me explorar, a partir do casal Deli e Inês, dançarinos de forró, a ideia de que “dançar é uma coisa entre um homem e uma mulher”. Nos braços de Deli, a mulher é como uma boneca.

#### Biofilmografia:

Socióloga, nasceu em Setembro de 1975. Frequentou entre Janeiro e Março de 2004 o Curso de Realização de Documentários promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian em colaboração com os Ateliers Varan (Paris), no âmbito do qual realizou o documentário *Nos braços do meu Xodó*. Montadora dos makings-ofs realizados pelos companheiros Varan, André Godinho (RIDERS) e Marta Lima (JANELA PARA MAVRA), no âmbito do curso de encenação de ópera do Programa Criatividade e Criação Artística. Realizou o backstage da digressão Eurovisão da banda portuguesa Repórter Estrábico. Colaborou em 2005 com a Escola Superior de Teatro e Cinema, na cadeira de Produção Analítica e Estratégica do curso de cinema. Frequenta actualmente o programa de doutoramen-to em Sociologia (ISCTE), com um projecto de investigação sobre produção de cinema em Portugal.



#### Ficha Técnica:

Realização: Maria João Taborda  
Guião: Maria João Taborda  
Imagem: Maria João Taborda  
Som: André Godinho, Dina Campos Lopes, Fausto Cardoso, Joana Frazão, Luísa Homem, Madalena Miranda, Pedro Paiva  
Produção: Manuel Veiga / Fundação Calouste Gulbenkian

#### Contacto:

Manuel Veiga  
Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística  
Centro de Arte Moderna  
Rua Dr. Nicolau Bettencourt  
1050-078 Lisboa  
tel: 217 823 568

#### e-Mail:

mveiga@gulbenkian.pt

## Brooklyn

MiniDv, 10', 2004.

#### Sinopse:

Larin é um adolescente perante as possibilidades que a sua vida lhe reserva. Esta é a história do combate entre as dificuldades da concretização dos seus sonhos e as armas que possui para tomar esses sonhos realidade.

#### Biofilmografia:

*Daniel de Castro Martins Secca Ruivo*, nascido a 27/10/1980 em Lisboa, completou o secundário na Escola Secundária José Estevão em Aveiro, pelo agrupamento de artes. Frequentou o curso superior de Arquitectura na Universidade Lusíada do Porto durante dois anos e o curso superior de Som e Imagem durante dois anos na Universidade Católica Portuguesa do Porto. Em 2003/2004 entrou no curso superior de Cinema na Escola Superior de Teatro e Cinema na Amadora, onde estuda actualmente.



#### Ficha Técnica:

Realização: Daniel Ruivo  
Guião: Manuel Matos  
Montagem: Frederico Costa, Manuel Matos, Íria Roriz, Paulo Menezes, Alina Lopes, Gil Gelpi, Daniel Ruivo  
Imagem: Paulo Meneses  
Som: Alina Lopes  
Produção: Frederico Costa / ESTC

#### Contacto:

ESTC  
Av. Marquês de Pombal, 22B  
2700-571 Amadora  
tel: 212 149 894  
fax: 212 149 396

#### e-Mail:

festival@estc.ipl.pt

## Tamira

DvCam, 20', 2004.

<b>Sinopse:</b>	<b>Biofilmografia:</b>
<p>“Olha, eu sei voar. Queres ver? Queres ver-me voar? Não, agora estou cansada, as minhas asas estão moles”.</p>	<p>Frequentou, entre Janeiro e Março, o Curso de Realização de Documentários promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian, em colaboração com os Ateliers Varan (Paris), no âmbito do qual realizou o documentário <i>Tamira</i>. Realizou, também em 2004, o making-of <i>Janela para Mavra</i> (25'; making-of da ópera Mavra produzida pela Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito do curso de encenação de ópera do Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística).</p>
<b>Nota de intenções:</b>	

Este filme resulta de uma aprendizagem intensa e de uma partilha de ideias com os formadores dos Atelier Varan. Conheci a Tamira por intermédio de uma amiga, durante a formação em realização de documentários, e vi nela uma pessoa fascinante; alguém que, como personagem de um filme, teria algo a transmitir-me sobre a forma como se pode lidar com uma doença, entre outras coisas.

## A utopia do Padre Himalaya

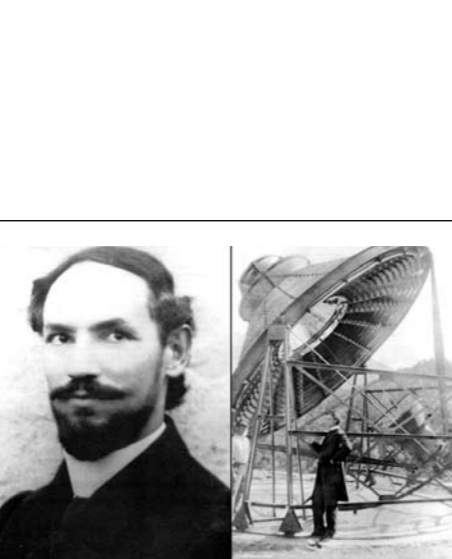
Betacam, 52", 2004.

<b>Sinopse:</b>	<b>Biofilmografia:</b>
<p>1904. Uma multidão à entrada da Exposição Universal de St. Louis, Missouri, E.U.A.. Muita gente ia admirar uma gigantesca estrutura de aço, onde milhares de espelhos reflectiam a luz do Sol. Era o Pырhelióphero, um revolucionário Forno Solar inventado por um português, que ganhou o grande prémio da exposição apesar de nem sequer constar da representação oficial portuguesa.</p>	<p><b>Jorge António</b> nasceu em Lisboa a 8 de Junho de 1966. Em 1988 termina o curso superior de Teatro e Cinema, especializando-se na área de Produção. Desde então está ligado ao cinema, televisão, vídeo, publicidade e a projectos na área editorial em Portugal e no estrangeiro. Em 1991 inicia-se na realização de cinema. Entre 1995 e 2000 vive em Luanda, trabalha como produtor executivo da Companhia de Dança Contemporânea em mais de 50 espectáculos em Angola, Portugal, Gabão, Camarões, Congo. Actualmente colabora com a produtora Lx Filmes. Filmografia: <i>O Funeral</i> (curta, 1º prémio no Fest. Int. do Algarve, 1991); <i>O Miradouro da Lua</i> (longa, prémio de realização no Fest. Int. Gramado, Brasil, 1993); <i>Uma Frase Qualquer</i> (Doc, 1996); <i>Outras Frases</i> (Doc, prémio de melhor Doc. Para TV, Caminhos do Cinema, Coimbra, 2003); <i>A utopia do Padre Himalaya</i> (Doc, 2004)</p>

<b>Nota de intenções:</b>	<b>Ficha Técnica:</b>
<p>Este filme pretende ser um tributo à vida e obra do padre Himalaya, inventor genial e visionário que colocou Portugal na história das energias</p>	<p>Realização: Jorge António</p> <p>Guião: Jacinto Rodrigues, Luís Correia, Jorge António</p> <p>Montagem: Luís Correia</p> <p>Imagem: Luís Correia</p> <p>Som: José Barahona</p> <p>Música Original: António Pinho Vargas</p> <p>Produção: Luís Correia / Lx Filmes</p>
<b>Contato:</b>	
<p>Lx Filmes</p> <p>Rua Vale Formoso, 114 A, Armazém 23</p> <p>1950-285 Lisboa</p> <p>tel: 218 650 490</p> <p>fax: 218 650 499</p>	
<b>e-Mail:</b>	
<p>lxfilmes@hotmail.com</p>	



<b>Ficha Técnica:</b>
<p>Realização: Marta Lima</p> <p>Guião: Marta Lima</p> <p>Montagem: João Loff</p> <p>Imagem: Marta Lima</p> <p>Som: André Godinho, Fausto Cardoso, Joana Frazão, Madalena Miranda, Tiago Afonso</p> <p>Produção: Manuel Veiga / Fundação Calouste Gulbenkian</p>
<b>Contacto:</b>
<p>Manuel Veiga</p> <p>Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística</p> <p>Centro de Arte Moderna</p> <p>Rua Dr. Nicolau Bettencourt</p> <p>1050-078 Lisboa</p> <p>tel: 217 823 568</p>
<b>e-Mail:</b>
<p>mveiga@gulbenkian.pt</p>



<b>Ficha Técnica:</b>
<p>Realização: Jorge António</p> <p>Guião: Jacinto Rodrigues, Luís Correia, Jorge António</p> <p>Montagem: Luís Correia</p> <p>Imagem: Luís Correia</p> <p>Som: José Barahona</p> <p>Música Original: António Pinho Vargas</p> <p>Produção: Luís Correia / Lx Filmes</p>
<b>Contacto:</b>
<p>Lx Filmes</p> <p>Rua Vale Formoso, 114 A, Armazém 23</p> <p>1950-285 Lisboa</p> <p>tel: 218 650 490</p> <p>fax: 218 650 499</p>
<b>e-Mail:</b>
<p>lxfilmes@hotmail.com</p>

## O Escritor Prodigioso

Betacam, 62', 2005.

<b>Sinopse:</b>	<b>Biofilmografia:</b>
<p>O “Escritor Prodigioso” é a procura de Jorge de Sena, um dos mais importantes poetas portugueses, trinta anos após a sua morte. Com este filme, a realizadora procura os motivos pelos quais a voz do poeta nos chega, ainda hoje, forte, amargurada, afirmativa e de uma intensidade lírica única. Com a ajuda da sua mulher, Mécia, e de alguns dos seus amigos e companheiros políticos e literários, somos levados a perceber as razões pelas quais este poeta maior foi mal amado pelo seu país, sendo embora respeitado e temido. Exilado voluntário, durante o Estado Novo, no Brasil e nos Estados Unidos, não foi desejado pelo Portugal democrático. A sua liberdade foi sempre um incómodo para os que se resignam.</p>	<p><b>Joana Pontes</b> é portuguesa e nasceu em 1960. É licenciada em Psicologia (1986) e tirou o Curso Superior de Cinema na área de Imagem na ESTC (1986). Completou diversos cursos e acções de formação na área do vídeo e do cinema nomeada-mente curso de anotador, produtor, guionismo, entre outros. Realizou programas na SIC onde se tem dedicado especialmente à grande entrevista e documentário: <i>Século XX Português</i> (co-autora e realizadora desta série de 13 episódios sobre a História Contemporânea de Portugal), <i>A Hora da Liberdade</i> (co-autora e realizadora desta reconstituição histórica do 25 de Abril de '74), <i>Salazar</i> (realização desta série documental de 6 episódios), <i>Pedro Caldeira, O Último Corretor</i> (três episódios de 50' de que foi realizadora e co-autora do guião), <i>20 anos, 20 nomes</i> (realização de 20 programas a propósito da comemoração do 20º aniversário do 25 de Abril), <i>Sweeney Todd</i> (autoria e realização de um documentário de 50' sobre a montagem da ópera “Sweeney Todd, O Terrível Barbeiro de Fleet Street” de Stephen Sondheim encenada por João Lourenço para o Teatro Nacional).</p>

<b>Ficha Técnica:</b>	
<p>Realização: Joana Pontes</p> <p>Guião: Joana Pontes</p> <p>Montagem: Rui Branquinho</p> <p>Imagem: Joao Ribeiro</p> <p>Som: António Pedro Figueiredo</p> <p>Produção: Catarina Alves Costa, Patricia Faria / Laranja Azul</p>	
<b>Contacto:</b>	
<p>Laranja Azul</p> <p>Rua Tenente Ferreira Durão, 19 4ºEsq</p> <p>1350 – 310 Lisboa</p> <p>tel: 213 881 746</p> <p>fax: 213 881 746</p>	
<b>e-Mail:</b>	
<p>laranjazul@mail.telepac.pt</p>	



<b>Nota de intenções:</b>	<b>Biofilmografia:</b>
<p>Um livro de fotografia da década de 1950, dois arquitectos, uma Lisboa que já não existe...</p>	<p>Lisboa, Cidade Triste e Alegre é o seu primeiro filme.</p>
<b>Nota de intenções:</b>	
<p>“Lisboa, cidade triste e alegre” tenta ressuscitar o interesse pelo livro homónimo de Victor Palla e Costa Martins, deixando algumas pistas para a descoberta de uma obra fascinante, onde existe uma cidade há muito desaparecida.</p>	
<b>Ficha Técnica:</b>	
<p>Realização: Luís Camanho</p> <p>Guião: Luís Camanho</p> <p>Montagem: João Abrunhosa, Luís Camanho</p> <p>Imagem: João Abrunhosa, Luís Camanho</p> <p>Produção: João Abrunhosa / Esfera Cúbica</p>	
<b>Contacto:</b>	
<p>João Abrunhosa</p>	
<b>e-Mail:</b>	
<p>juaum@altem.org</p>	

## Mais um dia de noite

HD, 53', 2004.

#### Sinopse:

“Luiz Pacheco é um paradoxo de duas pernas”. Esta é apenas uma das definições atribuídas ao homem / escritor / editor / crítico literário que, tal “como um meteorito, passou pelo céu de Lisboa, rebentou e ficou em milhares de pedaços incandescentes, que foram caindo, e ainda hoje caem...” Mas qualquer definição que se atribua a Luiz Pacheco será sempre insuficiente face a um percurso que se pode considerar simultaneamente trágico e cómico. Ao longo deste documentário de 58 minutos temos a oportunidade de ouvir o testemunho do próprio Luiz Pacheco e o daqueles que com ele conviveram ou ainda convivem de perto. Episódios únicos, relatados na primeira pessoa, com frontalidade, humor e emoção, intercalados com a representação dos seus próprios textos.

#### Biofilmografia:

**António José Casimiro Correia de Almeida**

Nasceu em 1955. Estudou Realização na Universidade Maine (EUA) e leccionou na ETIC /EPI. *Tudo sobre a vida e obra de...*; *Mais um dia de noite*; *Festival da Canção da Eurovisão*; *Nasci adulta morrerei criança*; *Antes e depois do Adeus*.



António José Casimiro Correia de Almeida

#### Ficha Técnica:

Realização: António José de Almeida
Guião: Anabela Almeida
Montagem: Miguel Lopes
Imagem: Jorge Afonso
Som: Samuel Rebelo
Produção: Panavideo

#### Contacto:

Panavideo
Av. Infante D. Henrique, 332, Ed. 2, 1º Esq.
1800-224 Lisboa
tel: 218 372 662

#### e-Mail:

panavideo@panavideo.pt

## Remember me in your dreams

MiniDv, 10', 2004.

#### Sinopse:

João Serra acena aos carros, todas as noites, desde há sete anos, numa movimentada avenida de Lisboa. Esta é a forma que encontrou para comunicar com os outros, de contornar a sua solidão, depois da morte da mãe, e o vazio que sente ter sido toda a sua vida.

João Serra acena aos carros, todas as noites, desde há sete anos, numa movimentada avenida de Lisboa.

#### Nota de intenções:

Este documentário partiu de uma vontade de saber mais sobre esta pessoa, querer conhecê-lo melhor e saber quem está por detrás daquele homem que todas as noites acena aos carros na Fontes Pereira de Melo, indiferente ao que dele possam pensar. Procurámos conhecer melhor o passado de João Serra para entender melhor quem ele é hoje. Procurou-se reflectir sobre a forma de comunicar ou não uns com os outros, reparar que à sua volta pode haver pessoas que procuram desesperadamente, mesmo sem o demonstrar, um gesto de aproximação. Pretendemos ainda que quem conhece João Serra, de passar por ele, o conheça melhor e saiba as razões daquela sua actividade e que, quem não o conhece, fique a saber que há pessoas que por vezes escolhem actos considerados anormais para obter objectivos aparentemente tão simples: um aceno ou um sorriso. Se é um acto de loucura ou uma metáfora da solidão das relações numa grande cidade ou qualquer outra coisa, caberá a cada um responder.

#### Biofilmografia:

**Maria João Tomaz** nasceu em Tomar, em 1975. Frequenta actualmente o 2º ano do curso de Cinema da Escola Superior de Teatro e Cinema. Licenciada em Economia pela Universidade Católica de Lisboa, frequentou diversos cursos na área do vídeo, da realização de documentários e do jornalismo. Trabalhou como jornalista da área económica. No âmbito dos exercícios escolares foi operadora de câmara no filme *Os Bons Alunos* de Manuel Matos, e chefe maquinista em *A Palavra* de Umide Sacoor. *Remember in your dreams* é o seu primeiro filme.



Maria João Tomaz

#### Ficha Técnica:

Realização: Maria João Tomaz
Guião: Gonçalo Lopes
Montagem: Gonçalo Lopes, André Marques, Ana Crispim, Maria João Tomaz
Imagem: Ana Crispim
Som: Samuel Horta
Produção: André Marques / ESTC

#### Contacto:

ESTC
Av. Marquês de Pombal, 22B
2700-571 Amadora
tel: 212 149 894
fax: 212 149 396

#### e-Mail:

festival@estc.ipl.pt

## Falta-me

MiniDv, 20', 2005.

#### Sinopse:

Na turbulência da vida urbana acontece-nos esquecer ou subestimar coisas que nos fazem falta, ausências que nos suspendem, adiam ou até que nos magoam. Este documentário pede a cerca de uma centena de habitantes da área metropolitana de Lisboa que escrevam numa ardósia o que mais lhes faz falta. São respostas de pessoas de vários extractos sociais, de diferentes idades e com actividades diversificadas, que acabam por compor um retrato íntimo da sociedade portuguesa contemporânea.

#### Nota de intenções:

“O que lhe faz falta na vida?”. De uma pergunta simples, nasceu uma ideia igualmente simples que com o tempo se agigantou dando origem a este documentário. Acredito que nos movemos e construímos, em função daquilo que nos faz falta ou ambicionamos. À medida que colocava esta questão, verificava que não ocorria às pessoas não serem autênticas na sua resposta, como se a pergunta tocasse o nervo sensível dessa força motriz humana – a necessidade. A pergunta, indo assim direita a um lugar de autenticidade, faz com que o filme ganhe uma dimensão documental que considero relevante. Por outro lado, o filme acaba por nivelar os indivíduos: as respostas, somadas umas às outras à medida que passa o tempo na cidade, remetem para o lado humano de cada pessoa. Não para o seu estatuto ou individualidade, sim para um denominador comum, concretizado na ardósia preta. Ou, como escreve Ortega: “Praticamente nada é impossível, nada é perigoso e, em princípio, ninguém é superior a ninguém.” Fazer este documentário foi e é, para mim, chegar ao desassossego particular de cada pessoa.

## A Barba e a Base

DvCam, 11', 2005.

#### Sinopse:

De agente comercial a transformista, vivendo num mundo considerado socialmente normal, Jorge pensa na sua vida e fala-nos daquilo que vai na sua alma, as suas experiências pessoais e profissionais, privilegiado por estar entre duas realidades diferentes, uma por necessidade, outra por prazer. Descubra qual é qual, quem é quem, e sem preconceitos, aquilo que o leva à sua transformação de identidade/personalidade, de Jorge a Barbara Kelly. Embora pertença a uma orgulhosa minoria, Jorge não procura mostrar a diferença, mas sim a sua singularidade.

#### Nota de intenções:

A escolha deste objecto deveu-se a uma grande curiosidade por um tema até há pouco tempo tabu: o travestismo. Registámos a metamorfose de Jorge em Barbara Kelly, uma experiência de vida de um homem que assume com orgulho uma nova identidade de género. Um documentário que nos remete para questões de masculinidade.

#### Biofilmografia:

**Cláudia Varejão** nasceu em 1980 no Porto. Completou o curso de Câmara, Iluminação e Realização na Restart — Escola de Criatividade e Novas Tecnologias. *Falta-me* é a sua primeira obra.



#### Ficha Técnica:

Realização: Cláudia Varejão
Montagem: Cláudia Varejão, Graça Castanheira
Som: Cláudia Varejão
Produção: Filmes do Tejo

#### Contacto:

Filmes do Tejo
Av. da Liberdade, 85, 3º andar
1250-140 Lisboa
tel: 213 234 400
fax: 213 471 087

#### e-Mail:

filmesdotejo@filmesdotejo.pt



#### Ficha Técnica:

Realização: Joana Montez e David Costa
Guião: David Costa, Joana Montez, Alice Dias, Joana Borgas, Francisco Alves
Montagem: Alice Dias, Joana Borgas, Joana Montez
Imagem: Francisco Alves, Joana Montez
Som: David Costa
Produção: Alice Dias e Joana Borgas / Restart

#### Contacto:

Restart
Cais Portuguéis lote 2.11.01Ac, Parque das Nações
1990-223 Lisboa
tel: 218 923 574
fax: 218 923 579

#### e-Mail:

m.valverde@restart.pt

## Estrela da Tarde

DvCam, 25', 2004.

#### Sinopse:

Uma dona de casa lava a louça, estende a roupa, faz a cama, varre o chão. À sua maneira. Ao som das suas músicas. A dizer assim os seus dias. Até que o dia chega ao fim.

#### Nota de intenções:

Eu queira fazer um filme sobre jovens artistas que estivessem a terminar a sua formação. Mas como me disse uma das formadoras do curso, no âmbito do qual estava a realizar o filme, era um filme demasiado próximo, demasiado auto-retrato. Devo então dizer que, quando conheci a Maria Helena, a personagem principal do filme, vi o reverso da história que queria contar, vi uma viagem a um possível futuro, vi também uma viagem a um passado comum, que contava histórias de muita mulheres, que tal como a Maria Helena não puderam “seguir a vida que gostavam”. Então decidi fazer este outro retrato.

#### Biofilmografia:

**Madalena Miranda** nasceu em 1976, em Lisboa, onde estudou Comunicação, opção Audiovisual e Cinema. Filmografia: 2001, *Um olho para ver, o outro para sentir* (doc); 2002, *Naquele Bairro* (ficção); 2003, *Inter-Europa* (doc); 2004, *Estrela da Tarde* (doc)



#### Ficha Técnica:

Realização: Madalena Miranda  
Guião: Madalena Miranda  
Montagem: Tiago Antunes  
Imagem: Madalena Miranda  
Som: André Godinho, Joana Frazão, Marta Lima  
Produção: Manuel Veiga / Fundação Calouste Gulbenkian

#### Contacto:

Agência da Curta Metragem  
Auditório Municipal  
Praça da República  
4480-715 Vila do Conde  
tel: 252 646 683  
fax: 252 638 027

#### e-Mail:

agencia@curtasmetragens.pt

## Conversas com Glicínia

DvCam, 55', 2004.

#### Sinopse:

Um documentário sobre a atriz Glicínia Quartin por ocasião do seu 80º aniversário. A sua família, o anarco-sindicalismo, a Escola-Oficina nº1, as leituras em casa dos pais, as prisões, o Mud Juvenil, os teatros experimentais, os surrealistas, o encontro com José Ernesto de Sousa e o desabrochar do Cinema Novo com *Dom Roberto*, a Itália, a fantasia, Beckett, Genet, Vitor Garcia, o encontro com Luís Miguel Cintra – uma vida em movimento.

#### Biofilmografia:

**Jorge Silva Melo** nasceu em Lisboa em 1948. Licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa. Diploma da London Film School. Bolseiro da Fundação Gulbenkian em Berlim junto de Peter Stein (Schaubuhne am Halleschen Ufer) e Milão (Piccolo Teatro e Teatro alla Scala). Foi crítico de cinema e teatro em diversos jornais e revistas; assistente de realização em filmes de João César Monteiro, Paulo Rocha, António-Pedro Vasconcelos e Alberto Seixas Santos. Fundou com Luís Miguel Cintra o Teatro da Cornucópia onde traduziu, encenou e interpretou diversas peças. Foi actor em filmes de Paulo Rocha, João César Monteiro, João Botelho, Manoel de Oliveira, Bruno Bayen, Christine Laurent, Vítor Gonçalves, Joaquim Pinto e também em espectáculos teatrais encenados por Jean Jourdheuil/Jean-François Peyret em Paris, Lyon, Strasbourg, Genève, Berlim. Foi professor de argumento na Escola de Cinema de Lisboa e co-argumentista de *O Desejado* (Paulo Rocha), *Um Passo, Outro Passo e Depois* (Belfort), *Xavier* (Manuel Mozos), *Longe Daqui* (João Guerra). Autor do libreto da ópera Le Chateau des Carpathes (baseado em Jules Verne) de Philippe Hersant. Em 1995 fundou os Artistas Unidos que dirige desde então tendo encenado vários textos seus e de outros autores, de Shakespeare a Harold Pinter. Filmografia: Longas: *Passagem ou a meio caminho* (Mannheim, 1980); *Ninguém duas vezes* (Veneza, 1984); *Agosto* (San Sebastian, 1988); *Coitado do Jorge* (prémio de realização e melhor actor em Dunkerque, 1993); *António um rapaz de Lisboa*. Documentários: *António Palolo*; *Joaquim Bravo*; *Conversas com Glicínia*; *Álvaro Lapa* (em preparação).



#### Ficha Técnica:

Realização: Jorge Silva Melo  
Guião: Jorge Silva Melo  
Montagem: Vítor Alves  
Imagem: Rui Poças  
Som: Emídio Buchinho  
Produção: Manuel João Águas / Artistas Unidos

#### Contacto:

Artistas Unidos  
Rua de Campo de Ourique, 120  
1250-062 Lisboa  
tel: 213 700 120  
fax: 213 872 418

#### e-Mail:

mjaguas@artistasunidos.pt

# Detrás do Palco



Todo o processo de construção é também procura do conjunto. Filmar um processo artístico implica ir além das partes e descobrir o que está para lá do espectáculo que se desvenda, as raízes do que se mostra em cena, como se chega ao que se representa.





## O Encontro

MiniDv, 61', 2004.

### Sinopse:

Sabes o que é que eu vejo da janela da minha casa? Sacos de carvão, muitos sacos de carvão, muitos, muitos mesmo... (Sérgio, bailarino de Maputo). Lisboa, 7º Encontro International *Dançar o que é nosso* – um mês de laboratórios e seminários sobre interculturalismo e artes performativas, organizado por Danças na Cidade, com o antropólogo André Lepecki e diversos coreógrafos convidados. Cinquenta e quatro artistas trazem a sua cultura, corpo e movimento da Indonésia, do Burkina Faso, de Portugal, de Moçambique, da África do Sul, da Inglaterra ou da Bélgica... Através de práticas performativas, questionam-se sobre o impasse da incomunicabilidade e a cristalização das culturas. Procuram incorporar diferentes experiências de movimento. Eu acompanho-os e questiono-me, filme e procuro igualmente imagens que lhes pertençam.

### Nota de intenções:

Documentarista e artista visual, trabalhei principalmente sobre o nomadismo e as migrações, e, por outro lado, sobre a relação entre a imagem em movimento e a dança contemporânea. Com este filme o meu olhar dirige-se simultaneamente a práticas interculturais e às artes performativas, procurando questionar: é faculdade das artes enformar a sociedade através das suas práticas?

### Biofilmografia:

**Luciana Fina** nasce em Itália, onde estuda literatura portuguesa e francesa. Vive desde 1991 em Lisboa. Conjugando o interesse pelo cinema e pela dança contemporânea, pelas poéticas do movimento e pela imagem, após uma longa actividade como programadora independente, desenvolve o seu trabalho de realizadora e artista visual. Em Portugal foi comissária de numerosos ciclos e retrospectivas cinematográficas, colaborando com várias instituições culturais (Cinemateca Portuguesa, Culturgest, Teatro Rivoli, festival internacional Danças na Cidade) e diversificando estratégias de criação e de imagem à volta dos temas do nomadismo e do interculturalismo (os filmes A audiência, 24h e Outra Terra, Taraf, três contos e uma balada, a instalação CCM – Centro Comercial da Mouraria). Na área da dança, filma vários espectáculos de coreógrafos portugueses e desenvolve uma reflexão sobre o encontro da imagem em movimento e a dança contemporânea (os filmes Crashlanding em Lisboa, Jérôme bel, le fil, 14 movimentos na cidade, as instalações vídeo Sequência para um estado de graça, Jbel, 3 planos em montagem horizontal). Em 2004/2005 realiza dois filmes documentário sobre artes performativas e práticas interculturais: O Encontro e Le réseau. Trabalha actualmente na realização de um projecto sobre o retrato em movimento, tendo criado em 2003-2004 as instalações CHANT portraits e MOUVEMENT portraits.



### Ficha Técnica:

Realização: Luciana Fina  
Guião: Luciana Fina  
Montagem: Marcelo Felix, Luciana Fina  
Imagem: Luciana Fina  
Som: Luciana Fina  
Produção: Catarina Saraiva, Hugo Quinta / Alkantara

### Contacto:

Alkantara  
Rua Camilo Castelo Branco, 33-3º  
1150-083 Lisboa  
tel: 213 152 267  
Fax: 213 151 368

### e-Mail:

bojana.bauer@alkantara.pt

## Aquecimento

DvCam, 14', 2004..

### Sinopse:

O trabalho das atrizes e dos actores de teatro. Bastidores. Preparação. Aquecimento.

### Biofilmografia:

**Miguel Ribeiro** realizou, para além deste *Aquecimento*, o documentário *Uma Vontade maior que o Mundo*, premiado no Festival Internacional Massimo Troisi (Itália, 2003); o documentário *Outras vozes da América*, seleccionado para a Mostra DocLisboa de 2003; a curta-metragem *Interrogatório Legal*, menção honrosa do Júri de imprensa no Festival X, Caminhos do Cinema Português (2003).



### Ficha Técnica:

Realização: Miguel Ribeiro  
Guião: Miguel Ribeiro  
Montagem: Luís Vaz  
Imagem: Luís Vaz  
Som: Luís Vaz  
Produção: Luís Vaz / Bookcase

### Contacto:

Bookcase  
Apartado 1020 Sintra Vila  
2711 – 801 Sintra  
tel/fax: 219 209 772

### e-Mail:

bookcase@mail.pt

# Detrás do Traço



Espreitar, quase que por detrás, o momento da criação de uma obra. Acto de descoberta, ou de revelação, num campo onde a matéria do cinema e os materiais das artes plásticas se tocam amiúde..

## As minhas mãos são o meu olhar

MiniDv, 74', 2005.

#### Sinopse:

José Coelho é escultor. Inspira-se nas coisas simples da terra onde vive e tem as suas raízes. Conta-nos como transforma o que vê, o que sente, naquilo que os outros vêem de si: a sua arte. Ele mostra-nos, sobretudo, porque é que não conseguiria viver sem moldar com as mãos aquilo que o seu olhar alcança.

#### Sinopse:

#### Nota de intenções:

Pretende-se com este filme documentar algumas etapas fulcrais na vida do escultor José Coelho, as quais coincidiram na sua intenção de construir um percurso artístico. José Coelho não pôde estudar enquanto criança; não cresceu no seio de uma família onde houvesse um ambiente artístico, ou propenso à criação artística; viveu (e vive) numa localidade ribatejana, longe dos principais pólos de concentração de informação, de protagonistas e de decisão; nunca pôde fazer da arte – pela qual sente desmesurada paixão – a sua profissão. Advém daqui a possibilidade de vermos nele uma manifestação de vontade, de espontaneidade e de quase obsessão pela obra de arte.

#### Biofilmografia:

**João Pedro Luz** nasceu em Coimbra, em 1971. Passou a sua infância e adolescência na vila ribatejana de Riachos, onde actualmente reside. Estudou Comunicação em Lisboa, onde viveu e trabalhou durante 14 anos. Foi também redactor publicitário, designer gráfico, empresário, professor, treinador desportivo e assessor de imprensa. Hoje é argumentista e ‘videasta’. Realizou *O Dilema de Heimlich* em 2003 e *A Culpa*, em 2005; escreveu os seguintes argumentos: *Seis Graus de Separação*, (longa-metragem), *Rosas Vermelhas*, (longa-metragem), *Todos os Dias* (curta-metragem), *Seara Alheia* (curta-metragem), *Bleep* (curta-metragem).

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

### Expansão do Microcosmos Tentacular

MiniDv, 43', 2005.

#### Sinopse:

#### Sinopse:

De vez em quando sonha que o seu corpo deixa de sentir a força da gravidade e começa a levantar voo? O realizador acompanhou a artista plástica Suzanne Themlitz durante todo o processo de um trabalho: no atelier, em passeios, pesquisas, deambulações e divagações. Fez entrevistas à artista e documentou o percurso até à instalação final de *Oh La La ... Oh La Balançoire / Microcosmos Tentacular*, integrada na exposição Vidas Imaginárias na Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa em 2004/ 2005.

#### Biofilmografia:

Nasceu em 1967. Estudos Superiores de Artes Plásticas na Academia de Kassel, fotografia e filme na Escola Superior de Media (KHM) em Colónia. Licenciatura e MA em 1996. Vive e trabalha em Lisboa. Realizou (selecção): *Secret Rhythms – Burnt Friedman and Jaki Liebezeit* (doc, 2004); *Os Outros* (ficção/doc, 2003); *Verfallen* (exp, 2002); Galeria dos Solitários, Carrancudos, e Encimesmados (doc, 2001); *Lauscher* (Eavesdropper) (curta, 2000); *Tagesschu* (curta, 1999); *Von Menschen und Stieren* (doc, 1998).

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:



<b>Ficha Técnica:</b>
Realização: João Luz
Guião: João Luz
Montagem: João Luz
Imagem: João Luz
Som: João Luz
Produção: João Luz
<b>Contacto:</b>
João Luz
Rua dos Condes 7ª
2350-358 Riachos
tel: 969 926 363
<b>e-Mail:</b>
Joao_p_luz@sapo.pt

<b>Ficha Técnica:</b>
Realização: Thom de Bock
Guião: Thom de Bock
Montagem: Cologne Laboratories
Imagem: Thom de Bock
Som:Thom de Bock
Produção: Thom de Bock /Cologne Laboratories
<b>Contacto:</b>
Thom de Bock
<b>e-Mail:</b>
sintra@netcologne.de



<b>Ficha Técnica:</b>
Realização: Thom de Bock
Guião: Thom de Bock
Montagem: Cologne Laboratories
Imagem: Thom de Bock
Som:Thom de Bock
Produção: Thom de Bock /Cologne Laboratories
<b>Contacto:</b>
Thom de Bock
<b>e-Mail:</b>
sintra@netcologne.de

## Um quadro de rosas

DvCam, 25', 2004.

#### Sinopse:

As rosas não se explicam!, quem o diz é Emídio Aleixo. Pintor. Noctívago. Vegetariano. Fumador. É uma pincelada única, intuitiva, sem estudos... Entramos no seu atelier, para acompanhar a pintura de um quadro de rosas. Oportunidade também para conhecer os seus gestos, a sua música, o seu trabalho, as suas histórias. O seu rosto, nunca.

#### Sinopse:

#### Nota de intenções:

Que sentido faz filmar alguém que recusa o registo da sua fisionomia? E que sentido é que faz, basear a construção da identidade da pessoa filmada, apenas na sua fisionomia? E as mãos, os gestos, as hesitações, a voz? A aparente limitação de não poder filmar o rosto obrigou a câmara a demorar-se com outros aspectos, usualmente secundarizados perante a presença de um rosto, visível e identificável. Não ver a cara pode ser um caminho para encontrar o coração.

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

### Estórias da Pintura

MiniDv, 90', 2004.

#### Sinopse:

#### Sinopse:

Viagem pela pintura portuguesa da segunda metade do século XX através do olhar e das estórias do seu principal marchand e do seu mais coerente coleccionador, Manuel de Brito.

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Nota de intenções:

Manuel de Brito, organiza, com peças da sua colecção, exposições à volta do mundo divulgando a pintura portuguesa da segunda metade do Século XX. É essa pintura que pretendemos divulgar, num documentário de 90 minutos que se organiza como uma visita guiada por Manuel de Brito às peças da sua colecção. Uma visita que é, ao mesmo tempo, uma viagem no tempo, o tempo português que Manuel de Brito e os pintores com quem se relacionou ajudaram a acelerar.

#### Biofilmografia:

**Miguel Ribeiro** realizou, para além deste *Um quadro de rosas*, o documentário *Uma Vontade maior que o Mundo*, premiado no Festival Internacional Massimo Troisi (Itália, 2003); o documentário *Outras vozes da América*, seleccionado para o DocLisboa de 2003; a curta-metragem *Interrogatório Legal*, menção honrosa do Júri de imprensa no Festival X, *Caminhos do Cinema Português* (2003).

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:



<b>Ficha Técnica:</b>
Realização: Miguel Ribeiro
Guião: Miguel Ribeiro
Montagem: Luís Vaz
Imagem: Miguel Ribeiro
Som: Luís Vaz
Produção: Luís Vaz / Bookcase
<b>Contacto:</b>
Bookcase
Apartado 1020 Sintra Vila
2711-801 Sintra
tel/fax: 219 209 772
<b>e-Mail:</b>
bookcase@mail.pt

<b>Ficha Técnica:</b>
Realização: Joana Pontes
Guião: Diana Adringa
Montagem: Rui Branquinho
Imagem: João Ribeiro
Som: António Pedro Figueiredo
Música: Nuno Maló
Produção: Gonçalo Galvão Teles / Pado Filmes
<b>Contacto:</b>
Pado Filmes
Rua Gonçalves Zarco, 18-5ºDto
1400-191 Lisboa
tel: 213 021 032
fax: 213 021 042
<b>e-Mail:</b>
fadofilmes@mail.telepac.pt



<b>Ficha Técnica:</b>
Realização: Joana Pontes
Guião: Diana Adringa
Montagem: Rui Branquinho
Imagem: João Ribeiro
Som: António Pedro Figueiredo
Música: Nuno Maló
Produção: Gonçalo Galvão Teles / Pado Filmes
<b>Contacto:</b>
Pado Filmes
Rua Gonçalves Zarco, 18-5ºDto
1400-191 Lisboa
tel: 213 021 032
fax: 213 021 042
<b>e-Mail:</b>
fadofilmes@mail.telepac.pt

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

#### Sinopse:

## Dariel – entrevista a um estudante cubano

MiniDv e Super 8, 24', 2005.

#### Sinopse:

Este documentário tem como fio condutor o depoimento resultante de uma entrevista efectuada a Dariel – um estudante cubano que prepara a sua saída de Cuba a fim de prosseguir os seus estudos na Europa.

Ao discurso fluído acerca da sociedade cubana e da situação de mudança que se adivinha no país, sobrepõe-se um olhar sobre o quotidiano de pessoas comuns. Todo o depoimento aparece aqui como a voz-off de uma reflexão que se entende transversal à sociedade cubana. Dariel desenvolve um conceito de “camaleão” associado ao comportamento social dos cubanos entre si e face ao poder político. Uma análise exaustiva que ainda assim deixa em aberto um futuro emergente de mudança, mas no qual ele já não participará.

#### Nota de intenções:

Esta foi a última entrevista feita por mim, na sequência de inúmeras outras efectuadas em Cuba. Foi o resultado de um encontro ocasional num táxi a caminho do aeroporto de Havana onde finalmente alguém aceita falar abertamente e sem auto-censura de um problema transversal a todo o povo cubano. As imagens procuraram uma aproximação a um quotidiano ao qual se assiste livremente – uma realidade que não se esconde – mas que se mascara no confronto.

#### Biofilmografia:

Este é o seu primeiro trabalho enquanto realizador. Segue-se uma lista de alguns dos trabalhos feitos enquanto Assistente de Imagem e Director de Fotografia.

Como Director de Fotografia: *Loto de Whip my Hip* (vídeo-clip de Carlos Cipriano) em 2005; *Sidarta de Alternative Asylum* (vídeo-clip António Pedro Nobre e Marta Ribeiro), 2004; *Bunny Ranch de Bunny Ranch* (vídeo-clip de António Pedro Nobre e Marta Ribeiro) em 2003.

Como Primeiro Assistente de Imagem: em 2005 *Mar Angolar* (Documentário de Ângelo Torres); em 2004 *Bico* (Documentário de Aki Kaurismäki); em 2004 *Stadium* (Documentário de Edgar Pera); em 2003 *A Curta Mais Longa* (Documentário de António Nobre e Marta Ribeiro); em 2003 *Cowboys na Ant. M. Cardoso* (Curta-Metragem de João Pinto Nogueira); em 2003 *O Comboio da Canhoca* (Longa Metragem de Orlando Fortunato); em 2002 *Sans Elle* (Longa Metragem de Anna da Palma).



#### Ficha Técnica:

Realização: Mário Costa

Guião: Mário Costa

Montagem: Mário Costa

Imagem: Mário Costa e Leandro Vaz da Silva

Som: Mário Costa

Produção: Mário Costa

#### Contacto:

Mário Costa

#### e-Mail:

mariomelocosta@yahoo.com

## A Conversa dos Outros

MiniDv, 22', 2005.

#### Sinopse:

Numa cabine telefónica em Portugal, imigrantes brasileiros vêm repetir o mesmo gesto de ligação entre os dois lados do Atlântico. No relato do quotidiano, escutamos o que dizem e suspeitamos o que ouvem, num espaço indeterminado entre o público e o privado, o individual e o colectivo.

#### Nota de intenções:

Pretendemos instalar um dispositivo, simultaneamente rígido e frágil, que nos permitisse a aproximação à realidade quotidiana dos imigrantes brasileiros a partir de uma situação que, ao ser recortada, deixasse quase tudo de fora em relação ao que vemos. Dentro e fora do filme.

#### Biofilmografia:

**Constantino Martins** nasceu em 1974, em Lisboa. Estudou Filosofia e licenciou-se na Universidade Nova de Lisboa. Realizou o documentário *Morabeza* (2004) entre Cabo Verde e Lisboa e co-realizou *Amador* (2001), sobre o fado vadio. Prepara actualmente o documentário *O Passo Seguinte*, sobre a habitação de uma casa de abrigo para mulheres vítimas de violência doméstica.

**Nuno Lisboa** nasceu em 1974, em Lisboa. É professor na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha. Licenciou-se em Ciências da Comunicação na Universidade Nova de Lisboa. Realizou vários documentários em vídeo, entre os quais *180 Graus – Investigação De Gustav Deutsch* (2001) e *Pão* (1997). Prepara actualmente o documentário *Retrato Acidental* – o percurso por um museu de retratos dos mortos em acidentes nas estradas portuguesas.



#### Ficha Técnica:

Realização: Nuno Lisboa, Constantino Martins

#### Contacto:

Nuno Lisboa

Rua Sebastião Saraiva Lima, 47-2º D

1170-344 Lisboa

tel: 218 140 304

#### e-Mail:

nunolisboa@sapo.pt

# Do Sair



Vêm de outros lugares e cruzam, agora, connosco na rua. Fica sempre a interrogação, a curiosidade, a necessidade de conhecer mais sobre quem saiu do círculo dos seus e procura, num sítio distante e diverso, algo diferente que os valorize. Como é que se vivem estes movimentos hoje??

## Carta de Chamada

Betacam, 65', 2004.

##### Sinopse:

No dia 23 de Dezembro de 1952, o Giovanna C. chegou ao grande porto de Santos, no Brasil. Era um dos muitos navios que cruzavam o Atlântico para emigrantes europeus desembarcarem nos países da América do Sul. Para muitos portugueses foi o fim de uma viagem sem regresso. Na mala todos levavam uma carta de chamada, documento oficial obrigatório para poderem ficar no Brasil como emigrantes. E, alguns, desembarcaram também com uma fotografia tirada a bordo. Fernanda guardou para sempre essa fotografia. A imagem mostra-a ao lado de outras mulheres e homens, em torno de uma bóia de salvação. É o retrato de uma geração, de um pedaço de Portugal que atravessou o Atlântico em busca de uma vida dourada num país que fala a mesma língua. Mais de 50 anos depois, o que aconteceu a estes homens e mulheres que o acaso de um dia da viagem juntou num instante a preto e branco?

##### Biofilmografia:

Para além deste *Carta de Chamada*, **Cristina Ferreira Gomes** realizou *Mulheres ao Mar*, em 2000.

##### Nota de intenções:

Quando Fernanda Rodrigues me mostrou com orgulho a fotografia onde surge rodeada de 9 pessoas no início do que seria uma verdadeira aventura, senti no silêncio do seu olhar uma viagem no tempo, emotiva. Ali estavam, presas num pequeno rectângulo de papel, num preto e branco que se tornara sépia, 10 pessoas que decidiram deixar o país porque este parecia já não as querer. Aqueles homens e mulheres, reunidos em torno de um bóia, e os outros que viajavam no mesmo navio mas não surgem na fotografia, partilharam sonhos e a euforia de chegar a um país desconhecido que julgavam prometer riqueza. Hoje formam o que considero ser a imagem de uma geração, de um período da história portuguesa e brasileira. Para mim, aquela fotografia, imagem de uma época, transformou-se numa imensa interrogação: saber o que mais de 50 anos depois, aquelas pessoas fizeram dos seus sonhos, a que mundos deram origem. *Carta de Chamada* é uma procura do que resta de um pedaço de Portugal que fugiu para o outro lado do Atlântico, para uma terra em que se comunica na mesma língua. E é um olhar sobre as reviravoltas da história: Portugal continua a ser um país de emigrantes, mas com outros destinos. O Brasil tornou-se um país de emigrantes com muitos destinos, um deles Portugal.



##### Ficha Técnica:

Realização: Cristina Ferreira Gomes
Guião: Cristina Ferreira Gomes
Montagem: Helena Alves
Imagem: J Miguel Salles Lopes
Som: Armanda Carvalho
Produção: Lila Lacerda / Nanook

##### Contacto:

Nanook
Av Elias Garcia,57 – 7º
1000-148 Lisboa
Tel. 21 78 18 800
Fax. 21 78 18 808

##### e-Mail:

cristinafg@sapo.pt

## Cold Water

Betacam, 5'56", 2004.

##### Sinopse:

Não há uma pessoa no mundo que tenha escolhido o lugar para nascer. Há fronteiras que basta um braço estendido para serem atravessadas. Para que serve uma fronteira?

##### Nota de intenções:

Teresa Villaverde foi a cineasta escolhida pela produtora Zemtropa para representar Portugal no projecto Visões da Europa. Cold Water foi realizado no âmbito deste projecto, e é um dos 25 filmes realizados por um dos 25 realizadores participantes, todos oriundos de um dos países da União Europeia.

##### Biofilmografia:

**Teresa Villaverde** nasceu em Maio de 1966, em Lisboa. Nos anos 80 participou como atriz, co-autora e co-encenadora no Grupo de Teatro da Escola Superior de Belas Artes. Ainda nos anos 80 participa como atriz no fime *À Flor do Mar* de João César Monteiro. Trabalha como assistente de montagem no filme *Serenidade* de Rosa Coutinho Cabral, como assistente de realização no filme *Vertigem* de Leandro Ferreira. Assiste às filmagens d’ *O Desejado* de Paulo Rocha como assistente de anotadora, é co-argumentista com José Álvaro de Moraes no filme inédito *A Corte do Norte* e com João Canijo no filme **A Filha da Mãe**. No início da década de noventa começa a sua actividade como realizadora: *A Favor da Claridade*, 2003; *Água e Sal*, 2001; *Os mutantes*, 1998; *Três Irmãos*, 1994; *A Idade Maior*, 1991.



##### Ficha Técnica:

Realização: Teresa Villaverde
Guião: Teresa Villaverde
Montagem: Teresa Villaverde, Andrée Davanture
Produção: Maria João Mayer, François D’Artemare, Filmes Tejo

##### Contacto:

Filmes do Tejo
Av. da Liberdade, 85, 3º andar
1250-140 Lisboa
tel: 213 234 400
fax: 213 471 087

##### e-Mail:

filmesdotejo@filmesdotejo.pt

## Contrastes

MiniDv, 5', 2005.

##### Sinopse:

Um documentário sobre as três principais zonas de Varsóvia. As mudanças que uma cidade passou. A zona histórica, o centro financeiro e o bairro de Praga.

##### Biofilmografia:

Primeiro filme de Miguel Sanches e Sofia Arriscado, realizado como exercício de escola, na ETIC.



##### Ficha Técnica:

Realização: Miguel Sanches Cunha e Sofia Arriscado
Guião: Miguel Sanches Cunha, Sofia Arriscado, Miguel Quental
Montagem: Miguel Quental
Imagem: Miguel Quental
Som: Miguel Sanches Cunha, Sofia Arriscado, Miguel Quental
Produção: Miguel Sanches Cunha, Sofia Arriscado, Miguel Quental / etic\_

##### Contacto:

etic\_
Rua D. Luís I,6
1200-151 Lisboa
tel: 213 942 550

##### e-Mail:

info@etic.pt

## Death by Water

MiniDv, 24', 2004.

##### Sinopse:

Serguilei abandonou a sua terra natal, a Sibéria. Atravessou o velho continente em direcção ao mar. Serguilei desembarcou em Lisboa cheio de ilusões, uma mala cheia de poesia e canções. Como tantos outros povoa silencioso as ruas da cidade de Lisboa.

##### Nota de intenções:

Não se pretende com este registo criar um dogma, uma estatística, um barómetro. Não se pretende fazer luz sobre a vida dos emigrantes de leste em Portugal. A Lisboa onde nasci é a Lisboa que cria espaço para Serguilei Mahlakov existir, partilhar gestos pequenos, confidenciar. Um perfil subjectivo de um homem enredado nas impressividades dos afectos contraditórios.

##### Biofilmografia:

Primeiro filme de **Renato Amaral**, realizado como exercício de escola, na etic\_.



##### Ficha Técnica:

Realização: Renato Amaral
Guião: Paulo da Fonseca
Montagem: Renato Amaral, Paulo da Fonseca, Jorge Martins
Imagem: Filipe Jorge
Som: Paulo da Fonseca, Renato Amaral
Produção: Paulo da Fonseca / etic\_

##### Contacto:

etic\_
Rua D. Luís I,6
1200-151 Lisboa
tel: 213 942 550

##### e-Mail:

info@etic.pt

## Slava – As Palavras

DvCam, 42', 2005.

### Sinopse:

Entre nós, um pouco por todo o país, vivem hoje milhares de imigrantes provenientes das mais variadas regiões do leste europeu. Ao chegarem, não conhecem nem a língua nem a cultura do país que os recebe. Este documentário estabelece contacto com alguns deles para descobrir o papel das palavras na nova vida que têm de construir: as palavras que não conhecem e têm de aprender; as palavras que partilham entre si e lhe recordam a terra natal; e, finalmente, as palavras novas com as quais criam e recriam a sua e a nossa língua.

### Biofilmografia:

**Sónia Ferreira** e **José Cavaleiro Rodrigues** realizaram em 2005 o filme *Bairro Comum*. Também em 2005 Sónia Ferreira co-realizou com outras realizadoras o filme *Príncipe Real*, produção do Nucivo.



### Nota de Intenções:

O projecto para este documentário nasceu da sensação de estarmos a viver momentos irrepetíveis, tempos de transição que só podiam ser captados agora que esta comunidade começa a instalar-se. A língua, o modo como a manipulam nos seus usos ainda rudimentares, os obstáculos que ela lhes cria em termos de integração, são um reflexo através do qual podemos ter uma primeira imagem da sua condição, dos seus projectos e das dificuldades que estão a enfrentar.

### Ficha Técnica:

Realização: Sónia Ferreira, José Cavaleiro Rodrigues  
Guião: Sónia Ferreira, José Cavaleiro Rodrigues  
Montagem: Sónia Ferreira, José Cavaleiro Rodrigues  
Imagem: Sónia Ferreira, José Cavaleiro Rodrigues  
Som: Sónia Ferreira, José Cavaleiro Rodrigues  
Produção: Videoteca Municipal de Lisboa

### Contacto:

Sónia Ferreira

### e-Mail:

soniaferreira@vizzavi.pt

# Filmes Sobre Filmes



Quando um filme reflecte sobre si próprio, quando nos segreda as suas expectativas e objectivos, quando se expõe nesse sentido, é também ponto de partida para observar a linguagem em si, o próprio modo como se filma. Se no documentário tudo pode desenvolver-se numa atitude que permite que a linguagem seja pensada, então o encontro destas duas interrogações é oportunidade privilegiada para meditar sobre o todo.



## Buenos Aires Hora Zero

Betacam, 69', 2004.

**Sinopse:**

Colónia do Sacramento é uma cidade no Uruguai fundada pelos portugueses no séc.XVII. Dizia-se que ali ainda vivia um homem que seria descendente dos fundadores. Partindo à procura desse homem, o filme segue o seu rasto até à grande metrópole de Buenos Aires que nos revela as suas cicatrizes, memórias e personagens.

**Notas:**

**Nota de intenções:**

*Buenos Aires* é um projecto em que o meu empenho e interesse encontra motivações várias. Por isso resolvi inventar esta premissa narrativa: a busca deste descendente de antigos colonizadores portugueses não passa de um invento ficcional que funciona como “motor” para encontrar outras coisas. Talvez para ir ao encontro das minhas próprias raízes em terras tão distantes. A minha história pessoal levou-me até Colónia do Sacramento, bem perto de Buenos Aires. Mas ao regressar a Lisboa, investigando para um outro documentário sobre o meu bisavô (Vianna da Motta, *Cenas Portuguesas*), descobri que em meados do Séc. XVIII, um meu antepassado teria sido governador da então cidade portuguesa Colónia do Sacramento. Além disso, uma das filhas de Vianna da Motta, minha tia-avó, teria nascido em Buenos Aires durante uma das tournées que Vianna da Motta efectuou nos anos vinte. Dizem que na vida não existem coincidências. No cinema também não. Por isso o ponto de partida deste documentário é fabricado, de modo a que qualquer semelhança com a realidade (não) seja mera coincidência.

**Notas:**

**Referências:**

**Links:**

### Bubbles, 40 anos à procura de sabe-se lá o quê

Betacam, 60', 2005.

**Sinopse:**

A Helena e o Paulo andaram dez anos a perguntar às pessoas se eram felizes. Interrogaram os estudantes de uma universidade de elite na América e um pastor do Nepal que acreditava que a terra é plana. E também os monges na Índia à procura da iluminação, uma mulher do Alentejo agarrada aos velhos tempos e pescadores de Aveiro que riam à custa de fingir o mar... Depois o Paulo voltou para os Estados Unidos para fazer um doutoramento sobre a felicidade. Então encontraram quatro estudantes que se dedicavam a reinventar a vida e que os deixaram a pensar o que é que tinham andado a fazer estes anos todos. E foi assim que o Paulo e a Helena se viram obrigados a voltar atrás no tempo e a tentar desaprender tudo o que a vida nos ensina de errado. Em busca da iluminação, da criatividade e de gozar a vida.

**Biofilmografia:**

Realizador de vários documentários desde 1995, formou-se em Lisboa na Escola Superior de Teatro e Cinema, tendo completado os seus estudos em Cuba (Escuela Internacional de Cine y Tv de San Antónío de los Barios) e Nova York (New York Film Academy) onde realizou a curta de ficção *In life as in death*. Desde 1989 tem trabalhado como técnico de som em diversas longas-metragens, curtas e documentários. Da sua filmografia contam-se os filmes: *Buenos Aires Hora Zero* (2004), *Quem é Ricardo?* (Curta, 2004), *Pastoral* (Curta, 2004), *Sofia de Mello Breyner Andersen* (2001), *Anos de Guerra – Guiné 1963-1974* (2000), *Vianna da Motta, Cenas Portuguesas* (1999), *Por cima de Pedra e Vento, Fica Quem Mora em Marvão* (1999); *... e assim nasceu a ilha de Timor* (Curta, 1998), *O Livro e a Viagem Sem Limites* (1997), *Moita, Uma Terra em Festa* (1997), *In life as in death* (1995), *Veterano de 95* (1995).

**Notas:**

**Referências:**

**Links:**



<b>Ficha Técnica:</b>
Realização: José Barahona
Guião: José Barahona
Montagem: Pedro Baptista, Luís Correia, José Barahona
Imagem: Sebastian Mignogna
Som: José Caldararo
Produção: Luís Correia / Lx Filmes
<b>Contacto:</b>
Lx Filmes
Rua Vale Formoso, 114 A, Armazém 23
1950-285 Lisboa
tel: 218 650 490
fax: 218 650 499
<b>e-Mail:</b>
lxfilmes@hotmail.com

**Notas:**

**Referências:**

**Links:**

**Referências:**

**Links:**

**Referências:**

**Links:**



<b>Ficha Técnica:</b>
Realização: Helena Lopes e Paulo Nuno Lopes
Guião: Helena Lopes e Paulo Nuno Lopes
Montagem: Pedro Duarte, Helena Lopes
Imagem: Helena Lopes e Paulo Nuno Lopes
Som: Helena Lopes e Paulo Nuno Lopes
Produção: Luís Correia / Lx Filmes
<b>Contacto:</b>
Lx Filmes
Rua Vale Formoso, 114 A, Armazém 23
1950-285 Lisboa
tel: 218 650 490
fax: 218 650 499
<b>e-Mail:</b>
lxfilmes@hotmail.com

**Notas:**

**Referências:**

**Links:**

## Preto & Branco

DvCam, 12', 2004.

**Sinopse:**

*Preto & Branco* é um documentário sobre si mesmo, uma visão e uma homenagem à riqueza e relatividade da imagem a preto e branco. É uma viagem feita a partir dos olhos de um narrador que nos leva numa viagem pelo imaginário colectivo, partindo de uma perspectiva muito peculiar.

**Notas:**

**Biofilmografia:**

**João Rodrigues** nasceu em 1981 em Portugal. Estudou música e línguas como cadeiras principais na Escola Secundária. Em 2004 acabou a licenciatura na Universidade Católica Portuguesa em “Som e Imagem”. *Preto & Branco* é o seu filme de final de curso e participou nos seguintes festivais: Menção Honrosa no I Festival de Ausiovisual em Preto e Branco (Porto); Selecção Oficial no Festival Internacional de Curtas Metragens de Vila do Conde; Selecção Oficial no 5th International film camera festival (Bitola, Macedonia); Selecção Oficial no 6th international panorama of independent film (Thessaloniki, Greece); Selecção Oficial no Docupólis- 4th International documentary festival (Barcelona, Spain); Selecção Oficial no Docudays, 6th Beirut international documentary festival (Beirut, Lebanon), entre outros. Em Julho de 2005 terminou o seu segundo documentário *Alexandrino*. Actualmente vive em Berlim e está a produzir o seu próximo projecto: *Es war Einmal*.

**Notas:**

**Referências:**

**Links:**

**Referências:**

**Links:**

**Referências:**

**Links:**

**Notas:**

**Referências:**

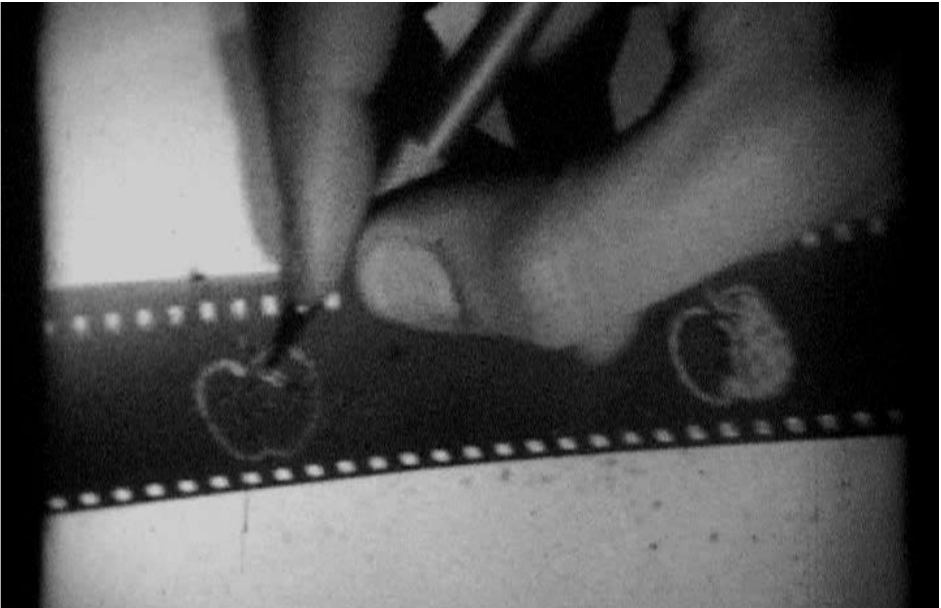
**Links:**

<b>Ficha Técnica:</b>
Realização: João Rodrigues
Guião: João Rodrigues and Frederico Lobo
Montagem: João Rodrigues and Frederico Lobo
Imagem: João Rodrigues and Frederico Lobo
Som: Nuno Monteiro
Música: Mário Carneiro
Produção: Filipe Couto / Universidade Católica Portuguesa
<b>Contacto:</b>
Universidade Católica Portuguesa
Jaime Neves
GAPSI – Rua Diogo Botelho, 1327
4169-005 Porto
tel: 226 196 200
fax: 226 196 291
<b>e-Mail:</b>
gapsi@porto.ucp.pt
jneves@porto.ucp.pt

**Notas:**

**Referências:**

**Links:**



**Notas:**

**Referências:**

**Links:**

**Referências:**

**Links:**

**Referências:**

**Links:**

**Referências:**

**Links:**

**Referências:**

**Links:**

**Referências:**

**Links:**

**Referências:**

**Links:**

**Referências:**

**Links:**

**Referências:**

**Links:**

**Referências:**

**Links:**

**Referências:**

**Links:**

**Referências:**

**Links:**

**Referências:**

**Links:**

**Referências:**

**Links:**

**Referências:**

**Links:**

**Referências:**

**Links:**

**Referências:**

**Links:**

**Referências:**

**Links:**

**Referências:**

**Links:**

**Referências:**

**Links:**

**Referências:**

**Links:**

**Referências:**

**Links:**



**O PASSE PARA OS FESTIVAIS**

[www.festforward.com](http://www.festforward.com)

PRODUÇÃO

VIDEOTECA  
Municipal de Lisboa

APOR DOC  
Associação pelo Documentário

APOIOS

ICAM

MIC  
MINISTÉRIO DA CULTURA

Metropolitano de Lisboa

carris

SONY

